

MASTOLOGIANEWS

Publicação oficial da Sociedade Brasileira de Mastologia – Número 27 – Dezembro de 2024

EDIÇÃO ESPECIAL 65 ANOS

A SBM NA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA

A evolução na luta pela qualidade

As origens da especialidade

A trajetória no Brasil

Os avanços e a projeção do futuro

Depoimentos de quem fez e faz a instituição

Os profissionais além do trabalho



A SBM NA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA

65 anos de evolução na luta pela qualidade

2024

Presidente: Augusto Tufi Hassan
Vice-Presidente Nacional: Cícero de Andrade Urban
Secretário-Geral: Roberto Kepler da Cunha Amaral
Secretária-Adjunta: Annamaria Massahud Rodrigues dos Santos
Tesoureira-Geral: Rosemar Macedo Sousa Rahal
Tesoureiro-Adjunto: André Mattar
Vice-Presidente Região Norte: Ewaldo Lúzio Fôro de Oliveira
Vice-Presidente Região Nordeste: Maciel de Oliveira Matias
Vice-Presidente Região Sul: Felipe Pereira Zerwes
Vice-Presidente Região Sudeste: Mônica Vieira M. Travassos Jourdan
Vice-Presidente Região Centro-Oeste: Rodrigo Pepe Costa
Editor da Revista Mastology: Rafael Henrique Szymanski Machado
Diretor da Escola Brasileira de Mastologia: Guilherme Novita Garcia
Presidente do Conselho Deliberativo: Vilmar Marques de Oliveira
Assessoria Especial: Antonio Luiz Frasson
Assessoria Especial: Carlos Alberto Ruiz
Assessoria Especial: Ruffo de Freitas Júnior
Assessoria Especial – Revista Mastologia News: José Luiz Pedrini

Comissão Científica: Gil Facina, Beatriz Baaklini Geronimo, Luiz Ayrton Santos Júnior, Felipe Eduardo Martins de Andrade, Rene Aloisio da Costa Vieira

Comissão de Ética: Clécio Ênio Murta de Lucena, Antonio Fernando Melo Filho, Marco Antônio Rodrigues Freire Matias

Comissão de Título de Especialista em Mastologia – TEMA: Francisco Pimentel Cavalcante, Alessandra Borba Anton de Souza, Ana Cláudia Imbassahy de Sá, Daniel de Araújo Brito Buttros, Eduardo Camargo Millen, Leonardo Ribeiro Soares, Andressa Gonçalves Amorim, Heverton Leal Ernesto de Amorim, Idam de Oliveira Junior

Aleitamento Materno: Mayka Volpato dos Santos Vello, Rosangela Gomes dos Santos, Danielle Mussoi Esser, Marcelo Moura Fé Lima, Marisa Farias Pinto de Queiroz Neta

Cuidados Paliativos: Bruna Anderson

Departamento de Atenção e Cuidados a Comunidade LGBTQIAP+: Carlos Alberto Ruiz

Cirurgia: Fábio Bagnoli, Cesar Augusto Costa Machado, Felipe Pereira Zerwes, Lecticia de Siqueira Ribeiro Rios, Lincon Jo Mori, Leônidas Souza Machado, Maria Carolina Soliani Bastos, Renata Suzuki Brondi, Vilmar Marques de Oliveira

Comunicação e Marketing: Cícero de Andrade Urban, Annamaria Massahud Rodrigues dos Santos, Andressa Gonçalves Amorim, Augusto Tufi Hassan, Carlos Alberto Ruiz, Carolina Fontes Teive e Argolo Gonçalves, Rosemar Macedo Sousa Rahal, Roberto Kepler da Cunha Amaral, Thamyse Fernanda de Sá Dassie

Direitos da Paciente: Fabiana Baroni Alves Makdissi, Fernanda Barbosa Coelho Rocha, Patrícia Aguiar Bellini

Honorários Médicos: Paulus Fabrício Mascarenhas Ramos, Alexandre José Calado Barbosa, Alexandre Marchiori Xavier de Jesus, José Luis Esteves Francisco, Fernanda Werner Dutra, Nilton Cezar de Oliveira Bessa

Imagem: Henrique Lima Couto, Gustavo Machado Badan, Alexandre Vicente de Andrade, Bertha Andrade Coelho, Giuliano Tavares Tosello, Henrique Alberto Portella Pasqualette, Heverton Leal Ernesto de Amorim, Lise Reis Melo, Makey Rodrigo Zortéa, Paula Cristina Saab, Roberto Hernandez Giordano, Rodrigo Pepe Costa, Thaís Paiva Moraes

Oncogenética: João Henrique Penna Reis, Alessandra Borba Anton de Souza,

Rodrigo Santa Cruz Guindalini, Maria Isabel Alves De Souza Waddington Achatz

Oncoplastia: Régis Resende Paulinelli, Maurício de Aquino Resende, Ailton Joioso, Ângela Erguy Zucatto, Carlos Gustavo Crippa, Cícero de Andrade Urban, Clécio Ênio Murta de Lucena, Daniel Meirelles Barbalho, Darley de Lima Ferreira Filho, Elvis Lopes Barbosa, Evandro Fallaci Mateus, Fábio Bagnoli, Fabrício Palermo Brenelli, Idam de Oliveira Junior, João Ricardo Auler Paloschi, Jorge Villanova Biazus, José Francisco Rinaldi, Luiz Fernando Jubé Ribeiro, Márcia Portela de Melo, Mario Casales Schorr, René Aloisio da Costa Vieira, Rodrigo Cericatto, Vilmar Marques de Oliveira

Pesquisa Clínica: José Luiz Pedrini, Ruffo de Freitas Júnior, André Mattar, Fabio Postiglione Mansani, Marcelo Antonini

Políticas Públicas: Sandra Marques Silva Gioia, Daniel de Araújo Brito Buttros, Cléber Sérgio da Silva, Paula Cristina Saab, Victor Rocha Pires de Oliveira

Relações Internacionais: Fabrício Palermo Brenelli

Residência Médica: Adriana Akemi Yoshimura, Mônica Duarte Pimentel, Gabriela Ramos Alves, José Pereira Guará, Lilian de Sá Paz Ramos, Marcus Nascimento Borges

Terapia Sistêmica: Fabio Postiglione Mansani, Franklin Fernandes Pimentel, Ruffo de Freitas Júnior, José Luiz Pedrini, André Mattar, Tomás Reinert, Maria Cristina Figueroa, Carlos Henrique dos Anjos, Angelica Nogueira Rodrigues, Aline Coelho Gonçalves, Romualdo Barroso, Daniel Argolo

MASTOLOGIANEWS

Editor responsável: José Luiz Pedrini

Editor: Elizário Goulart Rocha

Editora de Arte: Elise Correa

Tiragem: 4.000 exemplares

Uma linda história



Augusto Tufi Hassan
Presidente da SBM

Com muito orgulho escrevo este editorial da revista que celebra os 65 anos da Sociedade Brasileira de Mastologia. Coube a mim o privilégio de comandar a entidade em um momento em que recordamos a linda história que vem sendo construída de forma sólida pela nossa sociedade.

Ao longo das mais de 100 páginas desta edição histórica, registramos um pouco do que é a mastologia e a SBM, e enalteçamos os nomes daqueles que a criaram, a fizeram crescer e se tornar tão relevante no cenário da medicina brasileira, e seguem honrando a instituição em seus 65 anos de trajetória.

Na primeira parte desta edição, veremos um pouco

da história da mastologia, de como o trato das doenças da mama se iniciou muitos séculos atrás, contando mais com a intuição e métodos primitivos, até chegar no grande nível de conscientização, conhecimento, equipamentos e medicamentos com os quais podemos contar hoje em dia.

Na sequência, abordamos o surgimento e a evolução da SBM, que foi fundada em julho de 1959, mas que teve sua primeira reunião de fato realizada em 7 de dezembro daquele ano. São seis décadas e meia nas quais nossa sociedade tem se destacado por uma atuação voltada à qualificação de seus profissionais, à luta pela adoção de políticas públicas que garantam acesso universal, completo e de qualidade às pacientes com doenças mamárias, sobretudo o câncer de mama, um problema de saúde pública no Brasil, com 70 mil novos casos a cada ano. Sempre em busca de preservar vidas e garantir qualidade de vida, razão de ser da medicina.

Depois de uma passagem pela história da mastologia e da SBM, temos artigos e de-

poimentos de profissionais que ajudaram e seguem ajudando a escrever a nossa história.

Contamos ainda com as sempre apreciadas páginas dedicadas a mostrar um pouco da vida dos mastologistas além do trabalho.

Por fim, a galeria dos ex-presidentes, homenageando a todos que tiveram a mesma maravilhosa oportunidade que tenho hoje de conduzir a SBM, e a lista de todos os nossos associados, um reconhecimento ao fato de que a SBM é construída por todos.

Fizemos o possível, dentro de limitações de tempo e espaço, para retratar da forma mais adequada a história da instituição e das pessoas que a fizeram e fazem crescer e se consolidar como uma das mais respeitadas sociedades médicas do Brasil.

Espero que apreciem estas páginas produzidas com a colaboração de muitos, do passado e do presente da SBM. Que o futuro da sociedade seja ainda mais brilhante, com a união dos mastologistas na luta incansável e inegociável pela qualidade.

Nossa querida MN e os 65 anos da SBM



José Luiz Pedrini

Editor MN

Há mais de dez anos tenho a honra de ser, em nome da SBM, o responsável pela edição desta revista. Ao longo deste tempo, as páginas da MASTOLOGIA^{News} abraçaram produtivas discussões científicas no tradicional *MN Pergunta*, a cobertura de alguns de nossos maiores eventos, notícias de nossas lutas por melhores políticas públicas de saúde, as propostas de documentos históricos como a Carta de Gramado e a Carta de Porto Alegre, o trabalho prestimoso dos grupos de voluntárias da mama, os avanços tecnológicos, as pesquisas clínicas conduzindo a novos e revolucionários medicamentos, entre tantos temas importantes para nossa especialidade.

Mas o que caracteriza nossa querida MN, e faz com que ela siga cada vez mais forte e prestigiada, é o fato de sempre ter dedicado espaço também para as atividades dos mastologistas fora dos consultórios, dos hospitais ou das salas de congressos. Porque além do sucesso na medicina, é importante que celebremos a vida de outras e variadas formas.

Porque além de sermos mastologistas, algo que nos enche de satisfação e justificado orgulho, somos seres humanos, com nossas queridas famílias, nossos gostos pessoais, nossos passatempos, nossas atividades “lá fora”. E é isso, e não apenas a qualificação técnica, que nos torna completos e, portanto, capazes de prestar um atendimento de qualidade.

Nesta edição especial, alusiva aos 65 anos da SBM, criada em 6 de julho de 1959, e que realizou sua primeira reunião em 7 de dezembro daquele ano, na sede do INCA, trazemos um pouco da história da especialidade no mundo e no Brasil. Uma história escrita por profissionais com muita dedicação, por vezes

enfrentando todo tipo de dificuldades e carências, mas sempre avançando em busca do que nos é mais precioso e razão de ser da medicina: preservar vidas e garantir a todos qualidade de vida. Mastologistas que nos deixaram um belo legado, outros tantos que já contribuíram muito e seguem na luta pelo engrandecimento da mastologia, enquanto novas gerações de especialistas vão agregando novas ideias e iniciativas. Vários deles participam desta edição.

Com dedicação e carinho, buscamos refletir, a cada edição de MN, um pouco do que somos e fazemos em prol da sociedade a fim de honrar os objetivos da revista quando de sua criação por Alfredo Barros.

Quando digo que nesta edição especial contamos “um pouco” da história da SBM é porque esta história de dedicação e conquistas é por demais rica para se esgotar em algumas páginas e segue sendo escrita a cada dia por todos aqueles que atuam na mastologia e fazem da SBM uma instituição da qual todos podemos nos orgulhar. Nossa querida SBM.



Pacientes, voluntárias, famosas que enfrentaram a doença, obras de arte retratando a mama, personagens históricos e avanços da especialidade ilustraram a capa da revista nos últimos dez anos. Trabalho realizado com carinho de mastologistas para mastologistas.



UMA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA

UMA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA

NA PÁGINA 8:
Vênus no Espelho
(*Venere allo Specchio*),
Ticiano, circa 1555.

Uma de várias versões produzidas pelo autor, esta obra foi a primeira a introduzir no tema – retratado por vários pintores – a figura do cupido.

Galeria Nacional de Arte
dos EUA, Washington, D.C

NESTA PÁGINA:
Vênus de Willendorf
(*Venus Von Willendorf*)
Circa 24.000 a.C.

A estatueta do período
paleolítico foi descoberta
no início do século XX,
na Áustria, pelo arqueólogo
Josef Szombathy.

Museu de História
Natural de Viena

O avanço da medicina através dos tempos levou ao surgimento das especialidades, o que propiciou ao médico se dedicar a uma área de conhecimento específica dentro da profissão, na qual aprofunda seus conhecimentos e passa a atuar com exclusividade. Obviamente, todas as especialidades são importantes, pois tratam da preservação da vida e da qualidade de vida dos pacientes, cada uma com papel da maior relevância em seu escopo. Da mesma forma, cada uma tem suas particularidades e seus significados.

A mastologia é certamente uma das especialidades mais ricas em simbologia, uma vez que as mamas estão diretamente ligadas aos conceitos de feminilidade e maternidade. É igualmente representativa da beleza e da sensualidade da mulher. A palavra mama dá origem a “mamíferos”, utilizada para descrever a classe de animais na qual se inclui a espécie humana, e “amamentação”, alimentação primal dessas espécies.

Tal transcendência garantiu às mamas papel de destaque nas artes das mais variadas épocas,

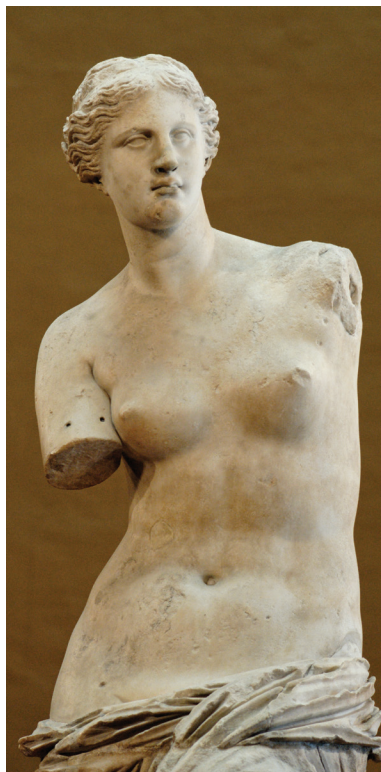
regiões e culturas. A imagem que ilustra esta página, por exemplo, a Vênus de Willendorf (circa 24.000 a.C.), a escultura mais antiga que chegou aos nossos tempos, retrata uma mulher com realce das mamas e do ventre. Já na página ao lado está uma das esculturas mais famosas do mundo, a Vênus de Milo, uma mulher com as mamas desnudas. Dois entre milhares de exemplos do tema tão recorrente nas manifestações culturais da humanidade.



A pintura é outro ramo da arte que dedicou alguns de seus melhores esforços a obras nas quais a mama e sua simbologia, tanto de maternidade, quando de sensualidade, foi devidamente explorada, seja no Ocidente, cuja produção conhecemos de modo mais amplo, seja no Oriente. Vários volumes não esgotariam este assunto.

Um médico de qualquer especialidade, ao lidar com o paciente, tem de levar em conta não apenas os aspectos clínicos, mas também questões emocionais que podem influenciar no sucesso, ou não, do tratamento. O mastologista, em especial, sabe que está lidando com uma questão bastante sensível, e acaba por desenvolver uma série de habilidades que vão muito além do mero domínio das técnicas.

Um câncer de mama, ponto central das mastologia, não bastasse implicar risco de morte, ameaça despojar a mulher de sua plenitude, com efeitos que ultrapassam largamente o aspecto físico. Mesmo em caso de remissão da doença, os danos emocionais podem se revelar permanentes. Uma vez preservada a vida, é preciso zelar tam-



Vênus de Milo
Atribuída a Alexandros de
Antioquia, circa 130 a.C.

A obra grega, representação de Afrodite, deusa do amor e da beleza, é uma das esculturas mais famosas do mundo.

Museu do Louvre, Paris

bém pela manutenção da qualidade vida.

O avanço das técnicas e do conhecimento, o aperfeiçoamento dos mastologistas, o surgimento de novos métodos e equipamentos de diagnóstico, as pesquisas clínicas que proporcionam o desenvolvimento de novos e promissores medicamentos, tudo contribui para reduzir a mortalidade e preservar a qualidade de vida de milhões de mulheres no mundo.





A Liberdade Guiando o Povo
(*La Liberté Guidant le Peuple*),
Eugène Delacroix, 1830.

Considerada a primeira obra política da pintura moderna, celebra a revolução francesa que levou à queda de Carlos X. O homem de cartola é um autorretrato de Delacroix.

Museu do Louvre, Paris

UMA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA

O Fantasma de Dario
Aparecendo para Atossa
(*The Ghost of Darius
Appearing to Atossa*)
George Romney (1734–1802).

Walker Art Gallery, Liverpool



O que veremos a seguir são trechos de *Histórias* (450-430 a.C.), do grego Heródoto, o livro em prosa extensa mais antigo que chegou até nossos dias. Apelidado por Cícero de “Pai da História”, Heródoto foi o precursor de escritos que relatavam fatos reais com alguma precisão e um toque de ficção.

Histórias é também a primeira obra literária a fazer referência a um tumor no seio.

mulher de Dario, foi acometida de um tumor no seio, que tomou logo grandes proporções. Enquanto o mal não se agravou, ela ocultou-o de todos, por pudor, mas quando viu que adquiria aspecto alarmante mandou chamar Demócedes e mostrou-lho. Demócedes prometeu curá-la se ela promettesse, sob juramento, satisfazer um pedido seu, assegurando-lhe que não exigiria nada capaz de envergonhá-la.

“Curada pelos remédios de
“(...) Atossa, filha de Ciro e Demócedes, Atossa cumpriu o

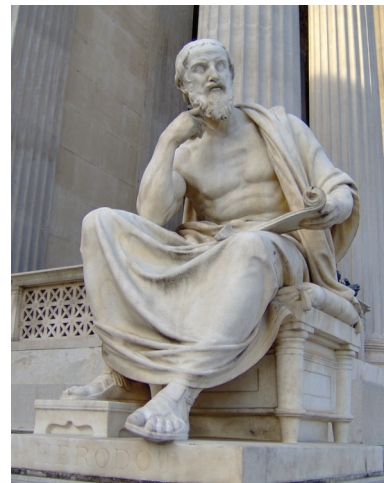
que havia prometido. Achando-se no leito com Dario, falou-lhe nestes termos: “É para admirar, senhor, que tendo tantas tropas à vossa disposição, permaneçais tranquilamente no vosso palácio, sem procurar conquistar outros países e estender os limites do vosso império. Acho, entretanto, ser conveniente para um monarca jovem e possuidor de grandes riquezas assinalar-se por atos que revelem aos seus súditos terem eles um homem de valor dirigindo os seus destinos. Sou, pois, de opinião que deveis movimentar os vossos exércitos em busca de novas conquistas, e isso por duas razões: primeiro, para mostrar aos Persas que eles possuem um rei cheio de coragem e galhardia; segundo, para que as atribulações da guerra, evitando-lhes a ociosidade, não os leve a revoltar-se contra vós. Procurai, pois, realizar algumas grandes conquistas enquanto sois jovem. A alma cresce com o corpo, mas, à medida que o corpo envelhece, a alma envelhece também, desaparecendo o entusiasmo para toda e qualquer ação.

“Tuas observações – respondeu Dario – concordam com os

meus propósitos. Eu já havia planejado marchar contra os Citas, fazendo construir, para esse fim, uma ponte ligando o nosso continente ao outro. Dentro de muito pouco tempo poderei levar a cabo esse plano.

“Senhor – voltou Atossa –, não comeceis, peço-vos, pelos Citas; eles estarão em vosso poder quando assim o quiserdes; marchai, antes, contra a Grécia. O que me disseram, senhor, sobre as mulheres desse país, levaram-me a desejar ardentemente ter a meu serviço lacedemônias, árgias, atenienses e coríntias. Possuís aqui a pessoa mais indicada para vos instruir sobre tudo que diz respeito à Grécia e para vos servir de guia nessa expedição: refiro-me ao médico que vos curou da torcedura.

“Já que julgas assim – respondeu Dario –, comecemos pela Grécia. Parece-me, antes de tudo, muito a propósito mandar alguns persas com o homem de que falas para tomar conhecimento exato do país; na volta, eles me instruirão sobre tudo que viram e observaram, e então, marcharemos contra os gregos”.



Monumento a Heródoto, o “Pai da História” na entrada do parlamento austríaco, em Viena.

Pe-Jo

UMA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA



Edwin Smith (1822-1906) em retrato pintado em 1847 por Francisco Anelli.

Coleção da New York Historical Society – National Library of Medicine/USA

Dario deu-se pressa em executar o que dissera. Logo ao raiar do dia, mandou chamar quinze persas entre os de maior destaque no país e encarregou-os de acompanhar Demócedes e de fazer com ele um reconhecimento completo de todas as regiões litorâneas da Grécia, recomendando-lhes, sobretudo, que mantivessem o médico sob constante vigilância, a fim de que ele não lhes escapasse, e a voltar com ele, acontecesse o que acontecesse. Dadas essas ordens, instruiu Demócedes sobre a missão, dizendo-lhe que regressasse logo que tivesse mostrado aos persas toda a Grécia. Instruiu-o também a levar consigo todos os bens que recebera, para presentear com eles seus pais e parentes, prometendo indenizá-lo com o cêntuplo do valor por eles representados, e acrescentando que esses presentes e muitas outras riquezas seriam transportados em um navio que o acompanharia até o ponto de destino. As promessas do soberano eram, segundo creio, sinceras; mas Demócedes, julgando que ele queria apenas experimentá-lo, aceitou todos esses favores sem nenhum entusiasmo. Quanto aos bens que lhe pertenciam, declarou que os deixaria em Susa, a fim de

dispor dos mesmos quando regressasse. Contentou-se com o navio de carga posto à sua disposição, a fim de levar presentes aos irmãos.”

Histórias trouxe-nos a primeira referência a um tumor no seio em uma obra literária, realçando o quanto a doença de Atossa teria, mesmo que involuntariamente, influenciado os rumos da Humanidade, mas não foi o primeiro registro histórico da doença. A primazia no tema coube ao *Papiro de Edwin Smith*, documento com 4,5 metros de largura por 33 centímetros de altura datado de cerca de 1.700 a.C., “descoberto” em janeiro de 1862 na cidade de Luxor, no Egito, pelo americano que lhe deu o nome.

Smith não foi de fato seu descobridor, uma vez que comprou o documento, possivelmente de saqueadores de tumbas, embora oficialmente o tenha arrematado das mãos de comerciantes legais. Apesar de ser um egptólogo reconhecido, Smith nada publicou a respeito. Após sua morte, em 1906, o documento foi doado à Sociedade Histórica de Nova York, mas somente em 1930 James Henry Breasted



(curiosamente “breast” significa mama, em inglês) publicou uma tradução comentada em dois volumes. O mais antigo tratado de medicina de que se tem notícia apresenta 48 casos clínicos, dos quais oito se referem a ulcerações mamárias, sendo um dos pacientes do sexo masculino. De acordo com o papiro, a doença, para a qual não havia cura, era

tratada mediante cauterização, numa técnica descrita com o assustador nome de “a prática do incêndio”.

O documento encontrado por Edwin Smith era, presume-se, uma transcrição de originais produzidos entre 3.000 a.C. e 2.500 a.C. por Imhotep, ao qual se atribui a condição de primeiro médico da história.

O Papiro de Edwin Smith (*Edwin Smith Papyrus*),
circa 1.700 a.C.
Academia de Medicina
de Nova York.

Documento encontrado no século XIX é presumivelmente uma transcrição de originais escritos por Imhotep entre 3.000 a.C. e 2.500 a.C.

UMA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA



A Invocação de Imhotep, óleo sobre tela de Ernest Board. O título da obra revela o tamanho que Imhotep alcançou no imaginário egípcio da época.

Wellcome Collection Gallery, Londres

Imhotep valeu-se de seus múltiplos conhecimentos para atingir em vida os graus de vizir e alto-sacerdote, tendo sido depois deificado. Médico, escritor, astrônomo, poeta e arquiteto, é lembrado em especial por ter projetado a primeira das célebres pirâmides do Egito.

Mesmo tendo sido tudo o que foi e feito tudo o que fez, Imhotep acabou por ter seu

nome celebrizado no final do século XX como o maligno e vingativo personagem central do filme *A Múmia*, na pele do ator Arnold Vosloo (papel interpretado pelo lendário Boris Karloff na precária versão original de 1932). Uma heresia hollywoodiana. No filme, o sacerdote Imhotep fora enterrado vivo, acusado de conspiração depois de se apaixonar por uma concu-

bina do faraó. Quando sua tumba é aberta por um saqueador, ele volta disposto a reconquistar a amada e se vingar do mundo.

A despeito desta caricatura irrelevante, o legado de Imhotep à medicina foi grandioso e a contribuição à mastologia, considerável, levando-se em conta que Hipócrates (460-377 a.C.), o “Pai da Medicina”, faz apenas duas referências a tumores nos seios ao longo de seus sete volumes de tratados médicos. Já o câncer, de modo geral, possui registros mais amplos e ainda mais antigos, que remontam ao tempo dos dinossauros, tendo sido encontrados sinais da doença em alguns fósseis daqueles animais. Mas o homem pré-histórico provavelmente pouco contato teve com essa enfermidade em função da curta duração da vida naquele tempo.

A história da mastologia confunde-se com as histórias do câncer e da cirurgia, procedimento usual em muitos casos de câncer de mama, tanto por razões reconstrutivas, quanto estéticas. A reconstrução de uma parte do corpo, por sinal, ajudou a impulsionar a cirurgia

na Índia, em cerca de 300 a.C., quando os adúlteros, prisioneiros de guerra e outras categorias socialmente condenáveis pelos padrões da época eram punidos com a amputação do nariz. Na reconstrução utilizavam-se retalhos de tecido da testa. Como os prisioneiros eram muitos e os adúlteros também, a técnica se desenvolveu bastante no período. A trajetória da cirurgia teve momentos de retrocesso, como na Idade Média, quando era malvista pela Igreja, que a considerava uma prática bárbara.

A medicina conviveria ainda por muito tempo com as tais práticas bárbaras, em especial até a descoberta da anestesia, aplicada com sucesso pela primeira vez diante da comunidade científica pelo dentista americano William T. G. Morton, em 16 de outubro de 1846, embora já tivesse sido utilizada antes, principalmente por outro dentista americano, Horace Wells. Depois de publicar, em 1847, *A História da Descoberta da Aplicação do Óxido Nitroso, do Éter e de outros Gases em Cirurgia*, Wells, àquela altura já viciado em clorofórmio, largou a profissão e se suicidou no ano seguinte.



Estatueta de Hipócrates, o “Pai da Medicina”.

Pixabay

UMA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA

Retrato de James Syme
por John Adamson, 1855.

James Syme publicou *Os
Princípios da Cirurgia*,
obra na qual descreveu
pela primeira vez a técnica
da amputação da mama.



O primeiro a adotar o termo “anestesia” – do grego *ais-thesis* (faculdade de sentir) com o prefixo *anef* (sem) – foi provavelmente Discórides de Anazarba, autor da obra *De Materia Medica*, a maior referência em drogas medicinais por várias gerações, cujos manuscritos, datados do primeiro século depois de Cristo – mas publicados so-

mente em 1478 –, registravam o uso de uma infusão de vinho, ópio, mandrágora e meimendo. Desde então, muitas substâncias foram utilizadas com este propósito, inclusive um litro de bom scotch para retirar uma bala do corpo de um pistoleiro em má jornada, cena celebrizada pelos filmes de cowboy.

Um pouco antes do surgi-



mento da anestesia, o escocês James Syme publicou, em 1842, *Os Princípios da Cirurgia*, no qual descreveu pela primeira vez a técnica de amputação da mama. Syme, discípulo do notável pioneiro Robert Liston, celebrou-se como cirurgião, sendo que muitas de suas operações se tornaram clássicos da medicina. Poderia, no entanto, ter entrado

para a história por outro motivo: aos 18 anos, já revelando grande apreço pela pesquisa científica, com especial predileção pela química, descobriu um método de impermeabilização de tecidos, invenção que, por falta de oportunidade ou de iniciativa dele, acabaria sendo patenteada meses depois por seu conterrâneo Charles Macintosh.

A Lição de Anatomia de Velpeau para Caridade (*La Leçon d'anatomie de Velpeau a la Charité*), François-nicolas-Augustin-Feytaud-Perrin, 1864.

Velveau publicou o primeiro tratado inteiramente dedicado às doenças da mama.

Museu de Tours, França.





Retrato de Joseph Lister,
circa 1865.

Lister, precursor da cirurgia
antisséptica, utiliza ácido fênico
para limpeza do local em uma
de suas primeiras operações.

Pharmacal Lambert Company,
Palmetto, EUA.

UMA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA

NA PÁGINA AO LADO:
Billroth no Auditório
(*Billroth im Hörsaal*)
por Adalbert Franz Seligman,
circa 1880.

O cirurgião Theodor Billroth
durante aula no Hospital
Geral de Viena.

Galeria Nacional da Áustria,
Viena.

Um marco na história da mastologia ocorreu em 1856, quando Alfred Velpeau publicou *Um Tratado das Doenças da Mama e da Região Mamária*, a primeira obra a se dedicar inteiramente ao assunto. “Destruir um tumor canceroso por meios cirúrgicos em geral representa uma tarefa fácil e pouco perigosa em si mesma; porém surge a dúvida se esse procedimento representa uma chance de cura radical para a paciente”, escreveu.

O célebre cirurgião parisiense, sob vários aspectos, estava à frente de seu tempo, tendo sido, inclusive, um dos impulsionadores da obstetrícia. Ao contrário da maioria dos médicos da época, que consideravam o parto um procedimento de menor importância – em parte talvez pela competição muitas vezes desfavorável com as parteiras –, Velpeau defendia a necessidade de especialização, pois o procedimento requeria, entre outros, conhecimentos de anatomia, fisiologia, embriologia e cirurgia.

Conforme afirmou o britânico James Paget, em 1863, acreditava-se que não havia recuperação para uma paciente com câncer de mama e que a extirpação da glândula, além de traumá-

tica e arriscada, não passava de uma tentativa inútil. Tal concepção perdurou até 1867, quando Charles H. Moore defendeu na Real Sociedade de Medicina, em Londres, a retirada não apenas da mama, mas de todos os tecidos adjacentes invadidos pelo tumor – incluindo pele, tecido celular subcutâneo, linfonodos e músculos peitorais. A tese fazia parte de um estudo que procurava explicar as causas dos fracassos nas cirurgias e das recidivas. Moore estabeleceu as bases da mastectomia radical estendida à área periférica da glândula, sendo por isso reconhecido como “pai da moderna cirurgia da mama”, embora na época suas teorias encontrassem dificuldades de comprovação efetiva devido à falta de conhecimentos e recursos para se realizar procedimentos de alta complexidade.

Três anos depois, em 1870, Lord Joseph Lister, cirurgião e pioneiro da infectologia, logrou êxito ao realizar uma remoção mamária com simultâneo esvaziamento axilar precedido do seccionamento dos músculos peitorais, seguindo alguns preceitos de Moore acrescidos de medidas de antisepsia e drenagem da ferida operatória.



UMA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA

NA PÁGINA AO LADO:
William Stewart Halsted,
1905.

Halsted, que realizou a primeira
mastectomia radical, observa
um exame de raios-X
no Hospital Johns Hopkins.

Instituto Nacional
de Saúde dos EUA.

O americano Joseph Pancoast colaborou para a evolução da técnica: “(...) a limpeza da axila é um aspecto necessário da cirurgia pois, em alguns casos, além de gânglios aumentados encontraremos outros menos comprometidos que não pareciam afetados, tampouco eram palpáveis externamente.”

Os alemães concederam expressiva contribuição à técnica. Theodor Billroth, um dos maiores nomes na história da medicina germânica, dissertou sobre a circulação das células malignas até os linfonodos e também alertou para a necessidade de remoção dos tecidos subjacentes ao tumor. Kuster, Schmidt, Gussenbauer, Heidenhain e Aristide Von Neuil também tiveram papel de relevo nas pesquisas sobre cirurgia da mama no final do século XIX.

Os avanços se aceleravam naquele período. No estudo *As Doenças da Mama*, publicado em 1887, por exemplo, o britânico Thomas Bryant descreveu em detalhes, pela primeira vez, o carcinoma inflamatório da mama. Mas o próximo grande passo na história da mastologia teria lugar nos Estados Unidos.

Os Resultados das Operações para a Cura do Câncer de Mama Realizadas no Hospital John Hopkins de Junho de 1889 a Janeiro de 1894, de William Stewart Halsted, ocuparam 60 páginas da edição de novembro de 1894 de *Anais da Cirurgia* – “a revista mensal da ciência cirúrgica”, que entrara em circulação em 1885 e é publicada até hoje –, metade das quais destinadas a gráficos e ilustrações.

No dia 2 daquele mês, o cirurgião nova-iorquino apresentou à comunidade científica, reunida na Sociedade Clínica de Maryland, as conclusões acerca de uma técnica que praticava havia mais de dez anos.

Desde 1892, Halsted realizava cirurgias de retirada total da glândula mamária, dos músculos pequeno e grande peitoral, dos linfonodos da região axilar – invadidos ou não – e dos tecidos subcutâneos adjacentes, tendo sido o pioneiro da mastectomia radical, técnica que ganhou o mundo e se tornou referência para os mastologistas até além da metade do século XX, graças à significativa redução das recidivas locais e ao baixo índice de comprometimento axilar.

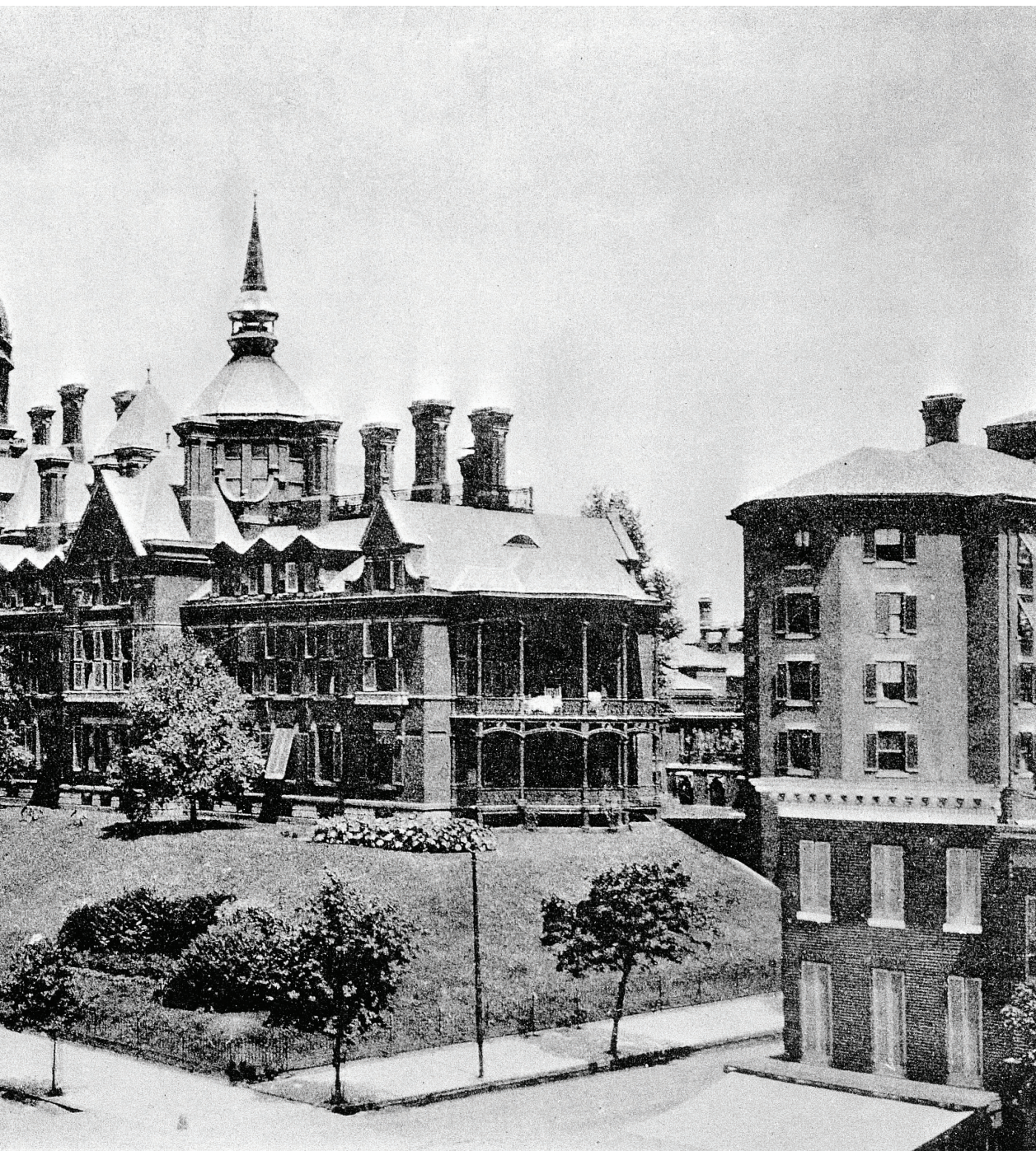


UMA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA

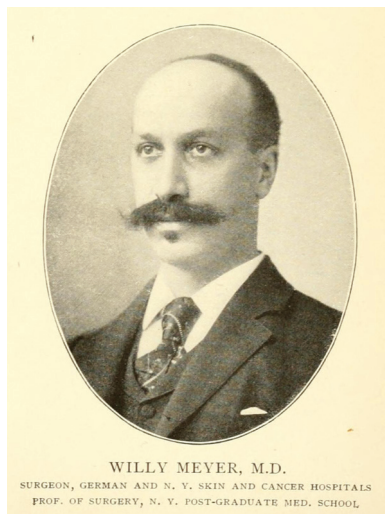
Retrato de 1905 do
Johns Hopkins Hospital,
em Nova York,
no qual Halsted
desenvolveu
sua técnica.

Wellcome Collection Gallery.





UMA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA



Willy Meyer em retrato publicado no volume Notáveis de Nova York 1896-1899.

Meyer desenvolveu a técnica da mastectomia radical ao mesmo tempo em que Halsted.

Como ocorre tantas vezes na História – e como aconteceu com o impermeável de James Syme –, a técnica da mastectomia radical foi desenvolvida ao mesmo tempo, mas de modo independente, tanto por Halsted quanto por Willy Meyer, embora tenha cabido ao primeiro o papel de maior destaque. Meyer, nascido na Alemanha e radicado nos Estados Unidos, apresentou suas conclusões apenas dez dias depois de Halsted, em 12 de novembro de 1894, na Academia de Medicina de Nova York. Oficialmente, no entanto, a primeira mastectomia radical de Halsted ocorreu em 1892 e, a de Meyer, em 1891.

Descobertas praticamente simultâneas são comuns na medicina, como na ciência em geral, e ambos os trabalhos tiveram a seriedade e a utilidade reconhecidas – até porque, procedimentos como a extirpação do grande peitoral, considerada um aspecto decisivo da mastectomia radical, para ficarmos em um único exemplo, havia sido realizada pelo francês Barthélemy Cabrol já em 1570, e seria praticada por vários outros cirurgiões nos séculos seguintes.

O mérito maior de Halsted e Meyer residiu principalmente na união de vários procedimentos complementares e em sua sistematização. A similaridade dos métodos fez com que muitos mastologistas se referissem à “técnica de Halsted-Meyer”, embora o nome de Halsted seja mais diretamente associado ao procedimento, o que é justo, uma vez que ele, além de divulgá-lo primeiro, realizou mais de 50 cirurgias do gênero antes de anunciar os resultados, enquanto Meyer não passou de meia-dúzia, número considerado precário para a apresentação de conclusões científicas.

Já no início do século XX, o americano William Sampson Handley ratificou a necessidade de ressecções amplas e do esvaziamento ganglionar – estudos comprovaram que havia disseminação do tumor para estas áreas em um terço das mastectomias radicais. Tal conclusão acabaria por dar origem às mastectomias radicais ampliadas. Já a busca de um tratamento conservador se mostraria mais realista somente com o advento da radioterapia.

Ainda que viesse sendo utilizada desde o século anterior

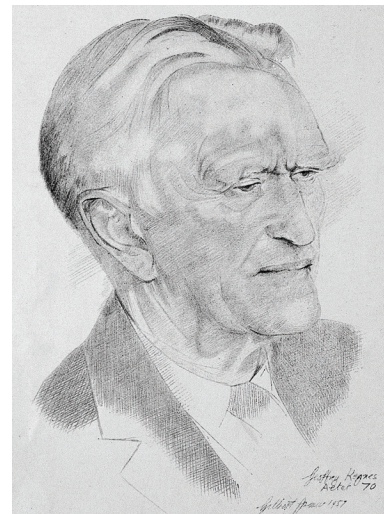
– Émil Grubbeé (1875-1960), o pioneiro, tratou com radiação duas pacientes com câncer de mama em janeiro de 1896 –, foi a partir de 1920 que a radioterapia passou a ser considerada instrumento efetivo de combate à doença, embora por muito tempo ainda tenha sido indicada apenas como complemento à mastectomia, e não no tratamento primário do câncer. Era, ainda, empregada de forma indiscriminada, sem levar em conta a gravidade do tumor ou a extensão da área eventualmente invadida.

Dois estudos divulgados no final dos anos 1930, um na França e outro na Inglaterra, forneceram subsídios importantes para o avanço da radioterapia no combate ao câncer de mama. Em 1937, o britânico Geoffrey Keynes publicou os resultados obtidos junto a mais de 300 pacientes nas quais realizara tumorectomia – extirpação apenas do tumor e de parte do tecido adjacente, ainda que não atingido – seguida do implante de agulhas de radium na mama e nas áreas de drenagem, as quais não apresentaram diferenças significativas em cinco anos em relação às pacientes que haviam

se submetido a mastectomia radical. A conclusão semelhante chegaram os franceses André Tailhefer, Georges Gricouloff e François Baclesse, conforme revelaram em artigo publicado dois anos depois. Pesquisas do gênero foram realizadas também em países como Canadá e Estados Unidos.

No final dos anos 1950, as mastectomias radicais modificadas passaram a ser consideradas no mínimo tão eficazes quanto a radical de Halsted. A técnica de Patey indicava a retirada do músculo peitoral menor, enquanto a de Madden recomendava a preservação de ambos os músculos peitorais. Estudos posteriores comprovaram a maior sobrevivência das pacientes e o melhor controle local proporcionados pela cirurgia radical modificada.

A moderna mastologia começou a ganhar forma nos anos 1970 em países como Itália, Estados Unidos, França e Inglaterra. Os esforços britânicos concentraram-se em especial no grupo liderado por Hedley Atkins, professor do Guy's Hospital e presidente do Real Colégio de Cirurgiões de Londres.



Sir Geoffrey Keynes
em retrato de 1957.

Keynes publicou resultados obtidos em mais de 300 pacientes nas quais realizara tumorectomia.

G. Shaw/Wellcome Images
Library.

UMA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA

NA PÁGINA AO LADO:
Umberto Veronesi
em Milão, Itália.

Veronesi (1925-2016)
posa durante
conferência de imprensa
ao ser indicado ao
Prêmio Nobel, em 2005.

Giuseppe Cacace/
Instituto Nobel.

Os britânicos foram os primeiros a realizar um estudo aprofundado – envolvendo 376 casos, entre 1961 e 1971 – destinado a determinar até que ponto as técnicas conservadoras poderiam alcançar os resultados produzidos pela mastectomia radical, tendo ambos os grupos recebido radioterapia, com resultados favoráveis à segunda.

Da França veio a experiência do Instituto Gustave-Roussy, levada a cabo entre 1970 e 1982 em mais de 757 pacientes, combinando cirurgia conservadora e radioterapia, com sobrevida em torno de 90% em cinco anos e de 80% em dez anos.

Já o americano Bernard Fisher descreveu o câncer de mama como uma doença sistêmica, cujo diagnóstico tomaria por parâmetro a capacidade – ou não – do tumor em desenvolver metástase por disseminação hematogênica.

Tal pressuposto serviu de base para o desenvolvimento da cirurgia com preservação de tecido mamário. Fisher celebrou-se como adversário de primeira hora da mastectomia radical. Em editorial no *New England Journal of Medicine*, em 1979, ele propôs

o abandono da técnica de Halsted como modelo, considerando-se as muitas evidências já existentes da eficácia da mastectomia parcial em casos de tumores de pequeno porte.

A afirmação de Fischer veio ao encontro dos estudos desenvolvidos pelo grupo de Milão, encabeçado por Umberto Veronesi, o “papa” da moderna mastologia. A partir de estudos promovidos desde o início dos anos 1970 no Instituto de Milão, Veronesi formulou o conceito da quadrantectomia, uma técnica cirúrgica de retirada somente do “quadrante” da mama que contém o tumor primário e dos linfonodos axilares, apoiada por radioterapia no restante da mama.

A pesquisa clínica realizada junto a mais de 700 pacientes – em parte submetidas a mastectomias radicais e, em parte, a cirurgias conservadoras – e divulgada no início dos anos 1980, revelou eficácia similar e resultado estético satisfatório do procedimento conservador. Em editorial publicado em 7 de julho de 1981, *The New York Times*, o jornal mais influente do mundo, afirmou que tumores de mama de pequeno porte, detectados precocemente,



exigiam apenas uma mastectomia parcial, com a preservação da maior parte possível da mama, sem prejuízo, e com todas as vantagens em relação à mastectomia radical. Opinião de tal peso ajudou a sepultar eventuais

polêmicas ainda resistentes. O tratamento conservador, graças a uma geração de mastologistas, cujo maior ícone é Umberto Veronesi, consagrou-se como o procedimento mais indicado na maioria dos casos.

UMA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA



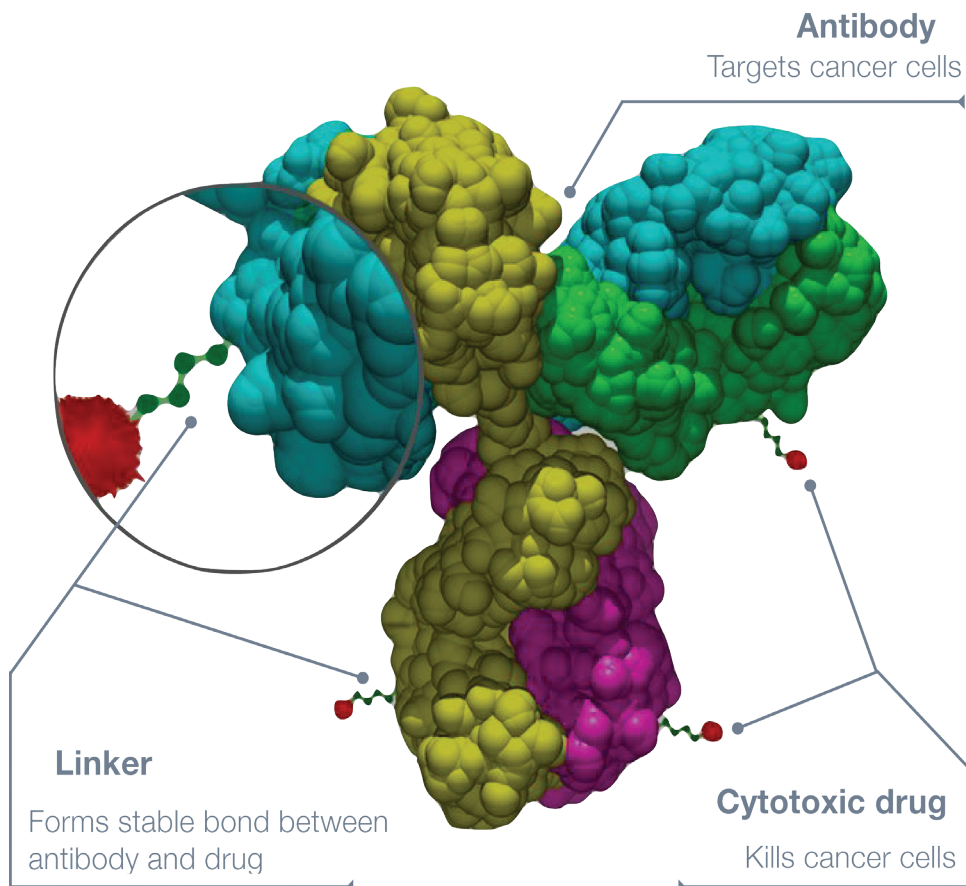
Os avanços da ciência, cada vez mais acelerados, impulsionam a mastologia rumo ao futuro.

Divulgação.

Método que, somado a novas técnicas, medicamentos revolucionários, exames mais precisos e acessíveis, médicos mais bem treinados e pacientes cada vez mais conscientes, ajuda a construir um novo caminho para a mastologia, no qual o câncer de mama será cada vez mais controlado, menos mortal, embora as condições variem muito de país

para país, ou entre regiões de um mesmo país, como é o caso do Brasil. De todo modo, os avanços ocorrem em velocidade cada vez maior.

Recursos com a telemedicina, a teleconsulta e as videoconferências médicas, que ganharam impulso a partir da pandemia de Covid-19, obviamente não substituem o “presencial”, mas



são um instrumento a mais quando isto não for possível.

A pesquisa clínica tem levado ao desenvolvimento de medicamentos cada vez mais promissores, caso dos Conjugados Anticorpo-Droga (ADCs, *na sigla em inglês*), cujos resultados tem surpreendido os cientistas com benefício importante quando comparados às melhores dro-

gas utilizadas até então.

O câncer de mama é um problema mundial e os índices de mortalidade ainda são muito elevados, mas as chances de sobrevida e a qualidade de vida das pacientes já avançaram de maneira exponencial desde os sombrios tempos em que a única possibilidade era a “prática do incêndio.”

O desenvolvimento de drogas como os ADCs, dão nova esperança de redução da mortalidade e da melhoria da qualidade vida das pacientes.

Divulgação.



A SBM E A MASTOLOGIA NO BRASIL

A SBM E A MASTOLOGIA NO BRASIL

NA PÁGINA 36:
Primeira Equipe de Patologia
Mamária, Instituto do Câncer.
Rio, 1959.

O pioneiro Alberto Coutinho
com Nélon Augusto
Rodrigues, Clóvis Andrade,
João Luiz Campos Soares e
Agostinho do Passo.

Arquivo de Hiram Silveira Lucas

A fim de contextualizar o momento e o cenário nos quais a Sociedade Brasileira de Mastologia nasceu, cabe lembrar que o Brasil vivia tempos de justificada euforia naquele final dos anos 1950, embalado pelo otimismo desenvolvimentista do presidente Juscelino Kubitschek e seu Plano de Metas, que se propunha a fazer o País crescer “50 anos em 5”. Começava a nascer no país uma indústria de base e de bens duráveis, o capital estrangeiro passava a ser bem-vindo, os primeiros automóveis nacionais saíam das linhas de montagem, abriam-se estradas para o interior e uma nova capital era erguida em meio à vastidão inóspita do Planalto Central. O governo federal sairia do movimentado Rio, onde estava sujeito a toda sorte de pressão, para uma cidade longe dos principais centros urbanos e dotada de espaços amplos.

Brasília era um sonho antigo e profético da nação e ganhava vida sob a entusiástica liderança de JK, o “Presidente Bossa Nova”. De passagem por Jataí, no interior de Goiás, durante a campanha, em 1955, depois de reafirmar o compromisso de seguir à

risca a Constituição, Juscelino foi interpelado pelo coletor de impostos Antônio Carvalho Soares, o Toniquinho: se ele prometia cumprir integralmente a Carta Magna, então poria em prática o dispositivo que determinava a transferência da capital para o planalto goiano? Embora não tivesse pensado nisso antes, JK respondeu: sim, em seus cinco anos de governo construiria a nova capital. O episódio é emblemático da euforia nacional naqueles anos.

O apelido de Juscelino – que cumpriria a promessa e inauguraria Brasília em 21 de abril de 1960 – aludia a um novo ritmo que haveria de transformar a música brasileira para sempre e conquistar o gosto internacional. A Bossa Nova surgira em 1958 pela voz frágil e os acordes precisos de João Gilberto no clássico *Chega de Saudade*. Um genuíno produto brasileiro da melhor qualidade, tipo exportação, como o futebol, que naquele mesmo ano conquistara a primeira Copa do Mundo, na Suécia, tendo em campo o malabarista Garrincha e o garoto Pelé, que começava a encantar o mundo antes de completar 18 anos.



AO LADO:
Recepção popular ao presidente
argentino Julio Roca no Palácio
do Catete, no Rio.

Autor não identificado/Acervo
Instituto Moreira Salles.

ABAIXO:
Palácio do Planalto, em Brasília,
a nova capital.

Jorge Bodanzky /Acervo
Instituto Moreira Salles.



A SBM E A MASTOLOGIA NO BRASIL

Em todas as áreas, o Brasil mostrava atitude. Neste clima, o Instituto do Câncer (ainda sem o “Nacional”, incorporado em 1961) inaugurou, em agosto de 1957, com a presença do presidente Juscelino, que era médico, sua nova sede na Praça da Cruz Vermelha nº 23, no centro do Rio, onde anteriormente ficava o Morro do Senado – posto abaixo na virada do século para servir de aterro na ampliação do cais – e junto a um importante conjunto arquitetônico que incluía o Hospital da Cruz Vermelha, um belo prédio de 1923 projetado pelo célebre pintor e arquiteto italiano Pedro Campofiorito.

Instituído pelo governo de Getúlio Vargas em 4 de julho de 1944, mediante o Decreto nº 15.971, como de órgão executivo do Serviço Nacional do Câncer – que por sua vez derivava do Centro de Cancerologia do Rio de Janeiro, criado em 13 de julho de 1937 –, o INCA se instalou na nova sede contando com todas as especialidades, à exceção da cirurgia de tecido ósseo.

O Serviço de Patologia Mamária havia sido criado quatro meses antes, em 1º de abril, tendo como primeiro chefe o espe-

cialista Alberto Lima de Moraes Coutinho, o qual permaneceria por uma década à frente do setor. A equipe de pioneiros incluía os médicos João Luiz Campos Soares e Clóvis Fraga de Andrade, além dos acadêmicos Agostinho do Passo e Nélson Augusto Rodrigues.

Ao longo dos dois anos seguintes, Coutinho se empenhou em promover uma série de cursos e palestras em vários Estados a fim de divulgar a especialidade e atrair novos membros. Tais eventos eram sempre anunciados nos principais jornais do Rio. A seguir, a notícia do *Correio da Manhã* sobre o curso histórico ao final do qual seria fundada a sociedade (*grafia original*):

“O Serviço nacional de câncer do Ministério da saúde, fará realizar durante os meses de maio e junho do corrente ano, através do Centro de Estudos do Instituto de Câncer, um Curso sôbre Têmas de Patologia Mamária. As aulas serão ministradas no Instituto nacional de Câncer, sito à Praça Cruz Vermelha, nº 23 às segundas, quartas e sextas-feiras, a partir do dia 2 de maio do corrente ano, às 20,30 horas, no anfiteatro do Instituto (6º andar).”



Sede do Instituto Nacional do Câncer, inaugurada em 1957.

Acervo INCA.

A SBM E A MASTOLOGIA NO BRASIL

“O curso, de caráter prático e teórico, destina-se a médicos. Serão fornecidos certificados aos que tiverem frequência integral podendo ser, no entanto, abonadas 3 faltas.

“O curso é gratuito e as inscrições, limitadas a 30 candidatos, poderão ser feitas no Instituto de 8 às 12 horas a partir do dia 10 de abril.”

O programa incluía:

“O problema médico-social do câncer mamário” (Ugo Pinheiro Guimarães).

“Embriologia e histologia da mama” (José Maria Pinto Barcellos).

“Histologia da hipófise, suprarrenal, ovário e testículo” (Athayde Soares de Almeida).

“Anatomia da mama e do tórax aplicada ao estudo do câncer mamário” (Ataliba Bellizi).

“Fisiologia da hipófise e suprarrenal” (Mário Vianna Dias).

“Fisiologia do ovário e testículo” (Mário Vianna Dias).

“Fisiologia da mama” (Alberto Coutinho).

“Anatomia patológica das neoplasias mamárias – conceito geral, propagação e classificação” (Francisco Fialho).

“Anatomia patológica das

neoplasias mamárias – estudo especial e diagnóstico diferencial das principais formas” (Francisco Fialho).

“Meios Gerais para diagnóstico clínico e laboratorial das afecções mamárias” (Jorge de Marsillac).

“Doenças funcionais da mama – anatomia patológica (Francisco Fialho).

“Mastalgias funcionais” (Aurélio Monteiro).

“Das anomalias congênicas e das hipertrofias mamárias” (Alberto Coutinho).

“Correção estética das mamas” (Georges da Silva).

“Dos processos inflamatórios específicos e inespecíficos da mama” (Turíbio Braz).

“Tumores benignos da mama – anatomia patológica” (Francisco Fialho).

“Tumores benignos da mama – estudo clínico (Ugo Pinheiro Guimarães).

“Câncer mamário. Etiologia, diagnóstico e prognóstico” (Alberto Coutinho).

“Câncer mamário. Tratamento cirúrgico: histórico, indicações técnicas e resultados. Recuperação funcional” (Alberto Coutinho).



Capa, página da publicação e a notícia da fundação da Sociedade Brasileira de Patologia Mamária no *Correio da Manhã*, do Rio. O ato ocorreu em 6 de julho de 1959, mas saiu na edição nº 20.268 do diário, em 9 de julho.

FUNDADA A SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGIA MAMÁRIA
— Com a presença de numerosos médicos-alunos e convidados, realizou-se, no auditório do Instituto Nacional do Câncer, o encerramento do curso de **Patologia Mamária**. A aula final foi ministrada pelo prof. Leme Lopes que dissertou sobre o problema psicológico da mulher portadora de câncer. Em nome dos alunos, falou o dr. Francisco da Silva Araújo Filho que, após salientar os ensinamentos por todos auferidos, focalizou a personalidade do prof. Alberto Coutinho, orientador do curso. Em seguida, para que os trabalhos não sofressem descontinuidade foi fundada a Sociedade Brasileira de **Patologia Mamária** e designada uma comissão composta dos drs. Santos Machado, Alberto Coutinho e Antonio Pinto Vieira para organizar os estatutos da nova entidade. Todos os presentes foram considerados membros fundadores da Sociedade Brasileira de **Patologia Mamária**.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGIA MAMÁRIA

Em nome do Sr. Presidente, Dr. Alberto Coutinho, temos o prazer de convidar o prezado colega para a 1.^a Sessão Ordinária desta Sociedade, a realizar-se dia **7 de Dezembro de 1959**, às 21 horas, no Auditório do Instituto Nacional de Câncer, sito à Praça Cruz Vermelha, 23 — 6.^o andar — com a seguinte ordem de trabalhos:

Dr. Alberto Coutinho — « Câncer da mama e Gestação ».

Dr. Tristão Araripe de Aguiar (Caso clínico) — « Doença pulmonar post-irradiação ».

Dr. João Luiz Campos Soares (Caso clínico) — « Carcinoma « in situ » da mama ».

Entrega de diplomas aos Sócios fundadores.

Atenciosamente,
Prof. Francisco Fialho

Convite para a primeira reunião assinado por Francisco Fialho, um pioneiro da cancerologia no País.

Arquivo de Hiram Silveira Lucas.

“Câncer mamário. Tratamento pela radioterapia – raios X radium e substâncias radioativas. Ação das irradiações sobre a matéria” (Osolando Machado).

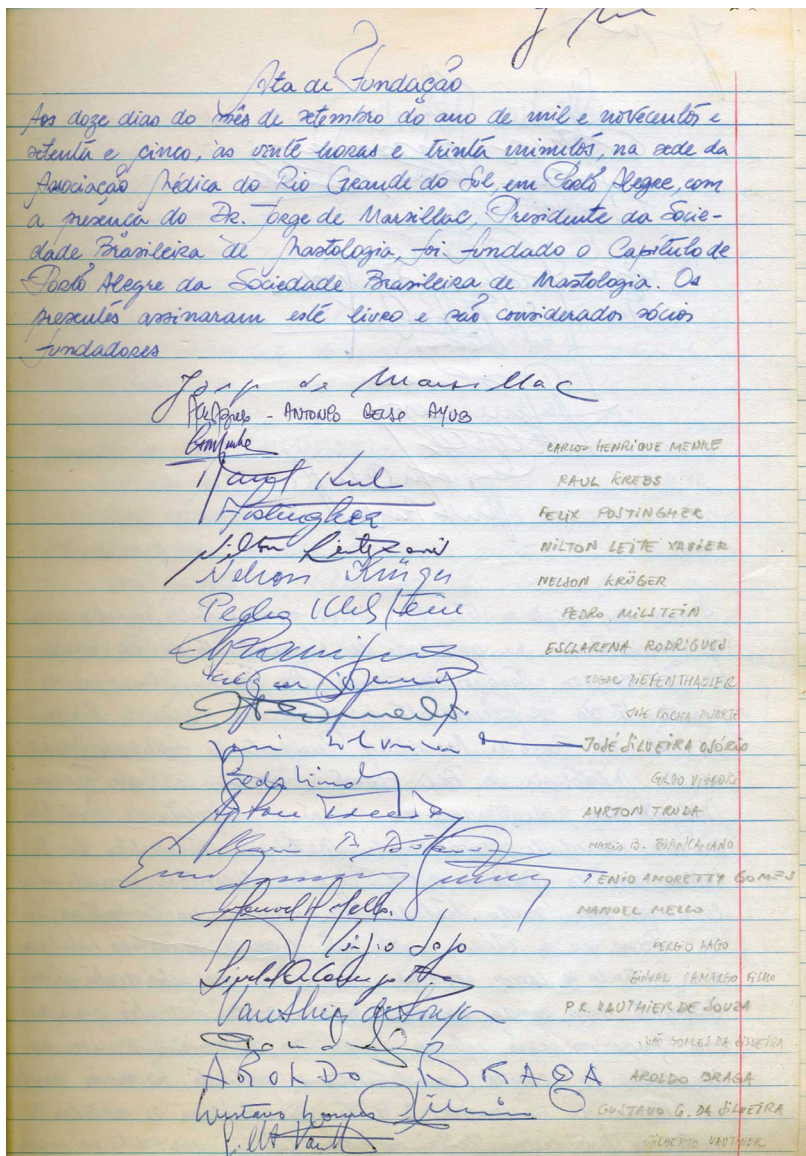
“Tratamento pela radioterapia. Histórico, classificação histopatológica clínica, evolução e considerações biológicas. Evolução das técnicas e conceito atual. Resultados e sistemática das irradiações” (Antônio Pinto Vieira).

“Câncer mamário. Hormonioterapia e métodos associados”

(Alberto Coutinho).

“Câncer mamário. Tratamento do câncer mamário avançado – quimioterapia, radioterapia e hormônios (Alberto Coutinho).

Além de qualificar um maior número de profissionais, contribuir para a evolução técnica da patologia mamária e torná-la mais conhecida, este curso pavimentou de vez o caminho para o associativismo e o futuro reconhecimento como especialidade.



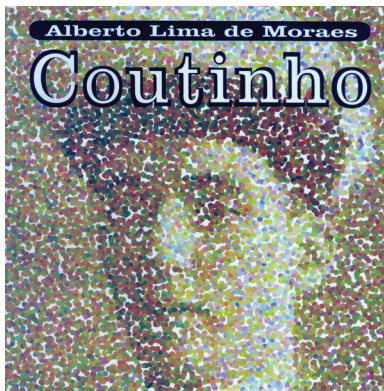
Ata de fundação da regional
Rio Grande do Sul, Porto Alegre,
12 de setembro de 1975.

Arquivo da SBM-RS.

Em 1959, enquanto Fidel Castro chegava ao poder em Cuba, nos Estados Unidos era lançada a boneca Barbie, sonho de consumo de gerações de me-

ninas e que se mantém em alta até hoje. Já o Brasil ganhava seu primeiro Fusca e o Rio se preparava para entregar a Brasília o posto de capital.

A SBM E A MASTOLOGIA NO BRASIL



Livreto de 40 páginas lançado no centenário de nascimento de Alberto Coutinho pela Sociedade Brasileira de Cancerologia.

Vitrô Comunicação e Editora, 2002.

O descontentamento dos servidores públicos, que teriam de trocar as belezas naturais e a efervescência cultural da Cidade Maravilhosa pela solidão empoeirada do Planalto, representava um raro contraponto num Rio cuja rotina era permeada de alegria e animação. A atuação de Coutinho – que junto com Jorge Marsillac e Mário Kroeff fundara a Sociedade Brasileira de Cancerologia, em 1946 – refletia o entusiasmo empreendedor de seu tempo.

Nascido em Recife, em 30 de agosto de 1902, filho de um general do Exército e de uma dona de casa, Coutinho era o caçula entre oito irmãos. Órfão de pai aos nove anos, aos 21 graduou-se em medicina pela Universidade do Brasil, no Rio, para onde a família se mudara quando ele era pequeno.

Iniciou a carreira de cirurgia como assistente do notório Brandão Filho e, ao longo da vida, ajudaria a criar cursos e instituições que contribuiriam de modo decisivo para a formação de uma prática brasileira efetiva de prevenção e tratamento do câncer.

O câncer de mama, até 1959,

era tratado no Brasil por ginecologistas e cirurgiões gerais. Consta que um dos primeiros a abordar formalmente o tema foi Érico Marinho da Gama Coelho, em 1870, ao defender na Faculdade de Medicina do Rio a tese *Diagnóstico Diferencial dos Tumores do Seio*.

Foi também de Gama Coelho o discurso inaugural da disciplina de Clínica Obstétrica e Ginecológica, em 1884, o que o torna oficialmente o primeiro professor de ginecologia do País. Aliando a carreira de médico à de político – foi deputado estadual, deputado federal em cinco legislaturas e senador em duas –, celebrou-se na tribuna como um fervoroso defensor do divórcio, tema então considerado tabu, e sobre o qual se manifestou em diversas ocasiões, chegando a publicar uma compilação desses discursos.

Nos primeiros tempos, lecionava no Hospital de Misericórdia, em uma enfermaria fétida e apinhada, na qual, segundo relatos anônimos, “amontoavam-se gestantes, puérperas, casos ginecológicos, de infecções, de câncer e até algumas pacientes com febre amarela, para serem tratadas com clorofórmio e morrer.”

Usou a experiência de trabalhar em condições precárias como estímulo para fazer sua parte na melhoria das condições de saúde dos pacientes.

Enfim, em 6 de julho de 1959, no encerramento do 1º Curso de Patologia Mamária, foi fundada a Sociedade Brasileira de Patologia Mamária, sendo Alberto Coutinho eleito para a presidência, cargo que voltaria a ocupar em outras duas ocasiões. Foi também de Coutinho a escolha da denominação Patologia Mamária – adotada em vários países sul-americanos –, bem como da posterior troca para Mastologia.

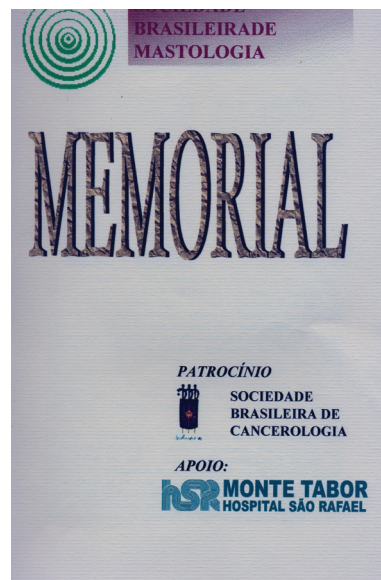
A entidade, que tinha como meta primordial “contribuir para o progresso no estudo das doenças mamárias e promover o aperfeiçoamento dos conhecimentos especializados”, instalou-se inicialmente na Av. Mem de Sá nº 197. Foi ali, em pleno bairro da Lapa, famoso por sua boêmia e por seus Arcos –, originalmente um aqueduto do Brasil Colônia – que os sócios-fundadores elaboraram o primeiro estatuto da entidade.

Na ausência de registros históricos precisos, fica impossí-

vel determinar quantos e quem eram esses primeiros integrantes da sociedade, mas pode-se afirmar com certeza que entre eles se encontravam, além de Coutinho, nomes como João Luiz Campos Soares, Agostinho do Passo, Nelson do Passo, Jorge Sampaio de Marsilac Mota, Clóvis Fraga de Andrade e Adayr Eiras de Araújo. Integram ainda a galeria dos pioneiros da mastologia no Brasil nomes como os de João Sampaio Góes Jr., Antônio Franco Montoro, George Arié, José Baptista da Silva Neto, Luiz de Oliveira Neves, Jaime Queiroz Lima e Haroldo Juaçaba.

A partir da iniciativa do INCA começaram a surgir serviços especializados em outros hospitais. O segundo a implantá-lo foi o Instituto Central-Hospital A. C. Camargo (hoje A. C. Camargo Cancer Center), em São Paulo, dirigido por George Arié até 1972.

Depois foi a vez do Hospital do Câncer de Pernambuco, em Recife, chefiado por Jaime de Queiroz Lima. O quarto serviço de patologia mamária foi inaugurado no Hospital Artístides Maltez, de Salvador, por Luiz de Oliveira Neves.



Memorial da SBM, 1998.

O projeto fez uma síntese de nomes, eventos e datas que marcaram a trajetória da entidade, então com 39 anos.

A SBM E A MASTOLOGIA NO BRASIL

I Congresso Brasileiro de Patologia Mamária, Rio, 1º a 4 de setembro de 1971.

Adayr Eiras de Araújo, João Luiz Campos Soares, João Sampaio Góes Jr., Carlos Alberto Zanotta, Eduardo Santos Machado, Jerome Urban, Fernando Moreira e George Arie.



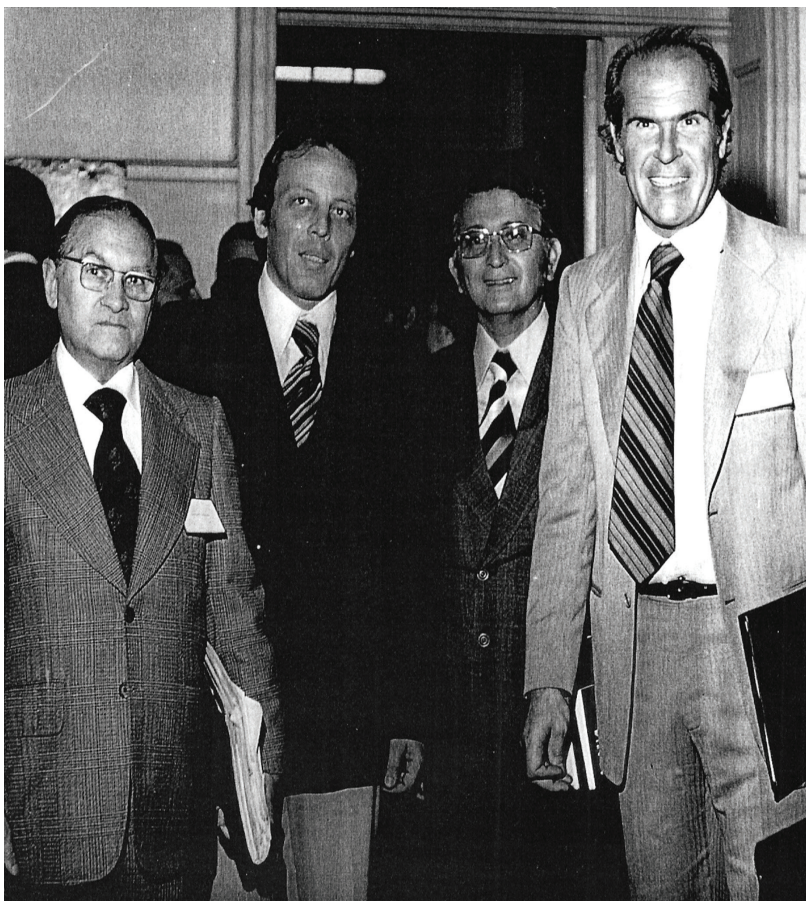
Na segunda foto, Góes e Zanotta, os primeiros da esquerda para a direita, nas discussões científicas do evento que incluiu a II Conferência Nacional de Prevenção do Câncer Ginecológico e o Congresso Panamericano de Citologia do Câncer.



Arquivo de Hiram Silveira Lucas

Embora, como ocorria nos países desenvolvidos, boa parte dos médicos que se dedicavam aos estudos das doenças da mama na época pertencesse a especialidades diversas, e não necessariamente à ginecologia ou à obstetrícia, a especialidade avançou de forma expressiva já nos primeiros anos a partir da criação da entidade.

Tanto que já no ano seguinte, em 1960, a 1ª Jornada Brasileira de Cancerologia, na Bahia, organizada e presidida por Oliveira Neves, promoveu uma mesa-redonda coordenada e composta integralmente por especialistas em doenças da mama, o que viria a ser considerado um marco naquele momento de arrancada da mastologia.



José Aristodemo Pinotti, ao centro, e Umberto Veronesi, à direita na foto, durante evento científico realizado na capital paulista, em 1976.

Arquivo de José Aristodemo Pinotti.

Logo os capítulos regionais começariam a surgir em todo o País. O de São Paulo, maior cidade brasileira, a “Locomotiva da Nação”, foi fundado em 1967, tendo João Sampaio Góes Júnior como primeiro presidente.

Embora crescesse em termos de estrutura, no campo científico a mastologia brasileira – a exemplo da mundial – seguia tendo

como principais ferramentas de combate ao câncer a biópsia seguida da mastectomia radical de Haslsted, técnica descrita ainda no século XIX. A reconstrução da mama não estava na pauta da especialidade e a mamografia, embora tivesse surgido já nos anos 1950, caíra em desuso devido às altas doses de radiação e à péssima qualidade das imagens.

A SBM E A MASTOLOGIA NO BRASIL

Posse de Hiram Silveira Lucas,
Rio, 4 de junho de 1982, tendo
à esquerda Sampaio Góes Jr.

Embaixo, VI Congresso
Brasileiro, no Centro de
Convenções de Salvador,
29 de março a 3 de abril de
1982. O evento incluiu o
II Seminário de Prevenção e
Detecção do Câncer de Mama.

Arquivo de Hiram Silveira Lucas.



O exame só voltaria à voga no fim da década de 1980, a partir do lançamento de aparelhos com imagens em alta resolução e

emissão mínima de radiação.

O aprimoramento dos profissionais, no entanto, intensificava-se não apenas por meio de



VII Congresso Brasileiro,
Canela/RS, 1986.

John Hayward e a esposa Jill
posam em frente ao avião
pilotado por Euclides Caleffi,
que os levou de Porto Alegre à
cidade da serra gaúcha.

Arquivo de Euclides Caleffi.



Embaixo, Henrique Brenelli,
José Aristodemo Pinotti
(ao centro) e José Antônio
Ribeiro Filho brindam durante
o jantar de confraternização do
Simpósio do Instituto Europeu
do Câncer, realizado de 25 a 27
de novembro de 2004 em
São Paulo

Arquivo de José Aristodemo
Pinotti.

cursos e eventos realizados no País, mas também graças a um crescente intercâmbio com profissionais de outras nações. Data

desta época o início de uma profícua relação Brasil-Itália, mais especificamente com o Instituto Nacional de Tumores de Milão.

A SBM E A MASTOLOGIA NO BRASIL

Integravam a primeira leva de bolsistas brasileiros em Milão jovens profissionais que já eram ou se tornariam proeminentes na medicina nacional, como José Aristodemo Pinotti, Henrique Brenelli, Sérgio Lago, Luiz Biondi e Simão Grossmann, entre outros. Tal relacionamento renderia muitos frutos nas décadas seguintes e se mantém até os dias de hoje.

Por aqui, as iniciativas destinadas a consolidar a especialidade prosseguiram. O I Congresso Brasileiro de Patologia Mamária foi realizado de 1º a 4 de setembro de 1971 na cidade do Rio de Janeiro, no Estado da Guanabara (a fusão dos Estados do Rio e da Guanabara ocorreria somente em 1975).

Entre os participantes, Adayr Eiras de Araújo – então presidente da Sociedade –, João Luiz Campos Soares, João Sampaio Góes Jr., Carlos Alberto Zanotta, Eduardo Santos Machado, Fernando Moreira, George Arie, além do convidado internacional, o cirurgião americano Jerome Urban.

Alberto Coutinho, que retornaria à presidência em meados da década, lançou um livro em

1973, mas não um tratado sobre câncer, e sim um romance. *Segredo Não Revelado*, com 191 páginas, publicado pela Editora Borsoi com prefácio de seu colega Jorge de Marsilac, conta a história do Dr. Gonzalez.

O personagem é descrito como um médico experiente, íntegro e comprometido com a profissão, que deixa a cidade grande para seguir carreira no interior. Certamente um misto da autoimagem de Coutinho – segundo todos os depoimentos, verdadeira – e de um desejo reprimido de se libertar da vida agitada na metrópole.

O que marcou os anos 1970 na mastologia brasileira, no entanto, foi a luta pelo reconhecimento da especialidade por parte da Associação Médica Brasileira (AMB), uma medida, além de necessária, lógica, uma vez que médicos de várias áreas se dedicavam às doenças da mama.

O principal obstáculo era a resistência dos ginecologistas, para os quais o que estava sendo pleiteado significaria o desmembramento dos serviços, com perda de prestígio, poder político e, claro, recursos financeiros dos quais não pretendiam abrir mão.

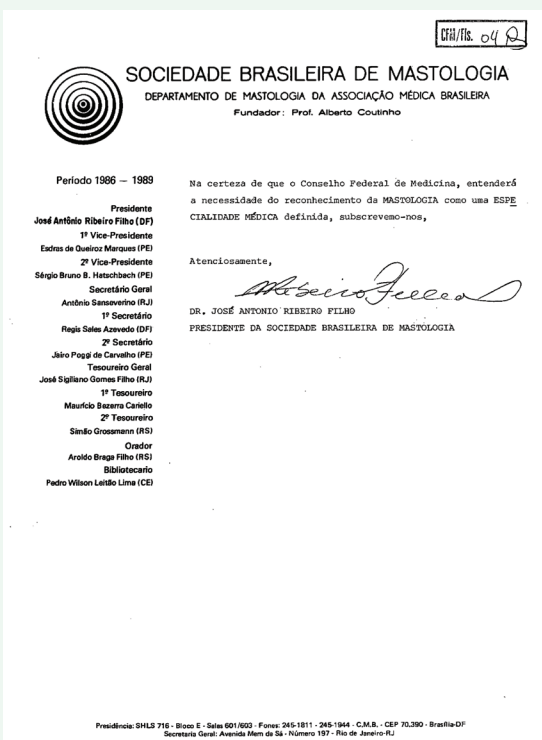
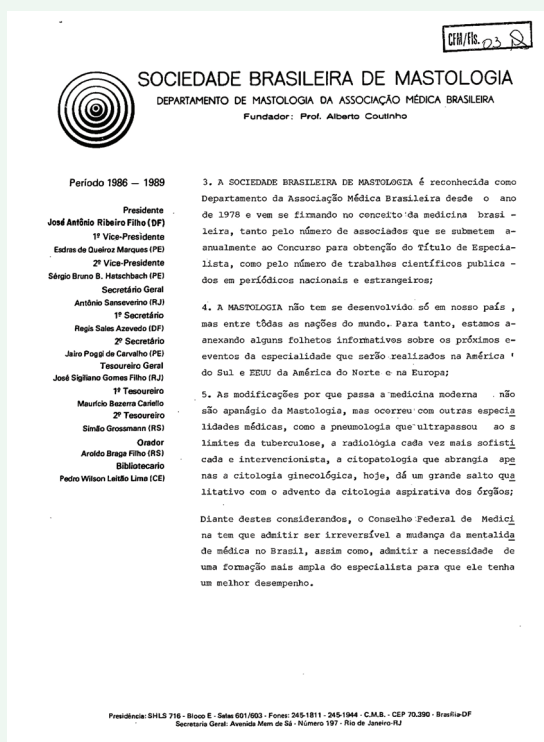
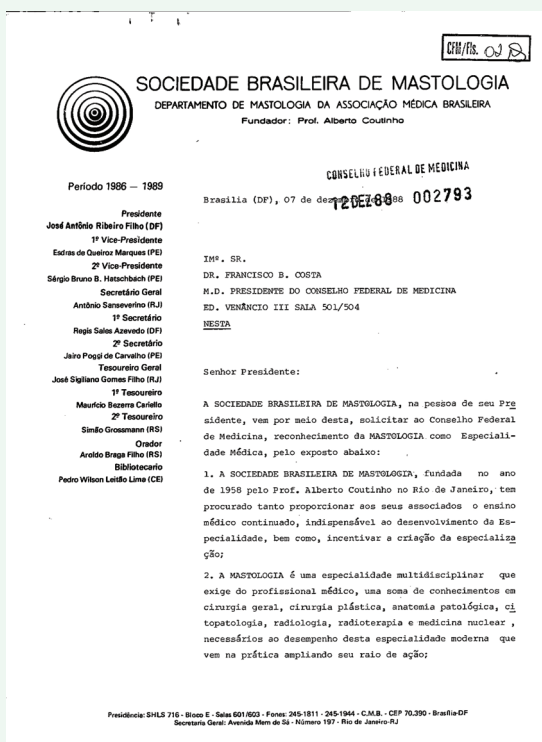
Uma de suas manobras mais ousadas foi a tentativa de criar na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil a “Sociedade” Brasileira de Mastologia, uma entidade paralela, aproveitando-se do fato de que a representante legítima desses especialistas adotava juridicamente a terminologia “Associação”. Alberto Coutinho, que exercia em 1976-1977 seu terceiro mandato na presidência, providenciou a troca de Associação para Sociedade, cunhando assim seu nome definitivo e a sigla SBM.

Em janeiro de 1978 o conselho científico da AMB, depois de examinar a exposição de motivos da Sociedade Brasileira de Mastologia, elaborada por um grupo no qual se destacavam João Sampaio Góes Jr., presidente da SBM, e Hiram Silveira Lucas, deferiu o pedido de reconhecimento da entidade. A guerra, contudo, ainda não acabara. Quatro meses depois, em 8 de maio, inconformada com a decisão, a Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) encaminhou um protesto à AMB, sob o argumento de que a mastologia não poderia ser considerada

uma especialidade autônoma por tratar de matéria claramente do âmbito da ginecologia. No ano seguinte, graças a um minucioso estudo conduzido por Adayr Eiras de Araújo, o conselho da AMB, por ampla maioria, confirmou a decisão anterior.

Afastada a última ameaça a sua existência como especialidade, os mastologistas deram passos importantes para o aprimoramento profissional. Em 4 de outubro de 1983, na gestão de Hiram Silveira Lucas, marcada por inovações técnicas e pela modernização gerencial, foi realizada em Salvador a primeira prova para a obtenção do Título de Especialista em Mastologia (TEMa). Dos 176 participantes, 150 foram aprovados.

Dois anos depois, foi realizado no Rio o 1º Curso da Escola Européia de Oncologia, em uma das tantas oportunidades nas quais a Escola de Milão, comandada por Umberto Veronesi, maior autoridade mundial em câncer de mama, viria ao encontro dos colegas brasileiros, reforçando o intercâmbio que ofereceu oportunidade ímpar de formação, treinamento e qualificação da mastologia brasileira.



NESTA PÁGINA:

O presidente da SBM, José Antonio Ribeiro Filho, cobra a necessidade de reconhecimento da mastologia como especialidade em ofício enviado a Francisco Barbosa Costa, presidente do Conselho Federal de Medicina com data de 7 de dezembro de 1988 (dia em que havia sido realizada a primeira reunião da entidade, 29 anos antes), e protocolado pelo CFM cinco dias depois.

NA PÁGINA AO LADO:

O Diário Oficial da União, na edição de 16 de agosto de 1989, publica a Resolução Nº 1.327, de 4 de agosto, na qual o CFM reconhece a mastologia como especialidade médica, bem como a validade do Título de Especialista em Mastologia (TEMA).

Entidades de Fiscalização do Exercício das Profissões Liberais

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA

RESOLUÇÃO Nº 1.299, DE 14 DE JULHO DE 1989

O CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, no uso das atribuições que lhe confere a Lei nº 3.268, de 30 de setembro de 1957, regulamentada pelo Decreto nº 44.045, de 19 de julho de 1958, CONSIDERANDO o artigo 18 da Lei nº 3.268/57; CONSIDERANDO as Resoluções CFM nºs 1053/81 e 1209/85; CONSIDERANDO o aprovado na Sessão Plenária de 14 de julho de 1989; R E S O L V E: 1. Quando o médico solicitar transferência ou inscrição secundária, o CRM de origem deverá encaminhar cópia integral da ficha de inscrição ao Conselho Regional de destino. 2. A transferência ou a inscrição secundária só será concedida se o requerente estiver quite com suas obrigações; 3. A existência de Processo Ético-Profissional em um Conselho Regional de Medicina não impede a inscrição secundária. 4. Após a efetivação da transferência ou inscrição secundária deverão ser feitas as anotações pertinentes no diploma e na carteira profissional de médico; 5. Revogar a Resolução CFM nº 0158/63.

FRANCISCO ÁLVARO BARBOSA COSTA
Presidente

ANA MARIA CANTALICE LIPKE
Secretária-Geral

RESOLUÇÃO Nº 1.327, DE 04 DE AGOSTO DE 1989

O CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA no uso das atribuições que lhe confere a Lei nº 3.268, de 30 de setembro de 1957, regulamentada pelo Decreto nº 44.045, de 19 de julho de 1958, e CONSIDERANDO o disposto na Resolução CFM nº 734; CONSIDERANDO ainda o que consta da Resolução CFM nº 767/77; CONSIDERANDO haver a Sociedade Brasileira de Mastologia, remetido ao Conselho Federal de Medicina, cópia de seus Estatutos; CONSIDERANDO tudo o mais constante do Processo CFM nº 2793/88; CONSIDERANDO finalmente, o decidido na Sessão Plenária de 04 de agosto de 1988; R E S O L V E: 1 - Reconhecer a MASTOLOGIA como Especialidade Médica; 2 - Reconhecer a validade dos Títulos de Especialista em Mastologia, concedidos pela Sociedade Brasileira de Mastologia, de acordo com a Resolução CFM nº 1285/89 e o convênio CFM x AMB firmado em 10 de março de 1989.

FRANCISCO ÁLVARO BARBOSA COSTA
Presidente

ANA MARIA CANTALICE LIPKE
Secretária-Geral

RECURSO EM PROCESSO ÉTICO-PROFISSIONAL Nº 24/87

ORIGEM: CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL - APELANTE: DR. JOÃO KIEFFER FILHO - APELADA: Dra. MARIA AUXILIADORA DA SILVA. Os membros da 2ª Câmara do Tribunal Superior de Ética Médica do Conselho Federal de Medicina, reunidos em sessão realizada em 14 de julho de 1989, referente ao julgamento do Processo Ético-Profissional CFM nº 24/87, em que figura como Apelante o Dr. João Kieffer Filho, ACORDARAM, por maioria de votos, negar provimento ao recurso interposto pelo Apelante, mantendo a decisão do Conselho Regional de Medicina do Estado do Mato Grosso do Sul, que lhe aplicou a pena de "Censura Pública em Publicação Oficial", prevista na letra "c", do artigo 22, da Lei 3.268/57, por infração aos Princípios IV e V e artigos 10, 70 e 16 do Código Brasileiro de Deontologia Médica, correspondentes aos artigos 10, 50, 34 e 29 do Código de Ética Médica em vigor.

(Ofs. nºs 1259 e 1271/89)

Contratos, Editais e Avisos

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Comissão Constitucional do Centenário da República

EDITAL

REGULAMENTO DO CONCURSO NACIONAL DA MARCA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DA REPÚBLICA

CAPÍTULO 1

Do objetivo

Artigo 1º - O objetivo deste regulamento é estabelecer as normas do Concurso Nacional para a escolha da marca comemorativa do Centenário da República.

Artigo 2º - A marca deverá transmitir referências ao Centenário da República, revestidas do caráter ao mesmo tempo erudito e popular que teve a luta republicana e democrática em toda a história do Brasil.

Parágrafo único - Poderá também haver referências à Independência Mineira (1789) e a outros episódios republicanos, e em especial à Constituição de 1891.

Artigo 3º - A marca deverá ser utilizada e se adequar à reprodução e divulgação, a cores e em preto e branco, pelos diversos meios e formatos de comunicação, gráficos ou eletrônicos.

CAPÍTULO 2

Da participação, inscrições e prazos

Artigo 4º - Poderá participar do concurso qualquer cidadão brasileiro.

Artigo 5º - As inscrições serão realizadas através da entrega dos trabalhos, ou remessa pelo correio, aos gabinetes do Presidente do Senado Federal (Congresso Nacional, Brasília, DF) e do Ministério da Cultura (Esplanada dos Ministérios, Brasília, DF).

Parágrafo único - Na inscrição deverá constar o nome completo do concorrente e, no caso de menor, de seus pais, ou responsável, local e data de nascimento, profissão, endereço, bem como declaração nos seguintes termos: "Declaro estar inteiramente de acordo com os termos do Regulamento do Concurso Nacional da Marca Comemorativa do Centenário da República", datada e assinada pelo concorrente e, no caso de menor, pelo pai ou responsável.

Artigo 6º - Os trabalhos deverão ser apresentados em cartão duro no formato 40 x 40 cm, com original em preto e branco e indicações de cor em papéis vegetais superpostos.

Artigo 7º - As inscrições estão abertas a partir da data da publicação deste regulamento no Diário Oficial da União, até o dia 25 de agosto de 1989.

Parágrafo único - Para os trabalhos enviados pelo correio, valerá a data do envio da agência na qual o trabalho foi remetido, até a data de 18 de agosto de 1989.

CAPÍTULO 3

Do Júri, julgamento e prêmios

Artigo 8º - O Júri será composto por dois membros da Comissão Nacional do Centenário da República, por um representante da Associação Brasileira de Profissionais de Desenho Industrial, um representante da Associação Brasileira de Propaganda e um representante da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão.

Artigo 9º - O Júri se reunirá em Brasília e apresentará os resultados do concurso no dia 30 de agosto de 1989, com 1ª, 2ª e 3ª colocados.

Artigo 10 - O primeiro colocado receberá o prêmio de NCZ\$ 30.000,00 (trinta mil cruzados novos), além de diploma assinado pelo Júri e pelos membros da Comissão Nacional do Centenário da República.

Artigo 11 - O primeiro colocado reconhece o direito de reprodução de seu trabalho pelo Programa Nacional do Centenário da República, através dos diversos meios de comunicação, abrindo mão de qualquer outro tipo de indenização, ressarcimento ou pagamento pela cessão desses direitos, pelo prazo e para o programa das comemorações do Centenário.

Parágrafo único - O primeiro colocado reconhece, igualmente, a eventual necessidade de alteração, a ser feita por profissional de reconhecida competência, do traço original da marca, em face de necessidade de adequação ao uso pelos diversos meios de comunicação.

Artigo 12 - Os 2º e 3º colocados receberão, respectivamente, NCZ\$ 15.000,00 (quinze mil cruzados novos) e NCZ\$ 5.000,00 (cinco mil cruzados novos), além de diplomas assinados pelo Júri e pelos membros da Comissão Nacional do Centenário da República.

Artigo 13 - Os casos omissos neste Regulamento serão decididos pela Comissão.

Brasília, 19 de julho de 1989

Comissão Constitucional Comemorativa do Centenário da República Brasileira:

José Aparecido de Oliveira, Ministro da Cultura; Oscar Dias Corrêa, Ministro da Justiça; Virgílio Costa, Secretário da Comissão da Memória dos Presidentes da República; Senador Marco Maciel; Deputado Egidio Ferreira Lima; Deputado Bonifácio de Andrada; Ministro José Fernandes Dantas (Superior Tri

A SBM E A MASTOLOGIA NO BRASIL



Uma das campanhas de prevenção do câncer de mama de maior repercussão de todos os tempos foi protagonizada em 1989 pela atriz Cássia Kiss, que tinha 31 anos de idade.

MS/Reprodução.

Nos anos 1980 começou também um intercâmbio entre os mastologistas brasileiros e seus colegas da América Latina, com a promoção de encontros do Mercosul – evento que tempos depois chegou a ser suspenso em função do esvaziamento do bloco econômico naquele momento. A interação ampliou-se em 1986, em Canela, na serra gaúcha, quando pela primeira vez foram integradas as programações do Congresso Brasileiro – em sua sétima edição, presidido por Carlos Henrique Menke – e do Congresso Latino-Americano, num evento que contou com Umberto Veronesi e o americano John Hayward.

O VII Congresso Brasileiro, por sinal, registrou dois episódios representativos da situação política mundial à época. Para contar com a participação de Luiz Moreno de Miguel, de Cuba, nação com a qual o Brasil não mantinha relações diplomáticas, tornou-se necessário articular uma operação via embaixada do México a fim de possibilitar sua entrada no País. Em outra providência estratégica, as atividades científicas foram programadas de modo a evitar a proximidade dos

convidados ingleses e argentinos, entre os quais ainda havia grande animosidade em razão da Guerra das Falklands/Malvinas, ocorrida havia apenas quatro anos.

Depois da prova do TEMA, outro avanço expressivo veio em 1987, quando a faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco criou, por obra de Antônio Figueira Filho e de forma pioneira no Brasil e no mundo, a disciplina de mastologia, que passou a fazer parte de um currículo mínimo do curso de medicina, na graduação e na pós-graduação, mediante um programa multidisciplinar que incluía conhecimentos de cirurgia geral, oncológica, estética e reparadora, epidemiologia, endocrinologia, oncologia, hormonioterapia e quimioterapia.

O combate ao câncer de mama ganhou invulgar visibilidade em 1989, graças a uma campanha de TV nascida de um convênio entre a SBM e o Ministério da Saúde, na qual a atriz Cássia Kiss, que aparecia nua em meio corpo, conscientizava as mulheres a respeito da importância do auto-exame. A repercussão foi tanta que até hoje Cássia é identificada com a causa.



O que mais marcou o ano de 1989 foi o reconhecimento da mastologia como especialidade médica pelo Conselho Federal de Medicina.

Ainda naquele ano foi lançado o *Boletim da SBM* nacional. Até então, existiam apenas alguns em âmbito regional – no Rio Grande do Sul, a primeira edição data de 1981. A *Revista Brasileira de Mastologia* surgiria em 1991, em uma iniciativa de Antônio Figueira Filho. Outra publicação importante, o MAS-

TOLOGIA NEWS, nasceria em 1999 por obra de Alfredo Barros.

Em 1992 a Associação Médica Brasileira chancelou convênio firmado entre a Sociedade Brasileira de Mastologia, o Colégio Brasileiro de Radiologia e a Febrasgo, passando a aceitar a qualificação dos mastologistas em mamografias. O exame, considerado decisivo na detecção precoce do câncer de mama, voltara com força e eficiência multiplicadas, depois de um período de ostracismo.

Caminhada do voluntariado na Serra Gaúcha, em 2009, no lançamento da Carta de Gramado, documento com sugestões para reduzir a mortalidade por câncer de mama e melhorar a qualidade de vida das pacientes.

A SBM E A MASTOLOGIA NO BRASIL

Uma idéia surgida em 1993, durante o Congresso Brasileiro de Ginecologia, em Salvador, virou realidade em 1995, com a criação da Escola Brasileira de Mastologia, cujo primeiro presidente foi Ézio Novais Dias.

A nova entidade seguiu o modelo da Escola Europeia de Oncologia, então comandada por Umberto Veronesi. A primeira atividade científica da EBM ocorreu em Porto Alegre, em 1996. Desde então, a Escola tem promovido cursos em vários Estados brasileiros.

A SBM, atualmente instalada em sede própria na Praça Floriano nº 55, 8º andar, no Rio, foi declarada órgão de utilidade pública em 27 de fevereiro de 1998 – na presidência de Henrique Salvador – e reconhecida pela Comissão Nacional de Residência Médica do Ministério da Educação mediante a Resolução nº 1.634, de 11 de abril de 2002.

Os anos 1990, além de trazerem à mastologia brasileira reconhecimento e prestígio sem precedentes, registraram ainda a consagração da cirurgia conservadora, a introdução da biópsia do linfonodo sentinela, a melhoria das técnicas reconstrutivas e o

aperfeiçoamento das mamografias e dos medicamentos.

O novo milênio viu o florescimento da biologia molecular, a explosão da cirurgia oncológica e a ampliação dos intercâmbios: além da parceria com Milão, destacou-se a relação com o Memorial Hospital, de Nova York, tendo como referência o italiano Virgílio Sachini.

Vários mastologistas brasileiros têm se destacado na área da pesquisa clínica ao participar na linha de frente de estudos globais de novos e revolucionários medicamentos, desta forma contribuindo para considerável melhoria na qualidade de vida das pacientes com câncer de mama.

Com a participação efetiva da SBM em ações de prevenção e na formulação de políticas públicas de saúde, sempre contando com o expressivo apoio do voluntariado, e a cada vez maior qualificação dos mastologistas brasileiros, a especialidade tornou-se exemplo ao longo de uma magnífica história que somente começou a ser contada.

Nas páginas seguintes, por meio de artigos, mastologistas relatam mais alguns aspectos desta linda trajetória.



26º Congresso Brasileiro de Mastologia, Porto Alegre, 2024.

Divulgação SBM.

MASTOLOGISTAS E A SBM

A oncoplástica e a mastologia brasileira



CÍCERO URBAN

Quatro gerações se passaram, desde que os pioneiros Antônio Figueira (Tota), Ângelo Matthes, Jorge Biazús e outros, começaram, já na década de 1980, a associar técnicas de mamoplastia em suas cirurgias conservadoras, com o objetivo de melhorar os resultados estéticos.

A segunda geração, da qual eu faço parte, buscou nos anos 2000 a sua formação em centros estrangeiros, sobretudo na Europa. Milão teve destaque nisso, pois o professor Mário Rietjens (*comigo na foto*), na época vice-diretor do Departamento de Cirurgia Plástica Reconstructiva no Instituto Europeu de Oncologia, sendo brasileiro e dono de grande habilidade cirúrgica, começou a receber um número

cada vez maior de mastologistas brasileiros. Muitos deles se tornaram líderes de opinião e retornaram ao Brasil. A terceira geração foi formada por eles. A quarta é a dos nossos atuais residentes, que hoje têm isso incorporado em sua formação.

No passado, nós, da segunda geração, buscamos a formação em centros europeus, onde a cirurgia oncoplástica estava sendo iniciada e, aos poucos, sendo incorporada na prática. Hoje estamos recebendo o fluxo contrário. Muitos estrangeiros têm vindo ao Brasil para aprender o que está se fazendo aqui. Os nossos residentes têm se formado já com esta filosofia oncoplástica, valorizando a qualidade de vida das pacientes e a maior individualização do tratamento cirúrgico.

Todo o progresso vivencia-

do na Mastologia com a cirurgia oncoplástica e reconstrutiva da mama, contudo, não foi fácil. Eu sempre lembro aos nossos residentes o quanto foi árduo mudarmos o modelo existente, que defendia que ao nos preocuparmos com a estética, estaríamos prejudicando o resultado oncológico. A resistência veio também de dentro da nossa própria especialidade e aos poucos foi sendo quebrada.

As gestões dos presidentes Carlos Ruiz e Ruffo Freitas, frente à Sociedade Brasileira de Mastologia, levaram estas discussões até o Conselho Federal de Medicina. A cirurgia oncoplástica e reconstrutiva da mama passou oficialmente a fazer parte dos programas de residência em mastologia no Brasil. Cursos foram criados, eventos como a Jornada Brasileira de Oncoplastia, hoje o maior da América Latina, refletem uma história de sucesso e de muita dedicação.

Podemos dizer que nestes mais de 30 anos, desde que os nossos pioneiros da primeira geração iniciaram, que a cirurgia oncoplástica e reconstrutiva da mama é parte importante e inseparável da mastologia brasileira. Parabéns a todos que fizemos parte desta história!

Uma das sociedades mais importantes



ROBERTO KEPLER AMARAL

1959 – Fundação da Sociedade Brasileira de Patologia Mamária, no Rio de Janeiro, tendo como primeiro presidente o dr. Alberto Coutinho. Cerca de dois anos antes, no Instituto Nacional do Câncer, no Rio, houve a criação do primeiro serviço especializado em patologia mamária, sob a chefia de Coutinho, juntamente com outros membros. Essa foi uma semente plantada e que iria germinar.

A patologia mamária, antes ramo da ginecologia, ganhou importância, cresceu, tornou-se independente, passando a se chamar mastologia. O embrião desenvolveu-se e surgiu a Sociedade Brasileira de Mastologia, uma das mais importantes sociedades de especialidades médicas do Brasil, agregando atualmente

cerca de 2.200 associados, dos quais, 1400 membros titulares.

Em 1996 prestei concurso para o TEMa (Título de Especialista em Mastologia), tornando-me membro titular.

Construí uma trajetória dentro da instituição na qual acompanhei de perto o crescimento da nossa sociedade como principal entidade a empunhar a bandeira de combate às doenças mamárias, principalmente ao câncer de mama, por meio de suas campanhas educacionais e de orientação à população, assim como, na consolidação da formação de seus associados, ampliando as áreas de atuação dos mastologistas, quais sejam: diagnóstico por imagem, oncologia clínica, oncoplastia e oncogenética.

Foram lutas árduas, mas, coroadas de êxito em que todos os presidentes, com suas respectivas diretorias, comissões, departamentos etc, tiveram importantes contribuições.

Sinto-me honrado em ter colaborado com algumas gestões da SBM, desde o início dos anos 2000. Inicialmente como vice-presidente da Regional Bahia, depois, presidente da Regional Bahia. Em nível nacional, contribuí na assessoria especial

da Presidência, nas gestões dos presidentes Carlos Ruiz e Ruffo de Freitas Jr, vice-presidente para Região Nordeste na gestão do presidente Antonio Frasson, membro do conselho fiscal na gestão do presidente Vilmar Marques e, atualmente, secretário-geral na gestão do presidente Augusto Tufi Hassan.

É extremamente gratificante vislumbrar o crescimento da nossa instituição e o engrandecimento da nossa especialidade nesses 65 anos de existência da SBM.

Parabéns a todos que contribuíram para esse sucesso!

A conquista da mamografia



MARCONI LUNA

Em 1913, Albert Salomon, cirurgião alemão, utilizou vários X para radiografar 3.000 amosstras de mamas mastectomizadas, demonstrando a possibilidade de correlação anatomopatológica e radiológica das doenças da mama.

Em 1931, Romagnoli, na Itália, realizou as radiografias das mamas que chamaram a atenção para o diagnóstico precoce do câncer de mama.

Em 1939, Stafford Warren realizou uma mamografia na incidência médio lateral em Nova York.

Em 1950, Raul Leborgne, no Uruguai, percebeu na mamografia a presença de microcalcificações em alguns tipos de tumores de câncer de mama.

Em 1962, Robert Egan pu-

blicou 53 casos de carcinoma oculto detectados em 2.000 exames de mamografia.

Em 1965, Charles Gross, na França desenvolveu a primeira unidade dedicada a mamografias, com aparelho com tubo de raio x de molibdênio com 0,7mm de ponto focal.

Em 1966, uma equipe da CGR, na França, projetou uma unidade básica, incorporando um espectro de raios-x mais específico de 0,7mm e um anôdo de molibdênio para melhorar a qualidade das imagens no tecido mamário.

Em 1971, João Sampaio Goes Junior e João Sampaio Goes trouxeram o primeiro mamógrafo para o IBCC, em São Paulo, e a técnica de realização do exame de mamografia foi transmitida por Charles Goes na França.

Em 1971, no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, foi realizado o primeiro Congresso Brasileiro de Mastologia, presidido por Alberto Coutinho. Um dos palestrantes foi Jerome Urban, chefe do Serviço de mama no NSKCC de Nova York.

Em 1972, o Centro de Pesquisas Luiza Gomes de Lemos também adquiriu um mamógrafo e começou a realizar exames para o diagnóstico do câncer de

mama. Esse centro de pesquisa era dirigido por Campos de Paz, ginecologista, e os laudos mamográficos eram realizados por Paulo Mauricio, mastologista.

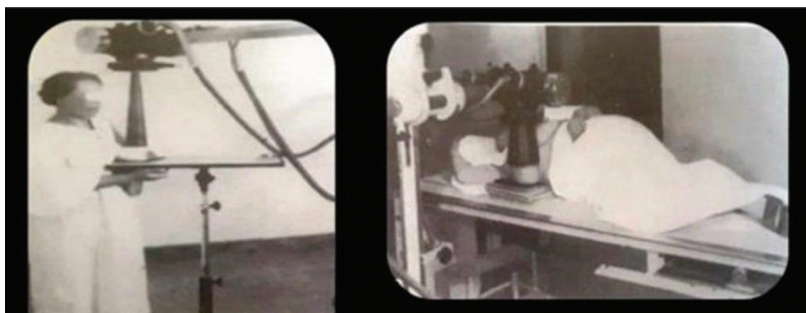
Em 1988, Hilton Koch iniciou uma linha de pesquisa “Detecção precoce do câncer de mama na UFRJ”. Nessa linha de pesquisa foram 36 teses de mestrado e 25 de doutorado no Departamento de Radiologia da Faculdade de Medicina da UFRJ.

Vários mastologistas realizaram teses de doutorado. Antônio Frasson, Diógenes Baségio, Marconi Luna, João Esberard, Ricardo Chagas e tese de mestrado Cristiano Luna.

Os mastologistas Antônio Figueira, Marconi Luna, Ézio Novais Dias estiveram no INCA para falar com Hilton Koch, presidente da CBR para tentar um acordo para que os mastologistas pudessem dar laudos de mamografia.

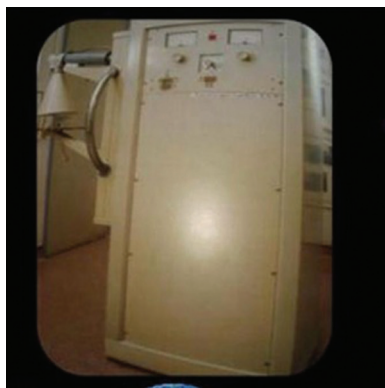
Então, na gestão do Antônio Filgueira, iniciaram-se as conversas para tratar do convênio com o Colégio Brasileiro de Radiologia, a Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) para formação e qualificação em mamografia.

Num primeiro momento, enfrentamos muita dificuldade



EM CIMA:
Posicionamento de Leborgne
da paciente para uma
mamografia em crânio-caldal
e lateral.

EMBAIXO:
Primeiro modelo comercial
do Senographe e primeiro
mamógrafo do Brasil.



para a realização dessa reivindicação junto ao CBR, tendo excelente ajuda de Hilton Koch para a colaboração desse convênio.

Em 19 de janeiro de 1995, o convênio foi assinado por Marconi Luna (SBM), Luiz Karpovas (CBR) e Hildoberto Carneiro de Oliveira (Febrasgo) na Associação Médica Brasileira, em São Paulo. Atualmente muitos mastologistas possuem serviços de mamografia em todo território brasileiro.

A mastologia sedimentou

mais um marco de vitória em prol das mulheres portadoras de câncer de mama. Desejamos que a mamografia tenha um progresso para o diagnóstico precoce atuando sempre para a vida saudável das mulheres. Podemos concluir afirmando que depois de muito esforço e perseverança, realmente os mastologistas conquistaram a mamografia no Brasil.

Histórias e estórias



GUSTAVO A. SOUZA

Fui convidado pela direção atual da SBM – atualmente tendo como presidente o amigo Tufi, baiano “da gema”, para contar algo do histórico de nossa sociedade.

Vou descrever algo que já falei e transmiti anteriormente, em várias situações, por considerar um fato “marcante”.

Pensei muito e voltei ao passado, por sinal, bem lá no passado como, por exemplo, o Primeiro Congresso de Patologia mamária – foi assim mesmo que se denominou este encontro - que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1971. Foi muito bom, principalmente para mim, que estava dando os primeiros passos atendendo pacientes com câncer de mama. Diria que: “Valeu!”.

Claro que depois vieram

muitos outros, já com a nova denominação: mastologia e não mais patologia mamária. Desde aquela época procurei, sempre que possível, estar presente em encontros, congressos e simpósios, não só por estar atuando na docência da Unicamp, mas para conhecer melhor e transmitir, para outros profissionais, os problemas do câncer de mama e poder melhor atender às pacientes.

Um destes congressos, então já com a denominação de mastologia, foi realizado em Campinas em meados da década se 1970.

Como podem ver, posso ser considerado “antigo”, por sinal, com muito gosto e orgulho. Explico: ao envelhecer passamos a ter algumas condições que podem não ser consideradas boas, mas, com certeza, tem duas ótimas: a primeira é não ter morrido antes e a segunda é “ter visto acontecer”. E um dos fatos que vivi, e acabei levando como um ensinamento básico, que transmito para alunos e residentes, vou passar a descrever.

Como disse, no congresso ocorrido nesta nossa cidade de Campinas, num teatro ótimo que aqui existia, por dois ou três dias pudemos acompanhar várias palestras e mesas-redondas com professores do mais alto

nível, inclusive alguns vindos de outros países.

Uma destas mesas foi: “Tratamento conservador do câncer de mama”.

Antes de continuar, devo explicar para os mais jovens que o tratamento da neoplasia mamária, naquela época, era a mastectomia radical, como diríamos hoje: “ponto com, ponto br”. Não se aceitavam novos conceitos, “princípios fechados.”

Não que não existissem outras opiniões. Por exemplo, Vera Peters, Mustakalio, Crille, Spitalier e outros propunham uma abordagem menos agressiva, dependendo das condições do tumor, da axila e da paciente.

Voltando à conferência sobre tratamento conservador, havia sido designado como orador o prof. Spitalier, que trabalhava na França, se não me engano, em Marselha.

Eu, jovem ainda, havia sido designado como secretário da mesa. Sentado ao lado do coordenador, pude assistir “ao vivo e a cores” o que aconteceu.

Quando o coordenador chamou Spitalier para proferir a conferência, ocorreu um fato que me chocou: a maioria dos, assim considerados, “luminares da especialidade”, sentados na

primeira fila, levantaram-se e, ao saírem do recinto, alguns ainda diziam em voz alta: “Não vamos escutar picareta falar”.

Aquilo me chocou e até fiquei “vexado”.

Afinal, quem era o tal “picareta”? Um profissional da área, conhecido no ambiente científico, que trazia novos conhecimentos no atendimento às pacientes, que eram submetidas sempre às mastectomias radicais, modificadas ou não, e que, dependendo do caso, poderiam ser tratadas de outras formas, como o futuro demonstrou ser possível, e, em grande número de vezes, preferível.

Como sempre acontece, “o tempo passou”.

Como disse antes, não ter falecido me proporcionou ver publicado no *New England Journal of Medicine*, em outubro de 1981, o trabalho “Milan I”, do prof. Veronesi, propondo a quadrantectomia com esvaziamento axilar como outra abordagem cirúrgica. Isto abriu as portas para toda a mudança da cirurgia no câncer de mama.

Mas, por que ocorreu esta mudança? Acontece que Veronesi era um dos que era “agressivo” nas cirurgias. Ainda me lembro de um congresso a que

assisti, antes disto tudo, com ele dizendo: “Dependendo da situação retiro a glândula, músculos peitorais, linfonodos da axila e da mamária interna e, dependendo do caso, abordo a fossa supra clavicular.” Sendo que o prof. Urban, de Nova York, completou: “E eu tiro a mama oposta”.

Na sequência, o mundo mudou, ou melhor, evoluiu para a mastologia que estamos vivendo hoje e que deverá continuar evoluindo para melhor atendimento às nossas pacientes.

Completando: aprendi que em medicina não existe dogma, este é válido para religião, e que todo novo conhecimento deve ser analisado, principalmente pelos princípios da “medicina baseada em evidências”. Havia uma época em que a medicina era baseada somente na experiência.

Claro que nem todo novo conhecimento é válido, ou melhor que outros já existentes. É preciso encarar o novo e avaliar sem preconceitos para poder aceitar ou contestar.

É este conceito que procuro passar para os mais jovens, Alunos, Residentes, e Médicos.

PS. : Alguns anos depois do ocorrido em Campinas, naquele

dito congresso, encontrei o prof. Spitalier em um desses encontros que frequentei em outros países. Perguntei se ele se recordava de Campinas, do congresso e, especificamente, do fato ocorrido com a saída dos doutores da sala.

Estava dialogando em inglês e ele pediu para eu falar em português, seria mais fácil, mesmo porque ele havia morado alguns anos na Argentina e entendia muito bem o “portunhol”.

Então perguntei se tinha recordação do fato. Ele sorriu e disse que percebeu e, melhor, não se ofendeu. Afirmou que sabia o que estava falando e tentando transmitir, portanto, não se ofendeu.

Aprendi muito com o acontecimento.

Vida que segue.

A mastologia no Brasil



MACIEL MATIAS

A mastologia, como especialidade médica focada no estudo e tratamento das doenças das mamas, especialmente o câncer de mama, teve um desenvolvimento significativo no Brasil ao longo das últimas décadas. A especialidade é fundamental para o diagnóstico, tratamento e seguimento de doenças mamárias, desempenhando papel central no combate ao câncer de mama no país.

Fundadores e história da mastologia no Brasil

A mastologia começou a ocupar destaque no Brasil na década de 1950, inicialmente como uma subespecialidade da ginecologia ou da cirurgia geral. O crescimento e a demanda por uma abordagem mais focada nas

doenças das mamas levaram à criação da Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM), fundada em 1959. A SBM surgiu como uma experiência pioneira na área que buscava melhorar o atendimento às pacientes com doenças mamárias e desenvolver estudos científicos que embasassem as práticas clínicas. Entre seus fundadores destacam-se o primeiro presidente, Alberto Lima de Moraes Coutinho, ao lado de Mario Kroeff e Jorge de Marsillac.

Expansão e criação de regionais pelo Brasil

Com o avanço da SBM e o aumento de especialistas dedicadas à mastologia, a sociedade expandiu sua atuação por meio da criação de regionais em diferentes estados do país. Essa expansão começou a ganhar forma nas décadas de 1970 e 1980, levando ao fortalecimento da mastologia em diversas regiões, adaptando-se às especialidades locais e promovendo o acesso aos serviços de saúde mamárias em áreas mais afastadas dos grandes centros urbanos. Essas regionais organizam congressos, cursos e eventos voltados à educação continuada, ajudando a padronizar o atendimento e aumentar o nível de conhecimento entre os

especialistas de cada região.

Formação e intercâmbio internacional

A SBM tem um papel relevante na formação dos novos mastologistas e na capacitação contínua dos profissionais. A especialidade exige uma formação complexa, que inclui residência em cirurgia geral ou ginecologia e obstetrícia, seguida da Residência Médica de Mastologia em serviços de referência reconhecidos pela SBM, além da prova de Título. A SBM, também oferece programas de treinamento, congressos nacionais e cursos de atualização nacionais e internacionais. A SBM promove intercâmbios internacionais, parcerias com sociedades estrangeiras, como a American Society of Breast Surgeons (ASBrS) e a European Society of Breast Cancer Specialist (Eurosoma), permitindo que seus associados participem de congressos, workshops e programas de atualização no exterior. Essas parcerias possibilitam que os mastologistas brasileiros se mantenham atualizados com os avanços científicos e tecnológicos, transferindo técnicas e novas abordagens inovadoras para o diagnóstico e tratamento das doenças da mama.

Principais atividades

As principais atividades da SBM e das Regionais incluem:

Congressos e simpósios: a SBM organiza anualmente seu Congresso Brasileiro e Jornadas Regionais com convidados nacionais e internacionais compartilhando conhecimentos e avanços na área.

Educação continuada: a SBM promove cursos de capacitação e aperfeiçoamento em técnicas de diagnóstico e tratamento de doenças mamárias, além de palestras sobre novos tratamentos e práticas clínicas.

Certificação e titulação: a sociedade oferece exames para titulação de mastologistas, garantindo que os profissionais atendam aos critérios de competência e atualização necessários para a prática da especialidade.

Campanha de conscientização: a sociedade participa de campanhas nacionais e internacionais, como o Outubro Rosa, estimulando e conscientizando a população sobre a importância do diagnóstico precoce e do tratamento adequado das doenças mamárias, principalmente do câncer da mama. Essas campanhas incluem ações de educação em saúde, orientando a importância do autoexame, os exames

de rotina, principalmente a mamografia a partir dos 40 anos e discutindo entre a sociedade e os órgãos públicos o acesso ao diagnóstico e ao tratamento de forma universalizada.

Pesquisa científica e publicações: a SBM incentiva a pesquisa e oferece publicações científicas que ajudam a divulgar novos estudos e avanços na área da mastologia. Seu foco principal é o diagnóstico precoce e tratamentos inovadores, cujos resultados beneficiam diretamente a sociedade ao melhorar as práticas clínicas e aumentar as chances de cura.

Apoio a pacientes e familiares: a sociedade também oferece programas e eventos voltados ao suporte emocional e social para pacientes e familiares, abordando os desafios do diagnóstico de câncer de mama e oferecendo por meio dos seus filiados o apoio multidisciplinar.

Engajamento em políticas públicas: a SBM tem uma participação contínua junto aos órgãos governamentais para assegurar a importância da implantação de políticas públicas de saúde que garantam o acesso a exames, tratamento e medicamentos de alta qualidade para todas as mulheres brasileiras, especialmente as

de baixa renda.

A mastologia no Brasil, sob a liderança da SBM e suas regionais, consolidou-se como uma área de atuação na saúde da mulher, com forte compromisso na formação dos seus associados e com a saúde mamária no Brasil, ajudando a reduzir a mortalidade por câncer de mama, gerando impacto positivo para a sociedade ao aumentar sua qualidade de vida e o acesso ao tratamento. O compromisso de seus associados com o cuidar de seus pacientes, proporcionando novos caminhos para o enfrentamento da doença, garante à SBM uma das lideranças cada vez mais fortes no cenário nacional e internacional.

O que a mastologia me proporcionou



ANNAMARIA MASSAHUD

“Doutora, faz 20 anos que estou tentando agendar uma consulta com a senhora”. Foi a frase que ouvi de uma paciente em primeiro atendimento há cerca de dez anos. Ela havia sido consultada por mim quando eu era residente de mastologia, na maternidade Odete Valadares, em Belo Horizonte, em 1996, e me procurava desde então. O que só reforça como o tempo passa rápido.

A vontade de ser mastologista começou na graduação, durante o internato de cirurgia, no Hospital Alberto Cavalcante. Lá, residentes e preceptores proporcionaram a minha primeira experiência prática ao me deixarem executar tumorectomias e realizar suturas nas mastectomias. Decidi, então, que aquela

seria a minha especialidade na medicina. Assim, cursei ginecologia na Santa Casa de Belo Horizonte, em 1994 e 1995, retornando em 1997, aos 27 anos, já como preceptora, mastologista, supervisionando e treinando residentes de GO e especializando/residentes de mastologia a realizarem setores, mastectomias, esvaziamentos, sentinela, oncoplastia e colaborando com a aquisição de competências de cada um deles. O Título de Especialista (TEMa) foi conquistado em Fortaleza, no ano 2000.

Na minha formação complementar, fui ao IEO, na Itália, e no MSKCC, em Nova York, em ações da SBM, e participei de vários cursos, dentre eles os de oncoplastia em Belo Horizonte, de Orlando (cadáver) e de Goiânia.

A busca por conhecimento, conexões e pela melhoria de condições de trabalho médico me fez estar na diretoria da Sociedade Brasileira de Mastologia da regional Minas Gerais desde 2008 até 2022, como membro do Comitê Científico, passando pela secretaria, tesouraria, vice-presidência e presidência. Na SBM nacional, fui presidente do departamento de Residência Médica e participei do planejamento da matriz de competências vi-

gente; atualmente, sou secretária adjunta. Além disso, a oportunidade de participar ativamente em entidades como Associação Médica de Minas Gerais, CRM MG e Unimed-BH facilita com que eu contribua para que as práticas clínicas sigam os padrões éticos e científicos.

Nestes anos todos, já trabalhei, e muito, em plano verticalizado, hospital público, hospital privado, centro de saúde e em consultório particular. Desde 2020, com o compromisso de aprimorar meu trabalho médico e as habilidades administrativas, curso gestão de serviços de saúde na UFMG, com o intuito de contribuir de forma mais qualificada na melhoria da qualidade assistencial coletiva, na saúde e no bem-estar das pessoas.

Em suma, são muitos anos de vida no trabalho, muitos residentes espalhados pelo Brasil, muitas pessoas (pacientes e colegas) que a mastologia me proporcionou conhecer e acolher.

A SBM em minha vida



FELIPE ZERWES

Apesar de gostar de números sou péssimo em datas. Esta não é uma narrativa histórica, mas uma visão pessoal de como a SBM esteve presente em minha trajetória. Voltei de Milão no final de 1998 com um convite para trabalhar no Serviço de Mastologia da PUC-RS. Antônio Frasson, responsável por conseguir meu estágio inicial no Instituto Europeu de Oncologia (que posteriormente durou bem mais do que o previsto), estava “precisando de ajuda” (em suas palavras). Com grande satisfação, ingressei na vida na instituição na qual permaneço até hoje. Frasson, membro ativo da SBM há muito tempo, influenciou minha entrada na Sociedade.

As especializações em serviços nacionais estavam come-

çando, assim como as primeiras residências específicas na área. A internet engatinhava no país, “redes sociais” não existiam, o conhecimento era basicamente disseminado por meio dos eventos científicos internacionais, e depois “repassados” para nós, meros mortais, pelos professores que compareciam a tais eventos. Um convidado internacional em um evento regional era algo raro, pelo menos no RS.

Eventos cheios eram aqueles compartilhados com a ginecologia, e a obtenção de recursos financeiros para fortalecer nossa especialidade e lutar por nossos objetivos era difícil. Iniciei minha “participação ativa” na SBM-RS como primeiro secretário, na próxima gestão como vice-presidente, e, posteriormente, presidente da regional gaúcha.

A dificuldade de gerenciar recursos escassos e realizar atividades educacionais era nosso maior problema. Mas também tínhamos responsabilidade sociais inerentes às sociedades científicas. Como vice-presidente, acompanhei o Pedrini em uma representação da SBM-RS exigindo qualidade no controle das mamografias no RS, fato pelo qual ele foi acionado judicialmente. Depois na SBM Na-

cional por meio da Comissão do TEMa, em 2014, onde tive a responsabilidade de presidir o triênio de 2017. A especialidade e o número de especialistas crescem a olhos vistos, assim como a representatividade da nossa SBM.

Nossa especialidade é diferente de outras mundo afora. Nos EUA, por exemplo, nossos colegas são chamados de “cirurgiões da mama” (a maioria naquele país é oriunda da cirurgia geral). Aqui no Brasil o mastologista é bem mais do que isso. Além de ser um especialista em cirurgias mamárias, incluindo as oncoplastias e reconstruções, temos formação para atuar em prevenção, genética, diagnóstico, tratamento sistêmico, cuidados paliativos, pesquisa...

O amadurecimento da especialidade só foi possível graças ao crescimento da SBM. A sociedade civil e as sociedades científicas reconhecem nossa especialidade como essencial no manejo de tudo relacionado à mama. Ao notar um mastologista participando de uma atividade científica em quaisquer das sociedades relacionadas à área, saiba que um dos motivos para este colega estar ali é o trabalho, muitas vezes invisível, que nossa SBM tem feito durante os anos.

A cirurgia da adequação de gênero

CÍCERO URBAN E MAÍRA DÓRIA

As cirurgias de redesignação sexual fazem parte da história recente da medicina ocidental. As primeiras cirurgias foram realizadas na década de 1930. Lili Elbe, uma mulher trans dinamarquesa, foi uma das primeiras a passar por cirurgias de redesignação, em 1931. No Brasil, a primeira cirurgia em uma mulher trans foi feita em 1971 pelo cirurgião Roberto Farina. O caso causou controvérsia e ele foi condenado pela Justiça por lesões corporais a dois anos de prisão. Apenas em 1997 o Conselho Federal de Medicina (CFM) autorizou a realização de cirurgias de redesignação sexual. Desde então, a compreensão da transexualidade evoluiu e outras resoluções mais recentes do CFM foram publicadas. Hoje, o Brasil é um dos poucos países que oferece estas cirurgias por meio do sistema público de saúde.

A experiência do grupo do Centro de Doenças da Mama (CDM) com cirurgias de adequação de gênero começou em 2019. Desde então, já se somam mais de 60 mastectomia masculinizadoras e grande aprimoramento técnico. No início, tínhamos uma preferência pela

técnica que chamamos de aréola pediculada, em que a vascularização e inervação do complexo aréolo-papilar são mantidas com a preservação do pedículo inferior. A técnica era escolhida para os casos com mamas médias e elasticidade moderada a ruim. São poucos os relatos na literatura sobre esta técnica. Após cerca de 25 casos de aréola pediculada, pudemos observar uma taxa considerável de necessidade de retoque por conta do tecido mamário remanescente. Por outro lado, tivemos raros casos de necrose e perda do complexo aréolo-papilar, com manutenção da coloração e muitas vezes também da sensibilidade.

Recentemente optamos pela mastectomia com enxerto do complexo aréolo-papilar para os casos de mamas médias a volumosas, com necessidade de ampla ressecção de pele. A necrose total do enxerto tem sido um evento raro e os retoques são menos frequentes, dada a uniformidade do retalho.

Para os casos com mamas pequenas, sem ptose e com boa elasticidade, optamos por uma incisão lateral em fusão. Dessa forma, uma porção de pele é removida e o complexo aréolo-papilar é reposicionado para uma

posição mais inferior e lateral. A realização de mastectomia peria-reolar é possível para os casos de pequeno volume mamário.

Ressaltamos a importância de seguir as normativas da resolução do CFM para cirurgias de adequação de gênero. Além disso, percebemos a importância de um bom suporte psicológico e familiar nesse momento. Monitoramos e avaliamos nossos pacientes já operados, e, após seis meses, 100% relatam que a decisão da cirurgia foi a melhor decisão para si. O diálogo com o paciente nas consultas pré-operatórias é de extrema importância para que ele/ela entenda quais são as possibilidades de técnica para o seu caso, o que pode ser esperado em termos de tamanho de cicatriz, taxa de reoperações e complicações possíveis.

Para nós do Grupo CDM tem sido um grande aprendizado caminhar ao lado da população transgênero na busca de melhores técnicas na cirurgia de mastectomia masculinizadora. Com uma abordagem que respeita as individualidades de cada paciente e busca minimizar as barreiras sociais, percebemos como nosso trabalho contribui diretamente para a melhoria da qualidade de vida de homens trans.

Crescimento contínuo



MÔNICA TRAVASSOS

Minha jornada na Sociedade de Mastologia começou em 1991, quando me associei à instituição com o objetivo de aprofundar meus conhecimentos e contribuir para o avanço da mastologia no Brasil, incentivada por Maria Helena Rabay e Marconi Luna. Desde o início, participei ativamente de congressos e seminários nos quais tive a oportunidade de interagir com profissionais renomados na área e trocar experiências valiosas.

Durante a década de 1990, dediquei-me ao estudo e à prática clínica da mastologia, buscando sempre a atualização e a excelência. Minha participação em cursos e workshops promovidos pela sociedade me permitiu aprimorar minhas habilidades e

conhecimentos, além de me integrar a uma rede de profissionais nacionais e internacionais, comprometidos com a saúde da mulher.

Nos anos 2000, comecei a assumir papéis mais ativos dentro da sociedade. Participei de comissões de trabalho e grupos de pesquisa, onde acredito ter contribuído para o desenvolvimento de diretrizes e protocolos dentro da nossa especialidade. Minha atuação em projetos voltados para a prevenção e diagnóstico precoce do câncer de mama reforçou meu compromisso com a saúde da mulher e ampliou meu reconhecimento na área.

Nas diretorias da SBM, com um trabalho integrado, com os presidentes construímos pilares do que a sociedade busca para todos. Tive por fim reconhecimento de todos com quem trabalhei desde Henrique Salvador, Ruiz, Rufo, Frasson, Wilmar e Tufi.

Com o passar dos anos, meu envolvimento com a sociedade se intensificou. Fui convidada a participar palestrando, coordenando e discutindo em conferências regionais e nacionais, compartilhando minha experiência e conhecimento com colegas da área. Esse reconhecimento cul-

minou em minha eleição para a vice-diretoria da Sociedade de Mastologia na Região Sudeste, um cargo que assumi com grande honra e responsabilidade. Nesse papel, pude influenciar positivamente as diretrizes da sociedade e promover iniciativas inovadoras para a especialidade.

Atualmente, continuo a atuar como vice-diretora da Sociedade de Mastologia na Região Sudeste, na qual ajudo nos projetos voltados para a educação continuada, a pesquisa e a conscientização sobre a saúde mamária. Meu compromisso com a excelência na prática da mastologia permanece inabalável, e sigo buscando maneiras de contribuir para o desenvolvimento da especialidade e para a melhoria da qualidade de vida das pacientes.

Minha trajetória na Sociedade de Mastologia desde 1991 tem sido marcada por um contínuo crescimento profissional e por um forte compromisso com a saúde da mulher. Estou ansiosa para os desafios futuros e para continuar contribuindo para a evolução da mastologia no Brasil.

A força e a coragem de uma mulher

JOSÉ ANTÔNIO RIBEIRO FILHO

Esta história comprova a máxima de que o amor materno é a força mais intensa da natureza humana. Para M.C., não havia sonho mais sublime do que gerar uma vida em seu ventre, tal qual a cabeceira de um rio de onde nascem as águas claras e fartas.

Em março de 1999, M.C., de 40 anos de idade, casada com P., apresentou diagnóstico clínico de tumor de mama direita. Realizados os exames que confirmaram as suspeitas, submeteu-se, então, à cirurgia, quimioterapia e radioterapia de mama com resultado estético muito bom. Realizou controles periódicos, sem apresentar nenhuma anormalidade.

Os impactos do tratamento não a desmotivaram de ser mãe. O sonho de dar à luz se intensificou. E foi este sonho que a fez acreditar que a sua vida continuaria pulsando radiosa apesar das duras provas que passou com a saúde. Confiante e resoluta, sentia que viria um ser amado constituído dentro de si: Um filho ou uma filha.

E nessa busca pela realização da maternidade, em 2003 M.C. optou por um segundo tratamento para engravidar por

meio de inseminação artificial. A primeira vez foi na Inglaterra e a outra no Brasil. Porém, nenhum dos experimentos obteve sucesso. Mas a não concretização do objetivo por meio deste recurso clínico também não lhe serviu de desânimo e tampouco de desistência. O sonho de se tornar mãe fluía como raios de sol sobre sua existência. Era a sua meta suprema.

Em acordo com o esposo, decidiu-se pelo tratamento por doação. Assim, determinada a correr todos os riscos para sua saúde, recebeu quatro óvulos que foram fertilizados pelo sêmen do marido implantados em seu útero. E o desafio foi compensador. M.C. concebeu K.V. que veio ao mundo pesando 3,950 quilos e medindo 49 centímetros. O sonho era mais do que um sonho. Era uma predestinação mantida pela certeza de um coração abertamente materno.

Sua persistência e ímpeto também geraram o alimento farto à K.V. Durante a gestação, somente a mama esquerda aumentou de tamanho promovendo a produção de leite, pois, a mama direita devido aos problemas enfrentados com o tratamento no combate ao tumor, não sofreu alterações. E com apenas uma

mama, ela pôde nutrir satisfatoriamente a sua tão aguardada criança.

Mas a luta pela saúde de M.C. prosseguiu após ter dado à luz à K.V. Em 2008 lhe foram detectados tumores na mama esquerda. E assim, ela enfrentou cirurgias de extirpação de ambas as mamas e também reconstrução das mesmas. Novamente, submeteu-se a sessões de quimioterapia e radioterapia. Por cinco anos, foi medicada cumprindo todas as indicações impostas pelos especialistas. Atualmente, os exames de controle mostram que M.C. permanece assintomática e trabalhando normalmente.

Sua filha K.V. é muito inteligente e apresenta traços semelhantes aos dos pais. É patinadora e, em 2015, recebeu medalha de ouro em patinação artística. Prática equitação e já conquistou várias medalhas. Domina o idioma inglês, assim como o português. É uma jovem muito amada e feliz, tendo aprendido a tornar seus pais felizes também.

E no desenrolar desta história, não se tem como não acreditar na força do coração de mãe. É, de fato, a maior forma de amor sobre a terra.

Seguimos a passos largos



RUFFO DE FREITAS JR.

Tive a honra de presidir a Sociedade Brasileira de Mastologia no triênio 2014 a 2016. Uma época em que a gestão foi priorizada para a oncoplastia e reconstrução mamária. Junto ao Conselho Federal de Medicina, com o apoio do vice-presidente Augusto Tufi Hassan e de toda a diretoria, com atuação direta do nosso médico advogado Clécio Enio Murta de Lucena e do presidente da Comissão de Oncoplastia, Cícero de Andrade Urban, foi possível consolidar a oncoplastia e a reconstrução mamária tanto dentro da residência médica, quanto ato a ser praticado também pelo mastologista. Para além, a criação dos cursos de oncoplastia e reconstrução mamária de Goiânia, capitaneado pelo Régis Paulinelli e

pelo Luís Fernando Jubé Ribeiro, além do curso de Jaú pelo Maurício Resende, Ricardo Auler Paloschi e Ailton Joioso, permitiram um crescimento extraordinário da mastologia.

Em decorrência desse avanço, aumentou o interesse pela especialidade, aumentando também o número de sócios. Seguindo a gestão anterior do Carlos Alberto Ruiz, com a ideia “de mastologia para todos”, usamos o slogan “a casa é sua”, trazendo o mastologista para dentro da sociedade, de forma mais personalizada. A SBM seguiu em passos largos, oferecendo aos associados educação continuada nos vários encontros científicos, bem como, nos congressos da SBM e de suas regionais.

A Revista Brasileira de Mastologia foi priorizada, com busca incessante por ciência e por bons trabalhos científicos, base para que pudesse voltar a ser indexada pela LILACS, na gestão seguinte. A Escola Brasileira de Mastologia, dirigida pelo Antônio Luiz Frasson, que viria posteriormente ocupar a presidência da SBM, em trabalho hercúleo integrou ainda mais a mastologia nacional.

Finalizamos em 31 de dezembro de 2016 com grande

satisfação na certeza de uma integração nacional, tendo conseguido abrir regionais em cada um dos estados brasileiros e visitando cada uma delas. Por fim, a organização da secretaria e a contratação da nossa gerente Fernanda Pereira Alves, juntamente com a participação de toda a diretoria e das várias comissões, permitiu um fabuloso crescimento da SBM nos anos de 2014 a 2016.

Extremamente gratificante



**RAFAEL SZYMANSKI
MACHADO**

Conheci a Sociedade Brasileira de Mastologia em 2003, quando realizei a prova do TEMA e fui aprovado.

Em 2004 fui convidado por Diógenes Basegio para ser o tesoureiro-geral na sua gestão.

Durante a gestão entendi a grandeza da instituição e sua importância para a especialidade.

Conheci grandes profissionais.

Participar da condução da especialidade por três anos foi extremamente gratificante.

Realizamos algumas reformulações na estrutura da SBM.

Entre 2008 e 2010 me dediquei à SBM Rio de Janeiro. Fui secretário-geral. Época em que a regional tinha poucos recursos financeiros. Foi uma gestão

voltada ao associado, dentro da realidade financeira da SBMRJ.

A convite de Ruffo de Freitas Jr, retornei à tesouraria da SBM Nacional.

Uma gestão extremamente profissional, onde a gestão de recursos permitiu soma importante às reservas da SBM.

A SBM passou a gestão ainda mais profissional.

O reconhecimento da especialidade em nível nacional já era bem maior.

A consolidação do mastologista como sendo o responsável por cuidar da saúde mamária das mulheres foi notória.

O papel do mastologista na reconstrução das mamas avançou.

Iniciaram-se os cursos de Oncoplastia.

O número de sócios foi ampliado.

Todas as decisões da SBM eram tomadas em conjunto na diretoria. Ruffo nos ouvia. Foi uma gestão bastante inclusiva.

Segui à frente da SBM Nacional durante a gestão de Antônio Frasson como secretário-geral.

Foi uma gestão com avanços na especialidade, marcada pelo profissionalismo e aumento do patrimônio da SBM.

Entre 2020 e 2022 fui Presi-

dente da SBMRJ.

Tempos difíceis. A pandemia pegou a todos de surpresa.

Perdemos colegas no Brasil inteiro.

Não foi fácil manter as atividades da SBMRJ.

Mas, com o apoio dos colegas do RJ, criatividade e um pouco de ousadia, conseguimos manter as atividades científicas on-line, com a participação de muitos convidados internacionais.

O SIM Rio de 2021 teve recorde em inscrições e convidados internacionais.

O SIM Rio de 2022 foi um sucesso com a congregação dos colegas do RJ. Passamos a gestão da Regional RJ com acréscimo importante no caixa em relação ao valor recebido na nossa entrada.

Hoje estou à frente da Revista Mastology. Grande desafio.

Agradeço à diretoria da SBM, em especial a Augusto Tufi Hassam, pela oportunidade.

Fortalecimento e sustentabilidade



ANDRÉ MATTAR

Participar da diretoria da SBM não só me proporcionou crescimento profissional e pessoal, como me permitiu contribuir para o fortalecimento e a sustentabilidade financeira da instituição. Minha atuação na tesouraria foi gratificante, pois tive a oportunidade de ajudar a estruturar e organizar as finanças da sociedade. Com uma gestão financeira sólida, levantamos fundos que hoje possibilitam à SBM expandir as atividades, promover mais eventos de educação continuada, apoiar pesquisas e investir em projetos estratégicos. A sociedade, mais fortalecida financeiramente, tem maior autonomia e capacidade para realizar ações de grande impacto.

A estabilidade financeira foi fundamental para concretizar projetos que beneficiam os só-

cios, como desenvolvimento de novas diretrizes clínicas, oferta de cursos e workshops gratuitos ou com valores acessíveis, e ampliação das plataformas de atualização científica. Além disso, a SBM pode investir em campanhas de conscientização sobre o câncer de mama e a importância da mastologia, reforçando o papel dos especialistas na promoção da saúde da mulher.

O trabalho na tesouraria também me ensinou muito sobre o valor do planejamento, da transparência e da responsabilidade em cargos de liderança. A experiência me preparou para enfrentar desafios e identificar soluções criativas e sustentáveis, mantendo em foco o crescimento do mastologista e o suporte aos sócios. Sinto orgulho de ver como a sociedade cresceu e se consolidou financeiramente, criando uma base sólida que assegura benefícios concretos e duradouros para seus membros.

A SBM evoluiu significativamente, e a participação ativa dos mastologistas na diretoria tem sido um dos pilares da transformação. Cada um contribui com sua visão, experiência e habilidades para construir uma entidade mais sólida e representativa. Isso se reflete em políticas de

educação continuada, melhores diretrizes de tratamento, organização de congressos e cursos, e ações de conscientização e advocacy que têm fortalecido a presença e a relevância da mastologia no cenário médico brasileiro. Estar na diretoria proporciona contato próximo com colegas de diferentes realidades e contextos, o que enriquece nossa prática e amplia nossa visão sobre os desafios e as soluções necessárias. A troca de experiências é crucial para o nosso crescimento profissional, pois desenvolve competências e fortalece a capacidade de liderança.

Para os sócios, uma diretoria comprometida e ativa significa acesso contínuo a oportunidades de aprimoramento. Os sócios têm hoje uma gama crescente de recursos e atividades que beneficiam não só a prática individual, mas também o reconhecimento da mastologia como especialidade vital para a saúde da mulher.

É nossa responsabilidade dar continuidade a essa trajetória de melhorias, promovendo cada vez mais o desenvolvimento da mastologia no Brasil e garantindo que a SBM permaneça como um canal de apoio, educação e representatividade para todos os mastologistas e suas pacientes.

Genética e cancer de mama



ALESSANDRA BORBA

O conceito de câncer de mama hereditário é um conceito antigo, descrito desde 1866. Mas foram nos anos 1970-80 que padrões autossômicos dominantes em famílias com alta incidência de câncer de mama e ovário foram identificados, sugerindo hereditariedade. Surgiram, então, cirurgias profiláticas baseadas no histórico familiar, mas havia ceticismo quanto à eficácia dessas intervenções, especialmente com relatos de casos de câncer de mama e peritônio após as cirurgias redutoras de risco.

A descoberta de variantes patogênicas (VP) nos genes BRCA1 e BRCA2 nos anos 1990 confirmou a base genética para muitos casos hereditários. Atualmente, sabemos que 5-10% dos casos de câncer de mama são

hereditários, associados a VP em genes de alta ou moderada penetrância. Identificar essas pacientes é crucial para ajustar o rastreamento e implementar estratégias de redução de risco, beneficiando também seus familiares.

Hoje, conhecemos pelo menos 13 genes relacionados ao risco aumentado de câncer de mama, como BRCA1, BRCA2, TP53, PTEN, CDH1, PALB2 e STK11 (alto risco) e ATM, CHEK2, BARD1, NF1, RAD51C e RAD51D (risco moderado). No Brasil, destaca-se o gene TP53, devido à mutação fundadora R337H, prevalente nas regiões Sul e Sudeste. Esse gene está associado à Síndrome de Li-Fraumeni, caracterizada por neoplasias precoces como sarcomas e tumores adrenocorticais, além do câncer de mama jovem. Na Figura 1A e 1B, visualizamos uma linha do tempo da evolução do conhecimento sobre o câncer de mama hereditário nos últimos 20 anos.

A evolução dos testes genéticos

Frederick Sanger sequenciou um genoma completo usando a técnica de sequenciamento de Sanger, que analisa pequenas regiões de DNA de cada vez. Nos

primeiros estudos, como os conduzidos por Mary-Claire King, o sequenciamento direto ainda não era viável. Devido à sua complexidade e alto custo, o exame genético era pouco acessível na prática clínica.

Com o surgimento do MLPA (Multiplex Ligation-dependent Probe Amplification), tornou-se possível detectar alterações estruturais, como CNVs, sem sequenciamento direto, embora sem detectar mutações pontuais. Já o Sequenciamento de Nova Geração (NGS) marcou um avanço significativo ao permitir o sequenciamento simultâneo de milhões de fragmentos de DNA, acelerando a análise e reduzindo custos. Essa técnica, mais rápida e econômica, possibilitou a análise de genomas inteiros e a implementação de painéis multigênicos, possibilitando integrar a oncogenética à prática clínica.

A quebra do patenteamento de genes em 2013 foi outro marco, tornando os testes mais acessíveis. Hoje, um painel genético no Brasil custa entre R\$1.500 e R\$2.500, com resultados em até três semanas. Contudo, a oferta desses testes é menor que o recomendado. Barreiras como falta de profissionais capacitados e critérios restritivos limitam sua

aplicação, além do baixo conhecimento da população sobre sua importância. Para ampliar o acesso, a ASCO (American Society of Clinical Oncology) expandiu, em 2024, as indicações de testes para incluir todas as pacientes com câncer de mama até 65 anos. No Brasil, os critérios da ANS são mais restritivos, e no SUS, a CONITEC ainda não aprovou a incorporação dos testes, embora alguns estados tenham programas locais.

Estratégias de redução de risco

Mary-Claire King, pioneira em genética do câncer, afirmou: “Nenhuma mulher com mutação em BRCA1/BRCA2 deveria morrer de câncer. O câncer de mama e de ovário causado por uma mutação no BRCA1/BRCA2 é totalmente evitável e desnecessário.” Para isso, além dos testes genéticos, é fundamental implementar estratégias de vigilância e redução de risco, como:

1. **Vigilância Intensiva:** Rastreamento com ressonância de mamas com contraste e mamografia anual aumenta a detecção precoce.

2. **Quimioprofilaxia:** Tamoxifeno, raloxifeno e inibidores de aromatase são opções

para reduzir o risco de câncer receptor hormonal positivo, mas os estudos são limitados em portadoras de mutações. Apenas o NSABP-P1 analisou um subgrupo com mutações em BRCA, mas eram apenas 19 pacientes. É possível que exista benefício para redução de tumores receptores hormonais positivos nas pacientes com síndrome do câncer de mama hereditário.

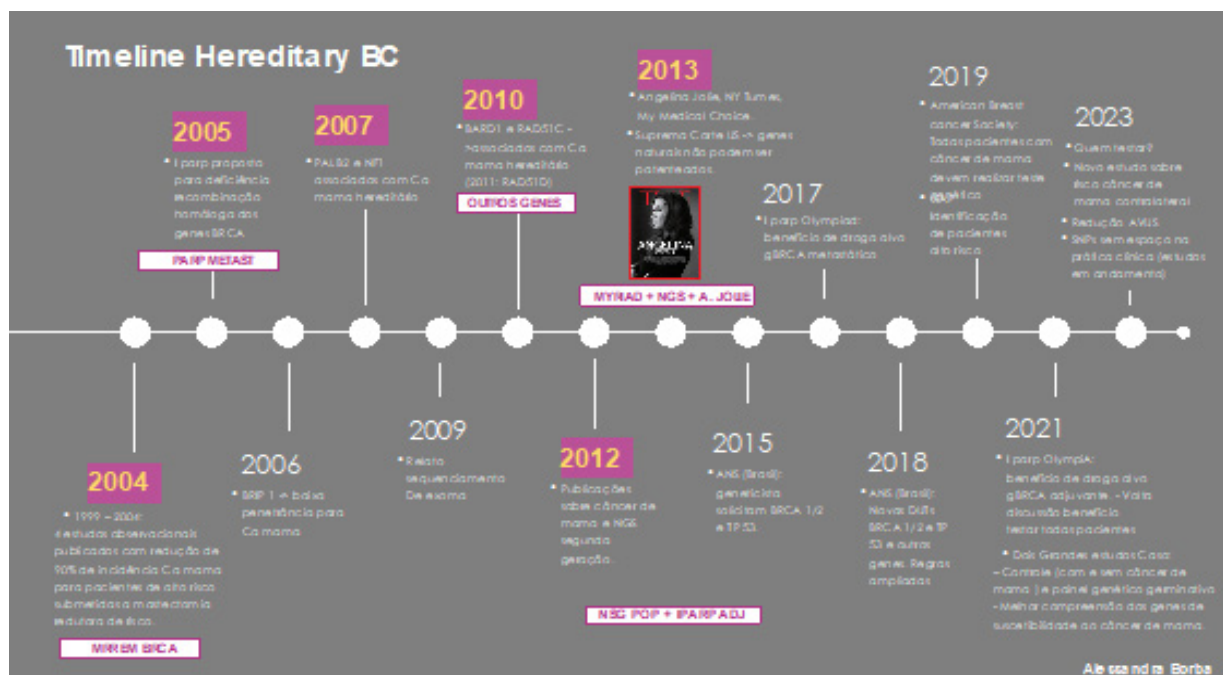
3. **Cirurgias Redutoras de Risco:** A mastectomia bilateral redutora pode reduzir o risco em até 90% em pacientes de alto risco. A decisão é individualizada, e a reconstrução imediata com preservação de mamilo e aréola é recomendada.

Inicialmente, as cirurgias redutoras eram vistas com ceticismo. Em 1997, o primeiro guideline sobre câncer hereditário não tinha evidências suficientes para recomendar ou contraindicar a mastectomia profilática. Com o advento dos testes genéticos na década de 1990, tornou-se possível identificar portadores dessas mutações. Após os resultados de estudos de coorte evidenciando redução de risco de câncer de mama nessas pacientes, essas cirurgias foram aceitas e hoje fazem parte das nossas recomendações para essas pacientes.

A mastectomia bilateral redutora de risco reduz o risco de câncer de mama em até 90% em pacientes de alto risco. Outras cirurgias, como salpingo-ooforectomia bilateral para mutações em BRCA1/2, gastrectomia para CDH1 e histerectomia para PTEN, também são recomendadas para reduzir o risco de outros cânceres em síndromes hereditárias.

Para pacientes com VP em BRCA, o risco de câncer contralateral é elevado, chegando a 43,4% em 20 anos para BRCA1 e 34,6% para BRCA2. Estudos iniciais indicaram que a mastectomia contralateral redutora de risco melhorava a sobrevida. No entanto, esses estudos apresentavam um viés de seleção com pacientes mais jovens e saudáveis. Além disso, os resultados não foram comparados com as estratégias recomendadas, que incluem ressonância mamária com contraste associada a mamografia anual. Já o benefício dessa cirurgia para diminuir o câncer de mama contralateral em portadores de VP em BRCA é claro. Deve-se levar em consideração prognóstico do câncer index, comorbidades, idade, possibilidade de seguimento com ressonância, entre outros fatores. Novamente,

MASTOLOGISTAS E A SBM



é necessário aconselhar e individualizar.

Impacto do tratamento sistêmico

A terapia com base em genes, desenvolvida 20 anos após a descoberta dos genes BRCA1/2, trouxe novas perspectivas. O olaparibe, inibidor de PARP, é eficaz em pacientes com VP em BRCA1/2, onde a via de reparo por recombinação homóloga está comprometida. O estudo OlympiA, um ensaio clínico duplo-cego, randomizado, demonstrou que o uso adjuvante de olaparibe por um ano reduziu a recorrência invasiva e aumentou a sobrevida em pacientes com câncer de mama inicial, HER2-negativo, portadoras de

VP em BRCA1/2. Houve uma redução significativa no risco de morte com o uso de olaparibe.

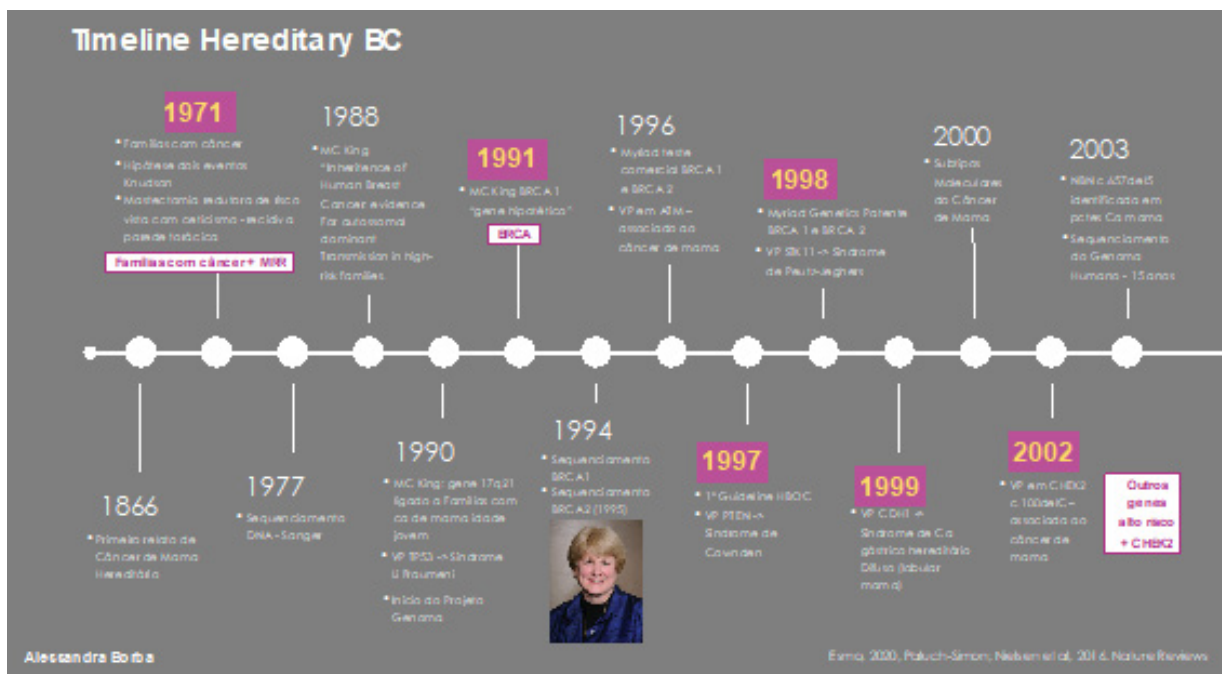
Para pacientes com câncer de mama triplo-negativo com doença residual pós-quimioterapia, o tratamento adjuvante deve ser individualizado. Não há estudos comparativos diretos entre pembrolizumabe, capecitabina e olaparibe. No entanto, quando VP em BRCA, o olaparibe apresenta forte embasamento biológico e benefício comprovado em sobrevivência global.

No câncer de mama metastático, olaparibe e talazoparibe são aprovados para pacientes HER2-negativas com VP em BRCA1/2, prolongando a sobrevida livre de progressão.

Recomendações de manejo e perspectivas futuras

A personalização do manejo do câncer de mama, com base em testes genéticos, é essencial para redução de risco de câncer de mama e tratamento. Além disso, o manejo do câncer hereditário exige acompanhamento contínuo, englobando desde o manejo de sintomas climatéricos até orientações para seleção de embriões em casos de fertilização in vitro e testagem de familiares.

As inovações em genética estão transformando a oncologia. Tecnologias de sequenciamento e bancos de dados genômicos estão facilitando a reclassificação de Variantes de Significado



Incerto (VUS), tornando o diagnóstico mais preciso. Estudos sobre vacinas para TP53 estão em andamento, com o objetivo de estimular o sistema imunológico contra células cancerígenas.

Os Escores de Risco Poligênico (PRS) estão ganhando importância na avaliação do risco cumulativo de câncer de mama. Esses escores integram múltiplas variantes genéticas e prometem previsões mais precisas. A expansão para populações não caucasianas é essencial para validar esses modelos. O sequenciamento completo do exoma permite identificar mutações raras e fornece uma visão genética mais abrangente de cada paciente.

Testes de RNA também es-

tão sendo estudados para revelar o comportamento tumoral e ajudar na estratificação de risco e decisões terapêuticas. Inibidores de PARP são promissores para outras mutações, incluindo aquelas somáticas, e podem eventualmente ser usados para prevenção. Pesquisas com inibidores de RANK-1 avaliam seu potencial na redução de câncer em populações de alto risco.

Com esses avanços, a mastologia avança para um futuro em que o câncer de mama hereditário poderá ser prevenido e tratado de forma cada vez mais personalizada, proporcionando novas esperanças e alternativas para pacientes em todo o mundo.

FIGURA 1:
Linha do tempo relacionada à evolução do conhecimento sobre câncer de mama hereditário. Figura gerada na tese de doutorado da autora. Nota: A e B compreendem uma linha do tempo relacionada com a evolução do conhecimento sobre câncer de mama hereditário. Imagem adaptada de duas publicações.

Ser médico: de Imhotep a Edgar Morin



LUIZ PORTO

O médico é herdeiro dos magos e curandeiros que surgiram no processo civilizatório. Encontra-se o primeiro registro de suas atividades no Egito Antigo, em 2500 a.C. Nestes primórdios tinha status de semideus. Para aquele povo as doenças eram castigos divinos por erros cometidos pelo paciente. O médico, com suas magias e mezinhas, intermediava a cura junto aos múltiplos deuses. O tratamento incluía mutilações dolorosas como a cauterização com ferro em brasa para expiação da falta cometida.

Esta visão do ato médico atravessou as sucessivas civilizações do oriente, fazendo com que Imhotep, o mais famoso médico egípcio, fosse reconhecido mais tarde entre os gregos como

Asclépio, o Deus da Medicina.

A primeira tentativa de regulamentar a atividade surgiu na Mesopotâmia em 1700 a.C. Hamurabi editou um conjunto de leis que regulamentava, entre outras, a atividade do médico, estabelecendo direitos e deveres, inclusive punições de seus erros.

Na Grécia Antiga, ao lado de filósofos como Aristóteles e Platão surgiram os esculápios, como eram chamados os médicos gregos que revolucionaram o papel do médico pela interpretação do adoecer. Hipócrates, considerado o “Pai da Medicina”, detentor dos conhecimentos “científicos” da época, criou os conceitos de normal e patológico - as doenças deixaram de ser associadas a causas sobrenaturais e passaram a ser interpretadas como desequilíbrio dos princípios vitais, água, fogo e ar, e dos quatro humores, sangue, fleuma, bile amarela e bile negra.

Aristoteles ensinava que o médico devia se mostrar afável, prudente e generoso, adotando uma conduta igualitária para todos os pacientes. Platão pregava que a medicina deveria ser realizada para trazer saúde e não para produzir riqueza.

Hipócrates definiu as bases da deontologia médica formali-

zando princípios – o juramento hipocrático – que, em suas bases, perdura até hoje.

Esta atitude centrada na beneficência e na não maleficência foi repassada à medicina romana, na qual se destacaram médicos como Galeno e Celso, com contribuições importantes, criação de hospitais militares e esboço de legislação sobre o ensino médico e a prática da medicina esboçadas no livro *De Medicina*.

Mais tarde, Avicena (980-1037), de origem persa, foi responsável, por meio de seus *Cânones*, pela disseminação da medicina árabe para a Europa, na Idade Média. Seus conhecimentos influenciaram a formação dos médicos nas Universidades Católicas de Montpellier, na França, e Leuven, na Bélgica. Na Idade Média, a medicina flertou com a bruxaria, os alquimistas procuravam com a química primitiva descobrir o elixir da vida eterna.

Nos primórdios da medicina a formação do médico cirurgião se dava pelo o aprendizado com um único mestre, que passava sua arte para o aprendiz até este ser considerado apto ao exercício da profissão. Realizava seu trabalho principalmente na casa dos pacientes ou atendendo os



feridos nos campos de batalha. A partir da Era Cristã os doentes crônicos mais carentes eram tratados nos mosteiros.

Com o surgimento das primeiras universidades na Europa, a primeira em Bolonha, os médicos passaram a ter uma formação mais sistemática com avaliação de sua formação por professores destas instituições sob controle da Igreja Católica. Os cirurgiões barbeiros, precursores dos cirurgiões modernos, continuaram a ser preparados

informalmente por um professor tutor.

A partir do cisma de Henrique VIII na Inglaterra, a atividade médica saiu do controle da Igreja e assumiu aspecto corporativo. Naquele país criaram-se os colégios de médicos e cirurgiões que passaram a definir e regulamentar suas atividades. Eles foram o embrião dos atuais conselhos de profissionais. Lá também surgiram os hospitais, onde os pacientes eram internados para tratamento ou para ob-

servação de quarentenas, principalmente quando, por conta das grandes navegações, vinham de áreas suspeitas de epidemia.

O Estado passou a intervir na saúde a partir do entendimento de que boa parte das doenças estava associada ao amontoamento de pessoas nas grandes cidades, com eclosão de epidemias mortais. Com a revolução industrial surge o profissional associado ao Estado capitalista que se cristalizou nos Estados Unidos da América entre os séculos XVIII e XX.

MASTOLOGISTAS E A SBM

A partir do Século XX, na esteira da Revolução Russa e após a Segunda Grande Guerra, criou-se no Ocidente o conceito de “Estado do bem-Estar social”, proposto por Keynes, economista inglês, que se tornou inspiração dos sistemas públicos de saúde no Ocidente, inclusive do SUS, no Brasil. Neste sistema o médico é agente do Estado responsável pelo atendimento gratuito dos pacientes.

As descobertas científicas dos Séculos XVIII e XIX abriram novas perspectivas à atividade do esculápio. A imagem do médico à cabeceira do paciente passou por transformações importantes com o surgimento de novos equipamentos. Escritores anteveem em ficção estes conflitos. Mary Shelley, com seu *Frankstein* (1817), acenava com as possibilidades de usar órgãos de indivíduos diferentes e reativá-los pela eletricidade; J. Cronin, na segunda metade do século XIX, mostrava os aspectos conflitantes por que passava a medicina. Ele criticava o pseudocientificismo, o mercantilismo dos médicos ingleses no seu livro *Cidadela* e acenava com o resgate das relações médico-paciente

O melhor entendimento das

doenças infectocontagiosas e de sua profilaxia pelas vacinas, surgidas na Inglaterra, desviou parcialmente o foco do paciente isolado para a atenção populacional. A engenharia sanitária e a enfermagem ganharam espaço considerável. No início do século XX, a caça aos micróbios em Cuba, o controle da maioria destas doenças pelas vacinas, o uso dos raios X no diagnóstico das doenças iniciaram uma revolução da arte médica. No final dos anos 1960, a televisão, ainda uma novidade, tentava recriar um modelo de médico a partir da figura carismática do Dr. Kildare.

O neoliberalismo do fim do século XX, a descoberta de novas técnicas que colocaram aparelhos, exames e técnica sofisticados, encareceram a medicina e colocaram aparelhos entre o médico e o paciente, acelerando a mercantilização da medicina. A inflação dos custos na área de saúde ficou muito acima da de outras atividades. Os planos de saúde, surgidos na América, espalharam-se pelo mundo e passaram a intermediar a relação médico-paciente. O fruto de seu trabalho passou a ser dividido com empresas que hoje controlam grande parte das atividades na área da saúde.

Como diz Edgar Morin, “o médico moderno perdeu a sensação de pertencimento à comunidade, principalmente a dos mais carentes”. Tornou-se um empresário da saúde. A nobreza do ato de ouvir as queixas e mitigar as dores foi substituída pelo monólogo rápido para produzir número de atendimento e pelo matraquear da digitação de receitas e das ressonâncias magnéticas.

Os que precisavam de cuidados mais intensivos na tentativa de superar quadro graves e, principalmente, na palição nos seus momentos finais, foram abandonados e invadidos por inúteis aparelhos nas desumanizadas UTIs. Seus modelos atuais são profissionais elitizados, pernósticos e arrogantes estereotipados na série televisiva *Dr. House*, que trata colegas e pacientes com sarcasmo doentio ao expressar seus conhecimentos enciclopédicos.

A complexidade do trabalho médico gerou uma equipe numerosa, o cuidar tornou-se coletivo, surgindo inúmeros profissionais com atividades específicas, ao enfermeiro somaram-se o fisioterapeuta, o nutricionista, o optometrista, entre outros. Os resultados técnicos são indiscutíveis, aumentamos a expectativa



de vida, tratamos com sucesso doenças até bem pouco incuráveis. Transplantamos órgãos, criamos medicamentos cada vez mais eficientes, a terapia com genes se torna aos poucos uma realidade.

Contudo, no afã de produzir números, abandonamos a poesia do ouvir, transferimos para a tecnologia a esperança de cura. Delegamos a outros profissionais o que fizemos secularmente e não assumimos a liderança da equipe. Tentamos resgatar o ato médico definindo-o por estatuto legal que quebra a unidade da equipe de saúde. Uma prosa insípida e distanciada da realidade tenta substituir a poesia de escutar pacientemente as queixas de alguém que muitas vezes precisa

mais de palavras do que de remédios caríssimos.

Mais nem tudo está perdido, pensadores como Morin se debruçam sobre as questões levantadas acima. Em seu livro *A via para o futuro da Humanidade*, ele concita as pessoas a resgatarem as boas práticas de convivência que compreendem a cordialidade, a partilha e a participação nas alegrias, nos prazeres e nos sofrimentos do outro”.

Lá estamos nós os médicos, no início do Século XXI, com a delegação milenar de tentar curar o sofrimento do outro: retomemos nosso papel, assumamos a liderança desta equipe que domina tantos campos do conhecimento. Sejam humildes reconhecendo que, apesar de tudo que sabemos, novas ignorâncias surgem a todo momento.

A superespecialização tende a separar conhecimentos que deveriam estar conectados. Inúmeras especialidades surgem a todo momento; uma confusão babilônica de linguagens técnicas que não dialogam entre si, tiram a visão holística do ser humano. Há desigualdade de oferta de saúde nas regiões do País e entre as classes sociais.

Não há respostas atuais para muitas destas questões. Isto

obriga as lideranças políticas e da classe médica a se debruçarem sobre elas para encontrar as soluções adequadas. Que nosso conselho de classe, as associações de especialistas e de pesquisas médicas desenvolvam habilidades para lidar com estes problemas.

Concluo dirigindo-me a duas netas que iniciam o curso médico: o desafio de sua geração, que daqui a poucos anos estará ocupando este espaço que nós agora ocupamos, é se prepararem para serem médicas capazes de dosar a prosa dos textos científicos e das técnicas disponíveis com a eterna poesia de traduzir as queixas dos pacientes, como prega Edgar Morin.

NA PÁGINA 78:

A medicina espantando a morte.

Asclépio (ou Esculápio) e o cajado com serpentes em pintura de Jacques-Chales Bordier du Bignon, circa 1822.

Wellcome Gallery

NESTA PÁGINA: Edgar Morin no Fronteiras do Pensamento, São Paulo, 2011.

Divulgação

Minha experiência com Veronesi

ANTÔNIO FRASSON

Durante três anos, de 1985 a 1987, tive a oportunidade transformadora de treinar no Instituto Nacional de Tumores de Milão. Este período foi marcado pelo início de uma colaboração científica enriquecedora com o hospital, sob a liderança do renomado professor Umberto Veronesi. Juntos, iniciamos a realização de cursos anuais no Brasil, em parceria com a Escola Europeia de Oncologia, fortalecendo laços acadêmicos e profissionais entre nossos países.

Esses cursos avançados em oncologia foram realizados em várias cidades brasileiras, incluindo São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, em colaboração com hospitais locais. A troca de conhecimentos e experiências com profissionais brasileiros foi uma parte crucial deste esforço, ampliando o horizonte da oncologia no Brasil.

Em 2001, fui honrado com o convite para trabalhar no Instituto Europeu de Oncologia, criado por Veronesi após sua aposentadoria do serviço público. No instituto, desenvolvemos programas de aperfeiçoamento para estrangeiros, oferecendo a médicos brasileiros a oportuni-



dade de se especializarem com o apoio de bolsas de estudo da Fundação Umberto Veronesi. Graças a essas bolsas, dezenas de brasileiros puderam aprimorar suas habilidades e adotar abordagens inovadoras em tratamento oncológico.

A partir dessas iniciativas, inúmeros profissionais que se beneficiaram dessas bolsas de estudo se tornaram referência em nosso país. Reproduziram a experiência que tiveram e contribuíram para o desenvolvimento de inúmeros outros profissionais, fazendo com que a escola do professor Veronesi ecoasse por todo o país. Este ícone, que foi um marco no desenvolvimento da mastologia mundial, com sua sabedoria e perspicácia, formou inúmeros outros profissionais que, estimulados pela semente plantada por ele, reproduziram

seus ensinamentos, beneficiando, além de inúmeros profissionais, milhares de pacientes.

O impacto do Professor Veronesi, especialmente na revolução do tratamento cirúrgico do câncer de mama, ecoou no Brasil. A colaboração entre Brasil e Itália, facilitada pela escola de Veronesi, permitiu que muitos mastologistas brasileiros pudessem se beneficiar de sua genialidade. Isso contribuiu significativamente para que a mastologia brasileira se tornasse uma referência internacional, destacando nosso país no cenário global.

Essa experiência não apenas enriqueceu minha carreira, mas também fortaleceu os laços entre os profissionais de saúde de nossos países, fomentando um intercâmbio de conhecimento que continua a beneficiar milhares de pacientes ao redor do mundo.

Compromisso com educação e evolução



GUILHERME NOVITA

A Escola Brasileira de Mastologia (EBM), estabelecida em 1995, é o braço educacional da SBM, promovendo a formação e atualização dos profissionais que atuam no tratamento de doenças mamárias. Inspirada na Escola Européia de Oncologia (ESO), a EBM tem como meta desenvolver a ciência da mastologia no Brasil, organizando cursos e eventos de atualização científica.

Busca alcançar não só as capitais, mas também cidades de médio porte, onde há menor oferta de eventos especializados. A EBM já percorreu o país de norte a sul, levando conhecimento a localidades como Boa Vista (RR) e Passo Fundo (RS). Em 1996, a primeira atividade científica foi realizada em Porto Alegre. Desde então, a EBM tem mantido uma média de 13 even-

tos anuais, reunindo um público que varia entre 100 e 300 pessoas, totalizando mais de 200 eventos em 14 anos e impactando cerca de 20 mil médicos.

Em 2023, organizou 31 eventos científicos, incluindo o evento híbrido SBM-CONECTA, que ocorreu em São Paulo, reunindo 77 participantes presenciais e 467 online. Esse evento consolidou o papel da EBM em oferecer eventos de alta qualidade e promover a atualização constante dos profissionais da área.

Em 2024 ampliou as atividades com eventos significativos. Destaca-se o SBM-CONECTA realizado no Rio de Janeiro em 23 de novembro, que reuniu mastologistas e profissionais da saúde presencialmente e online. A Jornada de Mastologia do Centro-Oeste, realizada de 16 a 18 de maio em Brasília, discutiu avanços na área e atraiu especialistas de renome.

Outro ponto alto foi a Jornada Nordeste de Mastologia, de 5 a 7 de setembro em Natal. Este evento itinerante proporcionou aos profissionais do Nordeste a oportunidade de atualização e troca de conhecimentos, reforçando o compromisso da EBM em descentralizar o acesso ao conhecimento no Brasil.

A EBM é essencial para manter a Mastologia forte no cenário nacional, evitando que perca relevância ou seja absorvida por outras especialidades.

Estudos mostram que pacientes tratados por mastologistas especialistas têm resultados superiores em comparação com os atendidos por médicos não especializados. O compromisso da EBM com a atualização contínua dos mastologistas assegura um atendimento de qualidade à população.

A EBM incentiva a produção científica e a pesquisa, promovendo simpósios, publicações e reuniões de consenso que discutem as melhores práticas. Assim, a instituição estabelece diretrizes que orientam a atuação dos profissionais, alinhando-os aos padrões internacionais.

No futuro, pretende expandir ainda mais as atividades, alcançando novas localidades e capacitando mais profissionais. A missão é assegurar que o país tenha mastologistas preparados para oferecer o melhor cuidado aos pacientes.

A EBM reafirma sua missão de promover a educação e a excelência, consolidando-se como uma instituição essencial para a especialidade no Brasil.

Avanços na reconstrução mamária



**VILMAR MARQUES
DE OLIVEIRA**

Minha compaixão pelo ser humano me levou a fazer medicina. Desde quando me tornei um adolescente não tive dúvida do caminho que iria percorrer ao longo da minha vida, seria médico. E, ao passar pelo ambulatório de mastologia, coordenado pelo professor Ivo Carelli, e prestar atendimento àquelas mulheres acometidas por câncer de mama, aliviadas por terem sido tratadas, mas sofridas pelo peso do tratamento, tive a certeza de que seria mastologista, algo a mais tinha que ser feito por estas mulheres.

Minha trajetória na mastologia começa no início da década de 1990 quando decidi que realmente iria fazer mastologia e comecei minha residência na Santa Casa de São Paulo. Foram três anos intensos, centenas de cirurgias

realizadas, mas fazíamos apenas mastectomias à Halsted, quando havia invasão do músculo peitoral maior, ou à Patey, quando o tumor estava restrito à mama. As cirurgias conservadoras, seguindo os preceitos de Veronesi, mais pareciam mutilações parciais da mama. E o esvaziamento linfonodal axilar sempre abordava os três níveis de Berg, o que acarretava de forma rotineira linfedema na maioria das pacientes. Assim, por mais que tratássemos as pacientes entregando o que tinha de melhor do ponto de vista cirúrgico, visando à cura da doença ou ao seu controle locorregional, sempre ficava aquela frustração, pois estávamos tirando o mais importante quando pensamos no conceito de saúde, que é a qualidade de vida.

Minha inquietude fez com que eu fosse buscar mais conhecimentos cirúrgicos para poder entregar um resultado estético melhor para as nossas cirurgias oncológicas. Assim, passei a me dedicar à cirurgia plástica, em especial à mamária, o que fez com que eu passasse a ver a cirurgia oncológica de forma diferente, agora, não só curativa, mas também reparadora.

Passei a empregar todas as técnicas que havia aprendido nas nossas pacientes da Santa Casa

de São Paulo. E, naquela época, no final da década de 1990, passamos a ter todas as nossas pacientes com indicação de mastectomia reconstruídas e, aquelas com indicação de cirurgia conservadora, mas que o resultado seria inadequado, passamos a empregar diversas técnicas de reparação parcial da mama hoje de uso corrente.

Mas percebi que não bastava entregar um serviço de excelência cirúrgica para as minhas pacientes, este conhecimento tinha que transpor os muros da Santa Casa e beneficiar as pacientes de outros serviços. Desta forma, em 2007 idealizamos o primeiro curso com cirurgias ao vivo, aos moldes da Jornada Brasileira de Oncoplastia, onde realizamos diversas cirurgias, as quais eram transmitidas e comentadas pelos colegas. Naquela época existia uma boa integração entre mastologistas e cirurgiões plásticos e mais da metade dos participantes eram cirurgiões plásticos. Percebi que aquele curso tinha sido a primeira semente que tínhamos plantado para semear o conhecimento da reconstrução mamária para os mastologistas.

Em 2010, contando com um time de verdadeiros experts em reconstrução mamária, como os

professores Fabricio Brenelli, Jose Francisco Rinaldi e Fabio Bagno-
li, realizamos o nosso primeiro
curso *hands on*, modular, de re-
construção mamária. Ele era di-
vidido em módulos, nos moldes
dos atuais, e visava à capacitação
dos mastologistas para a realiza-
ção das diversas técnicas de re-
construção, desde a utilização dos
pedículos nas cirurgias conserva-
doras, até o emprego dos retalhos
miocutâneos nas mastectomias.
Naquela época tivemos a preocu-
pação de adotar critérios rigoro-
sos na seleção dos alunos, sendo
que todos deveriam ser mastolo-
gistas com título de especialista
(TEMA), e dávamos preferência
aos professores de grandes ins-
tituições, que teriam a oportu-
nidade de levar o conhecimento
adquirido não só para beneficiar
as pacientes de sua instituição,
mas também para a formação de
novos mastologistas.

Na gestão do professor Car-
los Alberto Ruiz como presidente
da SBM (2011-2013), tive o privi-
légio de ser nomeado presidente
da comissão de oncoplastia. Nos-
so grupo teve a oportunidade de
idealizar a Jornada Brasileira de
Oncoplastia, hoje o maior evento
de oncoplastia da América Latina.
Também tivemos a oportunidade
de replicar o curso realizado por
nós na Santa Casa de São Paulo
em outros centros, com o apoio
fundamental do professor Rufo
de Freitas, presidente da Escola

Brasileira de Mastologia. Movi-
mentos que foram fundamentais
para levar o conhecimento da
reconstrução mamária para os
mastologistas brasileiros. Parale-
lamente buscamos o reconheci-
mento dos nossos direitos, como
mastologistas, para a realização
das cirurgias reparadoras e estéti-
cas mamárias junto à Associação
Médica Brasileira e ao Conselho
Federal de Medicina, sendo hoje
um direito da mastologia a rea-
lização de todas as cirurgias ma-
márias.

Em recente pesquisa rea-
lizada por nós, e publicada na
Oncology Frontiers, observamos
que 91,5% dos mastologistas
que realizaram os nossos cursos
não se sentiam capacitados para
a realização das reconstruções
mamárias após o término da re-
sidência. Já, ao término do curso
de reconstrução, 96,6% se diziam
aptos a realizar qualquer tipo de
reconstrução mamária.

Com um maior número de
professores capacitados em re-
construção mamária e como esta
passou a fazer parte da matriz de
competência da residência em
mastologia, passamos a observar
um maior número de residentes
se formando já se sentindo aptos
a realizar as reconstruções ma-
márias, o que ajudou a mudar o
cenário da reconstrução mamá-
ria no Brasil.

Observamos com estes mo-
vimentos estruturantes um incre-

mento exponencial nas taxas de
reconstrução mamária no Bra-
sil. Por mais que não tenhamos
dados precisos destes números,
sabemos que as taxas de recons-
trução no início dos anos 2000
girava ao redor dos 5%, números
realmente vexatórios; já na publi-
cação de Rufo de Freitas de 2017
estes números já estavam em
29%. E, obviamente, que atual-
mente estes números são ainda
maiores, visto que os dados de
reconstrução da medicina suple-
mentar não são contabilizados.

Desta forma, só tenho que
parabenizar a Sociedade Brasi-
leira de mastologia por investir
de forma tão incisiva neste pon-
to crucial do tratamento cirúr-
gico do câncer de mama que é
a reconstrução mamária, assim
como a todos os mastologistas
que se dedicam a buscar cada vez
mais se aprimorarem para entre-
gar o melhor resultado estético às
nossas pacientes.

Por fim, tenho que dizer
que me sinto muito orgulhoso
de ter feito parte desta história,
e que o caminho que escolhi foi
importante para ajudar muitas
mulheres a ter sua feminilidade
preservada, pois saúde não é sim-
plesmente a ausência de doença,
mas corresponde a um estado de
completo bem estar físico, mental
e social, e a reconstrução mamá-
ria é um dos pontos mais impor-
tantes desta abordagem global do
tratamento do câncer de mama.

ALÉM DA MASTOLOGIA

Colecionando especialidades, filhos, netos e rótulos de vinho

JOSÉ GETÚLIO SEGALLA

Entrei na faculdade de medicina de Botucatu aos 17 anos. No quarto ano pensei em fazer especialização em câncer e procurei orientação com os professores Mario Rubens Montenegro (patologia) e Willian Saad Hosne (cirurgia) que, embora catedráticos, encontraram tempo para receber dois estudantes em sua casa no final de semana para tirar dúvidas e orientá-los.

No quinto ano, o responsável pela mastologia da FCMBB, Geraldo Nunes, trouxe o Capítulo Botucatuense da Sociedade Brasileira de Mastologia, ao qual me filiei como aluno e assisti as palestras que muito me empolgaram de José Aristodemo Pinotti, da Unicamp, e João Luiz de Campos Soares, do INCA, que me incentivaram a estudar para tratar o câncer de mama.

Formei-me em 1974 (já se vão 50 anos!) e em 1975 iniciei residência de cancerologia no Hospital do Câncer de Jaú (Hospital Amaral Carvalho) sob a responsabilidade de Edwin Benedito Montenegro, passando por todas as áreas cirúrgicas nos três anos seguintes, mas, sempre

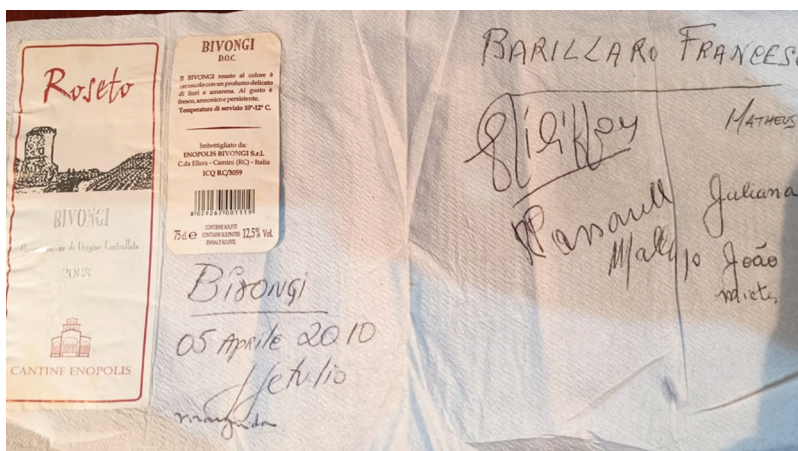
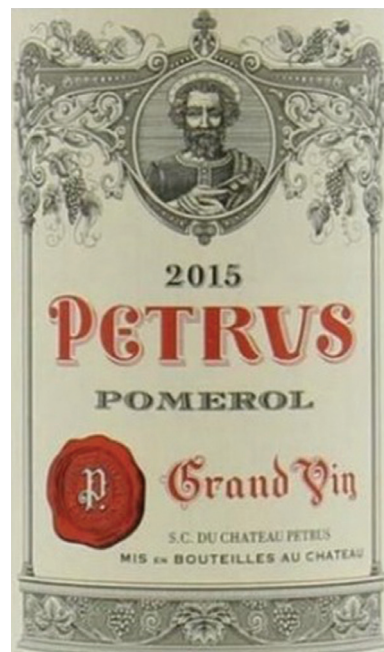
interessado em pesquisa, fiz um estágio voluntário de um ano na imunologia da F.M. Botucatu e desenvolvi o laboratório de Imunologia do HAC junto a Evilasio Gambarini.

No final de 1975, fazendo estágio em radiologia com Pedro de Paula Brandão aprendi a fazer linfografia dos membros inferiores e desenvolvi uma técnica para fazer dos membros superiores para avaliar os linfonodos axilares. Também aprendi ductografia indicada para os derames papilares hemorrágicos. Apresentei meus primeiros três trabalhos científicos no simpósio da Faculdade de Medicina mostrando um caso de diagnóstico de papiloma intraducto com a ductografia, outro com dez casos de linfografia em membro superior (casos de câncer de mama) e o último com 100 casos de linfografia de membros inferiores.

No segundo ano de residência fiz um estágio em Campinas na clínica de Pinotti, acompanhando exames e cirurgias dele e de Brenelli. Aprendi e trouxe para Jau a primeira cirurgia de conservação do músculo pei-

toral (mastectomia à Patey) e o primeiro dreno de aspiração que proporcionava maior conforto ao pós-operatório. Em 1977, participei do 4º Congresso Brasileiro de Mastologia em Campinas e me filiei à SBM. Em 1978, participei de meu primeiro congresso internacional, na Argentina, e conheci um dos meus ídolos em medicina, Umberto Veronesi, muito conhecido na época por sua mastectomia superampliada (incluindo a cadeia mamária interna) nomeada como mastectomia a Urban-Veronesi, apresentando um projeto multicêntrico mundial sobre linfadenectomia preventiva em melanoma. Veronesi é considerado um ídolo nestas duas áreas, curiosamente desenvolvi esta mesma afinidade operando mama e melanoma.

Assumi em Jau o Departamento de Tumores da Pele e Partes Moles do HAC, onde era responsável pelos melanomas e sarcomas, mas continuava fazendo parte do departamento de cirurgia, em especial na cirurgia de mama. Como não tínhamos clínica de pesquisa em Jau frequentei o departamento



Ao LADO, DE CIMA PARA BAIXO:
Rótulo do Zinfandel 2021.

vinho saboreado no
casamento da filha, na Itália.

Escolhendo o que beber no
próximo final de semana.

ACIMA: rótulo de Petrus.

NA PÁGINA SEGUINTE: na Igreja
com a esposa e os netos.



ESTILO DE VIDA

de Clínica Médica e o de Pele do Hospital do Câncer de São Paulo (ACCamargo) onde acompanhei o trabalho multicêntrico com BCG por escarificação desenvolvido em 40 centros no mundo e passei a testar casos oncológicos em Jau. O ACCamargo num período em que ficou sem conseguir importar o BCG para escarificação passou a usar o BCG oral brasileiro. O Butantã criou um concentrado para uso em oncologia (o Onco-BCG).

Aos poucos assumi os casos metastáticos dos outros departamentos cirúrgicos e fui desenvolvendo a oncologia clínica no Hospital, filiei-me à Sociedade Brasileira de Quimioterapia Anti-Neoplásica e a seguir fundamos a SBOC-Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica, da qual tive a honra de participar de várias diretorias até ser eleito presidente, de 2007 a 2009.

Em 1984, o antigo chefe da cirurgia do hospital se aposentou e o Departamento de Cirurgia foi desmembrado em vários outros. Nessa época pensei em assumir a mastologia (pois continuava participando do antigo departamento), mas meu interesse por pesquisa me fez optar por criar um Departamento de Oncologia Clínica, que englobava também a hematologia (eu era preceptor de onco-hematologia para os residentes de hematologia de Botucatu junto a Paulo Eduar-

do de Abreu Machado), a oncologia pediátrica (também fui fundador da Sobope, Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica) além do Departamento de Tumores da Pele e Partes Moles. Mas continuei praticando a mastologia no consultório particular e operando na Santa Casa de Jau meus casos de mama.

A partir de 1994 fizemos um acordo de cooperação entre os departamentos de mastologia e oncologia clínica do Hospital Amaral Carvalho, que possibilitou a ampliação do departamento de mastologia de um para três médicos, e transferi todos meus casos cirúrgicos para a mastologia, concluindo um ciclo de vinte anos de prática. A oncologia clínica também ganhou com esta cooperação, pois conseguimos desenvolver um serviço de transplante de medula óssea a partir de 1996 (os primeiros casos incluíram câncer de mama, que estava entre os protocolos da época) que se tornou um dos maiores do Brasil e também o Serviço de Pesquisa Clínica,

responsável pela participação do hospital no desenvolvimento de várias drogas, incluindo os primeiros imunoterápicos para câncer.

Enquanto mantinha o atendimento na linha de frente do tratamento dos pacientes, a vocação para pesquisa me levou a fundar o Registro Hospitalar de Câncer do Hospital Amaral Carvalho, até hoje considerado um dos melhores e mais completos do Brasil, e também do Registro de Câncer de Base Populacional de Jau, o que nos permitiu a publicação de inúmeros trabalhos científicos nos congressos nacionais e internacionais e participação em publicações internacionais da UICC e da IARC.

Paralelamente a isto, minha vida pessoal foi muito rica. Casei-me ainda na faculdade com Mirtes, minha namorada de adolescência, e tivemos sete filhos naturais e depois disso entendemos que teríamos espaço na família e adotamos mais três. Esta prole maravilhosa de dez filhos já nos brindou com vinte



netos e nossas festas de família são imensas nos dando uma satisfação e alegria sem par.

Em relação ao meu hábito de colecionar rótulos de vinho, o início foi interessante. Estávamos no quinto ano da faculdade e havia uma competição de estudantes versus professores em várias modalidades desportivas. A competição estava empatada e seria decidida no torneio de xadrez. Tínhamos um campeão estadual do nosso lado, mas a equipe dos professores era melhor e eu tive a triste missão de jogar contra o número 1 dos professores, Arthur Roquete de Macedo (depois reitor da Unesp). Estava perdendo quando, numa distração dele, virei o jogo e ganhei a competição para os alunos.

O prêmio era uma garrafa do vinho português Lancer's e o levamos para a república, colocamos para gelar e o bebemos no dia seguinte. Como a vasilha do vinho era de louça, passamos a utilizar como garrafa de água. O o rótulo se desprende, eu quis guardá-lo como recordação e o usei como marcador de páginas de um livro. Cerca de dez anos depois, já em Jaú e aprendendo a beber vinho, na época a moda era guardar as rolhas para montar um quadro, fui mexer na minha biblioteca e o rótulo do Lancer's caiu do livro em que estava. Ao rever o rótulo, rememorei nitidamente todo o ocorrido em Botucatu, os lances do

jogo, a comemoração e outros detalhes. A partir daí tive a ideia de colecionar não as rolhas, mas sim os rótulos dos vinhos, que contariam mais histórias.

Como a retirada de rótulos é trabalhosa, foi um longo aprendizado de como preservar sua integridade, o tipo de cola, o tipo de papel, o que sai melhor com água fria, o que sai com água quente, o que sai com vapor e calor seco e etc. Passei a retirar os rótulos em todas as viagens e congressos a que comparecia, colá-los nos guardanapos e pedir para que os colegas que me deram o prazer da companhia assinassem estes guardanapos, perpetuando nossas lembranças.

Fiz um curso no Instituto Europeu de Oncologia, em Milão, na década de 1990. Naquela época Veronesi estava desenvolvendo a técnica de linfonodo sentinela, a princípio para melanoma (posteriormente para mama) e o chefe da medicina nuclear de Jaú (Ricardo Cesarino Brandão), que estava no curso, entusiasmou-se, adquiriu

e trouxe o primeiro Probe para o Brasil e tive a honra de ser o primeiro a usá-lo para pesquisa de linfonodo sentinela em melanoma em nosso país.

Nesta viagem, num período livre em que fomos passear no centro da cidade, descobri a sede da Associação Mundial dos Colecionadores de Etiquetas de Vinho. Entendi que eu não era o único maluco com este hábito.

Após a tragédia da covid (estivemos minha esposa e eu internados 17 dias correndo risco de morte), reduzi minhas atividades médicas, mas não parei de trabalhar. Recentemente recebi homenagem da Faculdade de Botucatu e posteriormente pelo Cremesp por 50 anos de exercício da medicina. Continuo a atender em minha clínica, acompanho o tratamento de meus pacientes e participo de pesquisa clínica. Colaboro com inúmeras sociedades e revistas médicas e procuro manter contato com os amigos que fiz ao longo da carreira. Sempre que possível, colecionando novos rótulos.

Em todo o meu tempo como apreciador de vinhos na companhia dos colegas, nunca havia conhecido alguém com a habilidade do Segalla para retirar os rótulos. Sem água quente, sem vapor, sem qualquer instrumento. Acostumei-me

a vê-lo utilizar a unha com a precisão de um cirurgião no manejo do bisturi. Uma capacidade preciosa para um colecionador de rótulos, todos com registro do momento, e apre-ciada por todos à mesa.

José Luiz Pedrini



A mastologia e a paixão pela corrida

**DARLEY DE LIMA
FERREIRA FILHO**

A paixão pela corrida começou um pouco mais tarde na minha vida. Eu era louco por futebol desde a infância, quando jogava nos campos de várzea no bairro da Madalena e nas

barrinhas pequenas nas ruas. Segui jogando umas três vezes por semana. Aguardava ansioso o sábado chegar para jogar na praia, na maré seca em frente ao edifício Califórnia, no bairro de

Boa viagem. O tempo foi ficando apertado com o curso de Medicina e a residência em cirurgia geral no Hospital Barão de Lucena. Pensava inicialmente em cirurgia plástica, mas descobri a pai-

xão pela mama e comecei a fazer a especialização em Mastologia. Quando terminei, casei com a Nancy, mastologista também, e a rotina mudou totalmente com o nascimento de minhas filhas e o aumento ritmo de trabalho.

Surgiu então um concurso público para oficial médico do Hospital da Polícia Militar de Pernambuco. Uma das etapas, eliminatória, era um teste físico no qual teria de fazer 2.400 metros em 12 minutos. Pensei que seria fácil, pois tinha muita atividade física com o futebol, porém a situação era completamente diferente. Comecei a treinar no parque da Jaqueira, na zona norte de Recife, onde eu morava. No início, era uma eternidade para correr 1.000 metros, mas, durante os treinos, comecei a fazer amizade com verdadeiros corredores de rua. Meu desempenho foi melhorando a cada dia. Ao concluir minha primeira corrida de 5 km, senti mais segurança para o teste físico do concurso.

Já havia realizado uma boa prova teórica e prática, estava em primeiro lugar no concurso e precisava fazer uma excelente prova de corrida, pois só tinha uma vaga para mastologista. Logo na largada já fiquei na frente de todos e fui aumentando o ritmo a cada volta na pista de 300 metros. Na metade da prova, já tinha dado uma volta em qua-

se todos candidatos. completei a prova em 8 minutos. Ali nasceu meu amor por este esporte.

A vida é um verdadeiro desafio e com muitos obstáculos. Como dizia Rui Barbosa, “maior que tristeza de não ter vencido é a vergonha de não ter lutado”. Passei no concurso da Polícia Militar e no concurso do estado de Pernambuco. E comecei a focar na corrida de 10 km.



O meu pace foi diminuindo a cada corrida. Conclui uma de 10 km abaixo de 40 minutos, pace abaixo 4 minutos por volta, com média de 3:50 minutos. Estava enlouquecido e com a endorfina na cabeça. Participei de várias corridas e sempre tentando melhorar meu ritmo. Com isso, tive uma perda de peso muito rápida, já estava com 66 quilos, algumas pessoas achavam que eu estava doente. Minha esposa começou a me chamar de queniano bran-

co, e isso foi dando mais incentivo para novos desafios.

O futebol ficou em segundo plano, por ser esporte de contato e com mais chance de lesão. Comecei a participar de grupos de corrida como a Associação de Corredores da Jaqueira (ACORJA) e o 5:10 (horário em que iniciamos os treinos. Corro em ambos até hoje.

Fiz corridas de 15 km e depois queria de 21 km. A meia maratona era um sonho para mim. Comecei a treinar com planilha e orientação nutricional, o desempenho foi melhorando a cada ano e consegui terminar a meia maratona de Recife, a corrida Powerade e a Maurício de Nassau. Estava muito feliz. Tinha uma família com saúde, fé em Deus e amor e havia conquistado tudo na minha vida profissional, título de mastologista, mestrado, doutorado e professor de medicina.

Mas, os colegas da corrida sempre diziam que para ser corredor de verdade era preciso disputar uma maratona. Agora o negócio foi ficando mais sério. O ritmo de treino iria duplicar, eu teria que mudar bastante minha estratégia e fazer longos treinos. Para começar, cumprir uma rodagem entre 100 e 120 km por semana para ir acostumando o corpo e melhorando o condicionamento físico.

ESPORTES

Treinava de segunda a sexta entre 10 a 12 km, e nos sábados e domingos de 20 a 35 km. Contratei um personal trainer para aumentar a massa muscular. Foram muitos treinos ao longo das rodovias, para a praia de Boa Viagem, Olinda e diferentes áreas da cidade de Recife, saía para correr às 5 hs. No caminho fazia minhas orações e agradecia a Deus no silêncio das primeiras horas do dia. Meu pai escreveu um livro, *Poder e Saber*. Em suas reflexões filosóficas ele dizia na vida é preciso subir o primeiro degrau com fé, não é necessário que você veja toda a escada. Apenas dê o primeiro passo. Um grande exemplo para a vida, nunca desista de seus ideais.

Chegou o dia da primeira maratona, que saía do parque da Jaqueira para Jaboatão e retornaria para Jaqueira. Fazia muito calor e a estrutura era precária. Terminei arrasado e disse para mim mesmo que nunca mais faria aquilo. Porém, depois de uma semana, tudo mudou. Participei de várias maratonas na minha cidade, depois no Rio e em São Paulo e estava apto para minha a prova internacional. Retomei a rotina de treino pesados para enfrentar o frio e o fuso horário Europeu. Eu iria fazer uma peregrinação religiosa na França e li que teria uma maratona uma semana antes em Paris.



Era minha chance de fazer esse batismo. Cheguei à capital francesa com quatro dias de antecedência. A entrega do kit foi uma verdadeira festa no pavilhão do centro de convenções, onde tinha de tudo, repositor energético, novos tênis, roupas de corrida e um grande mural com o nome de todos os corredores, o que me deixou feliz e serviu de estímulo para corrida.

A largada ocorreu entre o Arco do Triunfo e Champs-Élysées. Parecia um sonho. A da minha categoria foi às 9h sob uma temperatura de 8°C. Muitos estavam de casaco, mas após a largada começaram descartá-los e funcionários da prefeitura os recolhiam para doação. Durante a corrida, farta distribuição de água, frutas e isotônicos. Ali você não sabe se corre ou aprecia as belezas da cidade luz.

Completei a maratona em 3h40, resultado que me deixou muito feliz. Aproveitei a viagem para fazer turismo e peregrinação pelo interior da França.

Disputei outra maratona em Recife, Maratona das Praias, que sai do parque da Jaqueira às 4h percorre todas as praias da cidade, como a do Pina, Boa viagem, Piedade, Candeias, Paiva e Enseada dos Corais, um lindo percurso. Nessa corrida cheguei em segundo lugar na faixa etária com o tempo de 4h. Muito desgaste físico e mental.

No ano passado participei de outra maratona internacional na cidade de Viena. Antes de chegar à Áustria, visitei Hungria, Croácia e Eslovênia, mantendo a rotina de acordar cedo e correr de 8 Km a 10 km, sempre com muito frio e para me acostumar ao fuso horário.

Viena é uma cidade limpa, organizada e com um povo educado. O metrô não têm catraca para colocar o ticket, pois existe a confiança de que você já pagou. Fomos de bonde até o pavilhão para pegar o kit da corrida. É possível comprar material esportivo a preços bem baixos, como também barras de cereais e proteínas para corrida.

No domingo, a cidade estava em festa, com a população na rua aplaudindo e incentivando os corredores, dando água e comida. As famílias fazem um banquete em frente a suas casas. A corrida é bem organizada, com água, isotônico e banana a cada 5 km.

Nesse ano, inventei de fazer a Maratona Virtual de Londres, *London My Way*, que acontece no mesmo dia da prova oficial. Recebi em casa o número do peito e uma faixa da chegada. Acordei às 3h e fui correr com uma amiga de corrida, uma experiência bem diferente. Deixando o ponto de hidratação próximo da minha casa ou em alguns postos de gasolina, acabei em 4h20. Após o final, enviei o resultado para a organização e eles mandaram a medalha e a camisa

Sempre participo do congresso internacional nos Estados Unidos, em dezembro, e descobri que antes do Breast Cancer Symposium San Antonio tem



uma maratona da série Rock 'n' Roll. Participei e achei tudo muito organizado, na largada todos cantam o hino nacional americano, uma coisa linda e emocionante. Já estou inscrito para a prova deste ano.

A corrida é um esporte que une todas as classes sociais, melhora a qualidade de vida e reduz a incidência de câncer como um todo. Como dizia Voltarie, “não é nossa condição social, mas a qualidade de nossa alma que nos torna felizes”. Precisamos ser mais felizes e sempre tentar mudar nosso estilo de vida. Quantas pacientes deixaram o sedentarismo de lado e hoje são corredoras de rua. Como nos ensinou Charles Darwin, não são as espécies

mais fortes que sobrevivem, nem as mais inteligentes, e sim as que melhor se adaptam às mudanças.

É exatamente isso, precisamos fazer mudanças em nossas vidas. Sempre vamos ter pedras e dificuldades ao longo da existência, mas precisamos superar as adversidades.

NAS PÁGINAS ANTERIORES: chegada da Maratona de Paris e troféu da Maratona das Praias.

NESTAS PÁGINAS: corrida de 15 Km em Recife e com a esposa, Nancy, e a medalha da Maratona de Viena.



Ruiz, Pirozzi, Bárbara, João Henrique e Carelli, alguns dos mastologistas apaixonados por tênis

Tênis e medicina

RODRIGO PEPE COSTA

Os primeiros relatos deste esporte apontam o início da prática no século XII, mais próximo de um jogo de peteca, pois não se usava raquete, que só foi incorporada no século XVI. A forma que praticamos hoje vem da Inglaterra, no século XIX.

Além de ser uma atividade prazerosa e desafiadora, a prática regular do tênis pode contribuir significativamente para a melhoria da qualidade de vida. Vários são os benefícios, físicos, mentais e sociais, para quem o pratica.

Esporte considerado aeróbico, promove melhora da capacidade cardiovascular, fortalecimento muscular, melhora da coordenação motora e controle de peso. Exige muita concentração, estratégia e planejamento, promovendo redução do es-

três, diminuição dos níveis de ansiedade e melhora da saúde mental.

Pode ser praticado em confrontos individuais (duas pessoas) ou em duplas (quatro pessoas). Então não é muito difícil marcar uma partida. Mas é muito bom quando você encontra uma turma de amigos para praticar e se divertir. É comum grupos com muitas pessoas se distribuindo em uma ou mais quadras e jogando duplas. Alternando parceiras entre os presentes e algum descanso entre as partidas. Muita conversa fora da quadra (embora os mais “clássicos” não gostem de barulho), risadas, comentários, torcidas

e implicações com os participantes promovem um ambiente leve e divertido. A resenha após os jogos rende muita conversa e provavelmente uma cervejinha ou um vinho.

Nos eventos da Sociedade Brasileira de Mastologia não é raro reunirmos os amigos para um “programa paralelo”. Lembro-me de várias oportunidades nas quais nos encontramos e esquecemos um pouco dos temas da mastologia.

Já nos reunimos para jogos em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza, Gramado, Porto de Galinhas, Goiânia e Brasília. Muitas amizades se intensificaram dentro das quadras, e não

raro já saíamos delas com o jantar agendado para continuarmos a conversa.

Vários amigos da SBM já participaram desses jogos. Alguns já jogaram profissionalmente, mas na maioria somos amadores em busca de diversão. Uns jogam muito bem, outros nem tanto, e claro, alguns jogam mal... Mas isso não importa. A diversão está garantida. Muitas risadas e conversas, novos agendamentos para o próximo evento.

Você joga ou já jogou tênis? Por que não incluir sua raquete no próximo encontro da mastologia? Uma conversa pelo whatsapp já deixa tudo combinado. Nos encontramos no próximo?

Feliz pelo legado

PAULO PIROZZI

Como bom brasileiro comecei no futebol, mas, na virada do século, Guga foi minha grande inspiração. Após alguns meses de aulas, começamos a marcar partidas no horário do almoço dos congressos, tomou corpo e agregamos vários mastologistas/tenistas de todo o Brasil. Hoje pratico quatro vezes por semana e estou feliz por deixar esse legado aos netos.





Trilha sonora, a alma do cinema

ROBERTO KEPLER AMARAL

Em artigos anteriores falamos sobre música e cinema. Veio então a ideia de falar sobre música “no” cinema. A trilha sonora se constitui na alma da obra cinematográfica. Seu papel é fundamental no destaque das cenas

marcantes da história, criando sensações e evocando emoções inesquecíveis que nos reportam a momentos, épocas e acontecimentos pela vida afora. Quando as ouvimos, imediatamente somos transportados a fatos e his-

tórias relacionados.

Quem não se enebria com as clássicas composições de Ennio Morricone em *The Good, The Bad and The Ugly* e *Cinema Paradiso*, com John Williams em *Star Wars* e *Indiana Jones*, com



Nino Rota e Carmine Coppola em *The Godfather*, com as belas canções da época do cinema mudo, cujo maior destaque foi Charlie Chaplin, dentre outras obras inesquecíveis?

Seriam intermináveis as citações, porém, para fechar com chave de ouro, vou destacar algumas outras, também consideradas inesquecíveis: *As time goes by* – *Casablanca*; *Mrs. Robinson*

– *A primeira noite de um homem*; *Stayn' alive* – *Os embalos de sábado à noite*; *Have you ever really loved a woman?*; – *Don Juan de Marco*; *Raindrops keep falling on my head* – *Butch Cassidy and Sundance Kid*; *Live and let die* – *Com 007 viva e deixe morrer*”. Intermináveis as obras-primas. Oportunamente, ouçam, curtam e viajem na imaginação! Até uma próxima!

NA PÁGINA AO LADO:
Casablanca.
WB.

NESTA PÁGINA:
Star Wars.
Lucasfilm/Fox.

Butch Cassidy and Sundance Kid.
Reprodução.

NOMES DA SBM

TODOS OS PRESIDENTES



Alberto Lima de M. Coutinho

1959-1961

1968-1969

1976-1977

Jorge de Marsillac

1962-1963

1974-1975

Eduardo Santos Machado

1964-1965

Carlos A. M. Zanotta

1966-1967

Adayr Eiras de Araújo

1970-1971

João Luiz Campos Soares

1972-1973

João Sampaio Góes Júnior

1978-1982

Hiram Silveira Lucas

1982-1986

José Antônio Ribeiro Filho

1986-1989

Antonio S. S. Figueira Filho

1989-1992

Marconi Menezes Luna

1992-1995



Henrique M. Salvador Silva

1995- 1998

Alfredo Carlos S. D. Barros

1998- 2001

Ezio Novais Dias

2001- 2004

Diógenes L. Basegio

2005- 2007

Carlos Ricardo Chagas

2008- 2010

Carlos Alberto Ruiz

2011- 2013

Ruffo de Freitas Junior

2014- 2016

Antônio Luiz Frasson

2017- 2019

Vilmar Marques de Oliveira

2020- 2022

Augusto Tufi Hassan

2023- 2025



OS ASSOCIADOS

Abmael Silvério da Silva - Abrahão Gandelman - Adair Pires Cabral Júnior - Adelaide Vial Latorre de Rezende - Adelar Pinheiro - Ademar José Bedin Júnior - Adércio Jaqueto - Adevan Lura Feitosa - Ádila Figueira Queiroz - Adilson Antonio Scopel - Adriana Akemi Yoshimura - Adriana Carneiro Mesquita Burlacchini de Carvalho - Adriana Carolina Aveiro - Adriana Coelho da Silveira Rezende - Adriana de Freitas Torres - Adriana de Oliveira Souza - Adriana Magalhães de Oliveira Freitas - Adriana Marinho Pereira Dapont - Adriana Miranda Moreira Cariry - Adriana Vianna Cançado - Adriano Cartaxo Esmeraldo - Adriano Haddad Brandão - Adriano Imperatori - Adriano Meira Oliveira - Adriano Veras Oliveira - Adrienne Pratti Lucarelli - Afrânio Coelho de Oliveira - Agnaldo Barroso dos Santos - Aguiar Farina - Ailton Joioso - Ajeany Angélica Barbosa Freire Mendes - Alanne Louise Cardoso de Oliveira - Alba Lima Dias - Alberto Clementino Brunet - Alberto Luis dos Santos Henriques - Alcides Ferreira Santos - Aleksandr Salamanca Miyahira - Alencar Peixoto Júnior - Alessandra Amatuzzi Cordeiro Fornazari - Alessandra Borba Anton de Souza - Alessandra Borella Zanato Baldissera - Alessandra Carolina Chiarello - Alessandra de Freitas Ventura - Alessandra Formigheri - Alessandra Nabarro Milani - Alessandra Saraiva de Moraes Patriota - Alessandra Tessaro - Alessandro Augusto Bastos Rodrigues Alves - Alessandro Cesário da Silveira - Alessandro Fonseca Guimarães - Alessandro Naldi Ruiz - Alexander Manfredini - Alexandre Araújo Aguiar - Alexandre Bravin Moreira - Alexandre de Almeida Barra - Alexandre de Souza Vianna - Alexandre José Calado Barbosa - Alexandre Mansur Biscaro - Alexandre Marchiori Xavier de Jesus - Alexandre Pedroso de Albuquerque Olmedo - Alexandre Pupo Nogueira - Alexandre Vicente de Andrade - Alexandre Villela de Freitas - Alexandre Vivacqua Aguirre - Alfredo Carlos Simões Dornellas de Barros - Alice Aparecida Rodrigues Francisco - Alice Junqueira Pereira - Alice Moraes de Castro Silva - Alice Vilas Boas - Garson de Matos - Alicia Marina Cardoso - Aline Armando Neres - Aline Barreto Centurión Sobral - Aline Bortolotto Di Pace - Aline Camargo Padilha Martini - Aline Carvalho Rocha Schoenherr - Aline Coelho Gonçalves - Aline de Castro Viana - Aline Maia Vidal - Aline Oliveira do Espírito Santo Possebon - Aline Prado de Almeida - Aline Regina Nunes Reis - Aline Valadão Britto Gonçalves - Aline Valduga - Allan de Souza Amorim - Altivo Manoel Luz Neto - Álvaro Dias de Moura Ribeiro - Alvo Orlando Vizzotto Junior - Amadeu José Pinto - Amanda Claudia Pituco - Amanda Cristina Braga de Oliveira - Amanda Florence Bligh Heygate - Amanda Gomes dos Santos - Amanda Linhares Cardoso - Amanda Maria Costa Silva - Amanda Maria Sacilotto Detoni - Amanda Neves Machado - Amanda Nogueira Coutinho - Amanda Silva Lacerda Furuno - Amanda Vicentin Maruya - Amanda Vieira Rocha Rodrigues - Amélia Maria Fernandes Pessoa - Amilcar Alves Assis - Amisbele Angelucci - Amparo Shirley Rico Aguilera - An Wan Ching - Ana Beatriz Martins Falcone - Ana Beatriz Medeiros Lins de Albuquerque Tavares - Ana Beatriz Oliveira Germano - Ana Beatriz Sanches Barranco - Ana Beatriz Tavares de M. B. Matos - Ana Carla Holanda Villela de Andrade - Ana Carolina Bosch Ximenes - Ana Carolina Ferraz Pascoal - Ana Carolina Hobi Goncho - Ana Carolina Loureiro Salgado - Ana Carolina Marcondes Machado Leprevost - Ana Carolina Muhlberger - Ana Carolina Pinsetta Crozera - Ana Carolina Santos Oliveira - Ana Cecília Lourenço Tau - Ana Clara Araujo Costa - Ana Cláudia Caffaro Rodrigues - Ana Cláudia Dias Sousa Figueiredo - Ana Cláudia Imbassahy de Sá - Ana Cristina da S. do Amaral Herrera - Ana Cristina Dias de Paiva - Ana Cristina Ponchielli Lustosa - Ana Diva Sá da Nobrega Amancio de Lima - Ana Filipa Ferreira Goulart - Ana Flávia Moraes Léda - Ana Gabriela Caldas Oliveira - Ana Gabriela Clemente da Silva - Ana Gabriela de Siqueira Santos - Ana Laura Araújo Rodrigues - Ana Laura de Albuquerque Bezerra - Ana Laura Wagner Cardoso - Ana Leide Guerra dos Santos - Ana Livia Dantas Balduino Silva - Ana Lúcia R. Andrade Sayeg - Ana Luísa de Souza Lopes - Ana Luisa Ferreira e Silva - Ana Luiza Antunes Faria - Ana Luiza de Carvalho da Hora - Ana Luiza de Freitas Magalhães Gomes - Ana Luiza Fraga Fróes Cruz - Ana Luíza Gomes Corteletti - Ana Luiza Telles Leal - Ana Maria Kemp - Ana Patricia de Lima Barbosa - Ana Paula Affonso Gomes - Ana Paula da Cunha - Ana Paula Dias de Araújo Alvarenga - Ana Paula Martins Sebastião - Ana Paula Reiss de Araújo - Ana Paula Santana de Abreu - Ana Paula Santana de Sá - Ana Paula Wernz C. Muller - Ana Rita Guedes Alves - Ana Rosa de Oliveira - Ana Suzy de Góis Melo Cruz - Ana Teresa B. Gusmão de Lucia - Ana Teresa de Araújo Teixeira Bezerra - Ana Tereza Alvarenga Carneiro - Ana Thereza da Cunha Uchôa - Analu Brito Mendes - Analuiza Savaris - Anamaria Rocha Mendes Andrade - Anastasio Berrettini Jr. - Anderson Passos Figueiredo - André Arruda - Andre Augusto Curty Romero Veloso - André de Araujo Rozas - André Desuó Bueno de Oliveira - André Di Loreto Peron - André Girardi Vieira - Andre Hideo Motoki - André Lima de Oliveira - André Luis de Freitas Perina - André Luiz Giovannetti Corôa - André Luiz Marini - André Luiz Silveira - André Mattar - André Vallejo da Silva - André Vinícius Moraes Dias - Andrea Alves da Silva de Sousa - Andréa Angeli Kalaf Mussi - Andréa Arredondo Farias - Andréa Baldassim - Andréa Cavalcante Lima - Andréa Cavalheiro Horta Cubero - Andréa Disciaciati de Miranda - Andrea Juliana Laureano - Andrea Lúcia Rezende Martins Donato - Andréa Moreno Morgan - Andréa Pires Souto Damin - Andrea Yumi Watanabe - Andrea Zeringota de Castro - Andrei Alves de Queiroz - Andrei Gustavo Reginatto - Andréia Maria Rauber - Andresa Barbosa - Andressa Gonçalves Amorim - Andressa Luise Bianchi - Andressa Maria de Moraes Rodrigues - Andressa Marques Ferrari - Andreza de Almeida e Albuquerque - Anelisa Pinotti de Oliveira - Anelise Silva de Gênova - Angela Aparecida Seixas Hueb - Angela Cecconello Parizotto - Ângela Cristina Marinho Moreira - Ângela Erguy Zucatto - Angela Lopardi Nicolato - Angela Maria Fausto Souza - Angela Rosa Império Meyrelles Thomaz da Silva - Angélica Araújo Cortines Laxe - Angélica de Figueiredo R. Esterl - Angelita Kurl Meneghini - Angélica Pereira de Almeida - Ângelo Alves Fernandes Neto - Ângelo do Carmo Silva Matthes - Ângelo Gustavo Zucca-Matthes - Ângelo Roncalli Melo Alves -

Anita Schertel Cassiano - Anke Bergmann - Anna Camilla Nascimento Caetano Lima Nunes - Anna Carolina Pereira Jácome - Anna Dias Salvador - Anna Lya Menezes Martins - Anna Paula de Almeida Maiato - Anna Teresa Moreira Neves - Annamaria Massahud Rodrigues dos Santos - Anne Dominique Nascimento Lima - Anne Elisa Santos Sousa - Anne Rosado Ribeiro - Annelisa Vilela Masson - Annelise Lisboa Peixoto Bessa - Antoninho Ricardo Sabbi - Antonio Abílio Pereira de Santa Rosa - Antonio Accetta Neto - Antonio Andrade Simão - Antonio Arcanjo Batuíra Tornieux - Antonio Bitu dos Santos Filho - Antonio Carlos Andrade Moraes Jardim - Antonio Carlos de Oliveira Villela - Antonio Carlos Gasparotto Hindo - Antonio Carlos Macedo de Oliveira - Antonio Carlos Toshihiro Nisida - Antônio Carlos Vieira Lopes - Antonio Cesar Hummel - Antonio Cosme de Carvalho Neto - Antonio de Pádua Almeida Carneiro - Antonio Eduardo Rezende de Carvalho - Antonio Eliezer Arrais Mota Filho - Antonio Fernando Melo Filho - Antonio Fortes de Pádua Filho - Antonio Freitas Martins - Antonio Jurado Bambino - Antonio Luiz Frasson - Antônio Michael Tenório Freire - Antonio Nahum Pinho - Antonio Sergio da Silva Carvalho - Antônio Tavares da Silva - Ariane Andrade Anacleto Bricks - Arícia Helena Galvão Giribela - Armando Nazareno Almeida da Cunha - Arnaldo Vissotto Júnior - Aroldo Gonçalves de Carvalho - Arthur César Farah Ferreira - Arthur Chaves Faloppa - Artur Martins Ribeiro - Augusto César Peixoto Rocha - Augusto Henrique Honório de Mendonça - Augusto Tufi Hassan - Áurea Akemi Abe Cairo - Aurélio Zecchi de Souza - Avelina Paiva Recamonde - Ayaka Yamane - Ayla Maria Rodrigues de Souza Gonçalves - Bárbara Barbosa Monteiro - Bárbara Caleffi Ferraz - Bárbara Canabarro Frantz - Barbara Cristina Kahil Silva - Bárbara de Assis Barbosa - Barbara Louise Bozatski - Bárbara Narciso Duarte - Bárbara Pace Silva de Assis Carvalho - Barbara Pereira Silvestre - Bárbara Slaviero - Beatriz Baaklini Geronimo - Beatriz Boaria Muller da Silva - Beatriz Christina Decort de Lima Melillo - Beatriz Daou Verenhitch - Beatriz Serafim Althoff Rocha - Beliza Oliveira de Almeida - Belmiro José Santos de Siqueira - Benedito de Oliveira Neto - Benedito de Sousa Almeida Filho - Bertha Andrade Coelho - Betania Mota de Brito - Betina de Almeida Marcondes - Betina Menezes de Albuquerque Marques - Betina Vollbrecht - Bianca Ceratti Zardo - Bianca Cristina Didomenico Seitenfus - Bianca Kurtz Fontoura - Bianca Silveira Sá - Bráulio Leal Fernandes - Braz Martorelli Filho - Brenda Fabiola Delgado Taboada - Breno Costa Maciel Albuquerque - Bruna Alberton Getelina - Bruna Anderson - Bruna Bello Chequin - Bruna Lovato - Bruna Luisa Ferraco Lima - Bruna Martins de Sousa Ranciaro - Bruna Matos Gusmão - Bruna Morais Faria - Bruna Pereira Vancellote Almeida - Bruna Ramalho de Lucena - Bruna Salani Mota - Bruna Vieira Couto - Bruno Carvalho Carelli - Bruno Christiani Sabino - Bruno Eduardo Pereira Laporte - Bruno Freitas Ceravolo - Bruno Goia de Araujo Rossi - Bruno Henrique Alvarenga - Bruno Henrique Gomes Parizzi - Bruno Leonardo Alves Gama - Bruno Monção Paolino - Bruno Salvador Sobreira Lima - Caetano da Silva Cardial - Caio Caloca Severo - Caio Satoru Ramos Saito - Calina Maria Loures de Oliveira Teixeira - Caline Favero Ferreira - Camila Annicchino de Andrade - Camila Brandão Alves - Camila Correia Cinquetti - Camila F. A. Castanho C. de Macêdo - Camila Sachi Nery Kanzaki - Camila Vitola Pasetto - Camila Zaffari Wosiack - Camile Cesa Stumpf - Camilla Laporte Seixas - Camilla Machado do Valle Pereira - Candice Barbosa Militão de Lira - Caren Leivas Pozzer - Carim Chahine Youssef - Carla Aparecida Xavier Carneiro - Carla Costa Dias Maia - Carla Gabrielle de Araújo Soares - Carla Jaqueline Camillo Pitol - Carla Priscila Kamiya Carvalho Pessoa - Carla Realiti - Carlos Afonso Garcez Maestri - Carlos Alberto da Silva Giandon - Carlos Alberto Menossi - Carlos Alberto Morais de Sá - Carlos Alberto Rodrigues Schneider - Carlos Alberto Ruiz - Carlos Alberto Scatolin - Carlos Alberto Valente - Carlos Anselmo Lima - Carlos Antonio Del Roy - Carlos César Montezino Nogueira - Carlos Daniel Vilas Boas de Carvalho - Carlos do Carmo Dias - Carlos Eduardo Caiado Anunciação - Carlos Eduardo de França Albuquerque - Carlos Eduardo Gomes Medeiros - Carlos Eduardo Niederauer - Carlos Eduardo Senne de Moraes - Carlos Eduardo Witoslawski Breda - Carlos Eduardo Zuccolotto Felipe - Carlos Elias Fristachi - Carlos Felipe Saraiva Bezerra - Carlos Francisco Erbolato Melo - Carlos Gilberto Crippa - Carlos Gustavo Crippa - Carlos Gustavo Pessoa da Silva Reis - Carlos Henrique Sperb Ferreira - Carlos Inácio de Paula - Carlos Itio Tanaka - Carlos Marino - Cabral Calvano Filho - Carlos Mitsuquiqui Eto - Carlos Rafael Sant'Anna da Cruz - Carlos Ricardo Chagas - Carlos Rogério Junqueira Ribeiro - Carlos Vinícius Pereira Leite - Carolina Batista Fernandes - Carolina Bortot Scardini Deutz - Carolina Caobianco Gentile - Carolina Coelho Nogueira Diógenes - Carolina da Cunha Silveira Freitas - Carolina de Miranda H. Fuschino - Carolina de Souza Vasconcelos - Carolina Del Negro Visintin - Carolina do Amaral - Carolina Estermeire Lima Carneiro - Carolina Fioretto Torres - Carolina Fontes Teive e Argolo Gonçalves - Carolina Lamac Figueiredo - Carolina Lemos Baroncelli - Carolina Malhone - Carolina Marques Almagro - Carolina Martendal Cerrutti - Carolina Mira Maciel Pereira - Carolina Nazareth Valadares Neves - Carolina Paula Krisam R. Matielli - Carolina Pompermaier - Carolina Teixeira de Assis Lopes - Carolina Valverde Rocha - Carolina Vieira de Oliveira Salerno - Caroline Alves Belém Morais - Caroline Camargo Bandeira da Silveira Luz - Caroline Di Giovanni Lamberti - Caroline Dornelles Mora Godoy - Caroline Figueiredo Ferzeli - Caroline Gomes de Almeida Rocha - Caroline Rigolon Veiga - Caroline Vieira de Freitas - Cassio Cardoso Filho - Cassio Fernando Paganini - Cássio Furtini Haddad - Cássio Vinícius Aguiar Borges - Catharine Louise Melo Araújo Pinto - Cecília Fanha Dornelles - Célia Regina de Andrade Costa - Celina Augusta Zanin Poletto - Celio da Silva Rocha Vidal - Celso Kazuto Taniguchi - Cesar Augusto Costa Machado - César Cabello dos Santos - Cesar Fernando Garcia Ramirez - César Teixeira Jales - Chaïne Calil Canfour Franchi - Charles Jean Berger - Charles Ronald van Santen - Christian Rodrigo Sejas Villarroel - Christiane Cardoso Falcão - Christianne Gomes Barros Neiva - Christie de Freitas Queiróz Berberian Trentini - Christina Fidalgo Santoro - Christine Elisabete Rubio Alem - Christine Marques Miranda - Ciane Mendes da Silva Dayube - Cícero de Andrade Urban - Cídia Mazzoccatto - Cinthia Aparecida Moreira - Cinthya Roberta Santos de Jesus - Cintia Cardoso

Pinheiro - Cirano D Avila - Clarice Cury - Clarice de Castro Campos - Clarissa de Lima Batista Teixeira - Clarissa Pieresan Winkelmann - Clarissa Santos Ferreira Amaral - Cláudia Almeida de Araújo Goes - Cláudia Araújo de S. Leão Lages - Cláudia Cristina Duarte Carvalho - Claudia Magnavita Oliveira Torres - Cláudia Maria Avelar e Silva - Cláudia Maria de Albuquerque Nóbrega - Cláudia Maria Santos Aldrighi Munhoz - Claudia Maria Silva Pereira - Cláudia Studart Leal - Cláudia Terezinha Moraes Pinheiro Delgado - Cláudia Therezinha Salviato Mameri - Claudinei Destro - Claudio Chu - Cláudio Luiz Rodrigues Emílio - Claudio Magoga Filho - Cláudio Mitidieri Simões - Cléber Sérgio da Silva - Clécio Ênio Murta de Lucena - Cleomar Agostinho Balen - Cleuza Maria Staudt Pascotini - Cleverson Gomes do Carmo Junior - Cleverton César Spautz - Clóvis dos Santos Andrade - Conceição Maria Guedes Crozara - Coroacy Ferreira dos Santos - Cristianmar Karen Betancourt Cardenas - Cristiane da Costa B. Abrahão Nimir - Cristiane de Carvalho Coutinho - Cristiane de Paiva Silveira Aguiar - Cristiane Fagundes Pacheco - Cristiane Rossi Lopes - Cristiane Santos Araújo - Cristiano Cerqueira Veiga Pessoa - Cristiano Luna - Cristiano Steil da Silva - Cristine Teixeira de Oliveira Gaspar - Cristovão Pinheiro Barros - Cynthia Mara Brito Lins Pereira - Daiane Bonella Coltro - Daiane Carla Maia - Daiane Cristine Dorr - Dalton Ivan Steinmacher - Damásio Macedo Trindade - Daniel Cendon Duran - Daniel de Araújo Brito Buttros - Daniel Guimarães Tiezzi - Daniel Imbassahy de Sá Bittencourt Câmara e Silva - Daniel Lamartine Nogueira Auad - Daniel Meirelles Barbalho - Daniel Parisotto - Daniel Pedrini Siqueira - Daniel Rodrigues Nunes - Daniela Avila Nesello - Daniela Beggiato Corrêa Vilela - Daniela Costa de Almeida Canguçu - Daniela Cristina Camarotti C. E. Ri - Daniela Martins Pereira Moraes - Daniela Meneses de Almeida Rios - Daniela Omar de Souza - Daniela Pratti Martins - Daniela Rodrigues Siqueira - Daniela Zaros Guimarães - Daniele Carvalhais França - Daniele Cristina da Silva Moraes - Daniele Pitanga Torres - Daniele Plangg Geist - Daniele Ranieri Esteban - Daniella da Gama D. Marinho Coelho - Daniella Silveira Lima e Silva - Danielle Arbache - Danielle Chambô - Danielle Cristina Miyamoto Araújo - Danielle de Leão Martins - Danielle Mussoi Esser - Danielle Orlandi Gomes - Danielle Ramos Martin - Danila Pinheiro Hubie - Danilo Manente - Danilo Takemura Celloni - Danyelle Craveiro de Aquino - Darley de Lima Ferreira Filho - Davi da Silva Motta - David Anderson Bandeira da Silva - Debora Balabram - Débora Daltro Michelan - Débora Garcia y Narvaiza - Débora Hugo Pacheco - Débora Jardim Vieira - Debora Rodrigues Santana - Débora Sara de Almeida Cardoso Peiró - Débora Triana Calegari - Deidimar Cássia Batista Abreu - Deise Azevedo Pereira - Deisyamar Dolores Corrêa - Dêlcio Scandiuizzi - Délio Marques Conde - Dênia Reis de Paula - Denis Seiiti Aoki - Denise Biangolino Chaves - Denise Borba Galdino - Denise Fróes Brandão - Denise Helena Resende Fonseca - Denise Joffily P. da Costa Pinheiro - Denise Kurschus de Oliveira Dantas - Denise Ribeiro Tâme - Dennys Fowler Teixeira Faheina - Desirée Castro Cordeiro - Diana das Graças Nogueira Saraiva - Diana Lima Garcia de Queiroz - Diana Taissa Sampaio Marinho Navarro - Diana Tatsuko Akikubo - Dib Abdalla Chacur - Diego de Aragão Bezerra - Diego Trabulsi Lima - Diego Wallace Nascimento - Dillon Pinheiro de Oliveira - Dioga Ana Mattiello - Diógenes Luiz Basegio - Diogo Soldatelli Claudino dos Santos - Djalma Gomes Neto - Domingos Aurichio Petti - Domingos de Jesus Teixeira Lopes - Domingos Garcia da Costa Filho - Donizeti Willian Santos - Douglas de Miranda Pires - Douglas Soltau Gomes - Dryeli Cássila Kindler - Ecto Henrique Souza - Edgar Marcelo Conduta Borda Aldunate - Edgar Navarro - Edilberto de Araújo - Edimar Duarte Val - Edinari Nunes de Sousa Lopes - Edison Mantovani Barbosa - Edite de Fátima Pinto Vital - Edna Marina Cappi Maia - Ednaldo Sandes da Silva - Edson Possebom da Silva - Eduarda Garcia Grande - Eduarda Goulart Carneiro - Eduardo Andrade Ribeiro - Eduardo Bruno Giordano - Eduardo Camargo Millen - Eduardo Carneiro de Lyra - Eduardo Carvalho Pessoa - Eduardo Henrique de Moura Ramos - Eduardo Henrique Laurindo de Souza Silva - Eduardo José Souza da Fonsêca - Eduardo Rogério Malaquias Chagas - Eduardo Schunemann Júnior - Eduardo Tavares dos Reis - Eduardo Tomioka - Eduardo Vieira da Motta - Eduardo Vieira de Carvalho Junior - Edwin Ricardo Noli Lazo - Eglantine Queiroz Bezerra - Eid Gonçalves Coelho - Eimi Nascimento Pacheco - Elaine Hoffmann - Eliel de Souza - Elisa Rosa de Carvalho Gonçalves Nunes - Elisa Sousa da Cunha Bastos Barbosa - Elisana Maria Santos Caires - Eliseu Tirado - Elisiane Gadelha Dias Oliveira - Elisvânia Rodrigues da Silva - Elizete Martins dos Santos - Êlvio Antônio Gomes da Cunha - Elvis Lopes Barbosa - Emannuela Santiago de Carvalho - Emanuella Vieira de Siqueira Botelho - Emannelle Louysi D'Paula - Emannelle Narciso Alvarez Valente - Emerson Assis - Emerson Wander Silva Soares - Emiliana Alves Cardoso - Emiliana Pereira Lima - Emiliane Silva Simonek - Emílio Daniel Pacheco de Sousa - Emmanuel Filizola Cavalcante - Eneida Ribeiro Marinho - Ênio Alberto Matusiak Senna - Epaminondas de Medeiros Jácome - Ercio Ferreira Gomes - Érica Condé Marques e Oliveira - Érica Elaine Traevert Simezo - Erica Motroni de Almeida - Érica Renata Mendes - Érico Antonio Daia - Erik Paul Winnikow - Érika Monteiro Pinheiro Mourão - Érika Pereira de Sousa e Silva - Érika Sampaio Ladeira - Erika Sveidic Guertas Morandi - Ermelino Franco Becker - Ernani Lange S. Thiago - Estela Gelain Junges Laporte - Estela Regina Eidt - Etelvino de Souza Trindade - Étienne de Albuquerque Bastos - Eulália Estel Vieira - Euler Martins Marques - Eulina Helena Ramalho de Souza - Eurídice Maria de Almeida Figueiredo - Eurípedes Carlos de Carvalho Filho - Evandro Eduardo Cagnazzo - Evandro Fallaci Mateus - Eveline de Abrantes Silva Rodrigues - Evelling Lorena Cerqueira de Oliveira - Everardo Leite Gonçalves - Ewaldo Lúzio Fôro de Oliveira - Ezio Novais Dias - Fabia Beraldo Silveira - Fabiana Baroni Alves Makdissi - Fabiana Cassiano Vicente - Fabiana Christina Araújo Pereira Lisboa - Fabiana Coelho - Fabiana Machado Rodrigues de Oliveira - Fabiana Maia Larsen - Fabiane Cristine Wenchenck Botelho - Fabiano Affonso Kimus - Fabiano da Cunha Ferreira - Fabio Antonio Almeida Muniz - Fábio Bagnoli - Fábio Botelho de Almeida - Fábio Francisco Oliveira Rodrigues - Fabio Martins Laginha - Fabio Ponton - Fabio Postiglione Mansani - Fabio Silva e Silva - Fábio Silva Madruga - Fabíola Marques Morosini - Fabrícia Gamba Beduschi - Fabricio Augusto Martinelli de Oliveira - Fabricio Morales Farias - Fa-

brício Palermo Brenelli - Fabrício Rodrigues Fregona - Fabrício Santos Lopes - Fátima Cristina Santos - Felipe André Basso Macedo - Felipe Andreotta Cavagna - Felipe Cordeiro da Fonseca - Felipe Eduardo Martins de Andrade - Felipe Gustavo Cordeiro Feitoza - Felipe Luciano dos Santos de Souza - Felipe Marcondes de Oliveira Coelho - Felipe Pereira Zerwes - Felipe Zanol Sauer - Fernanda Barbosa Coelho Rocha - Fernanda Beatriz Ferreira Souza - Fernanda Boek da Silva - Fernanda Carlinda Costa de Oliveira Guimarães - Fernanda Costa Amado - Fernanda Cristina Afonso Salum - Fernanda Gandra Costa - Fernanda Gasparin Palermo Hassan - Fernanda Grace Bauk Richter - Fernanda Janaina Cunha Labre - Fernanda Mabel Batista de Aquino Amaral - Fernanda Madrassi Campora - Fernanda Maria Braga Marinho - Fernanda Martins Armond Faleiros - Fernanda Nunes Pinto - Fernanda Otsuka Gomes de Lima - Fernanda Silveira de Oliveira - Fernanda Vasconcelos Caetano - Fernanda Werner Dutra - Fernando Antônio de Miranda Henriques - Fernando Antonio Mourão Valejo - Fernando Armentano de Pontes - Fernando Augusto Caivano - Fernando Augusto Carneiro A F Silva - Fernando de Oliveira Prado - Fernando Ferrer Fernandes - Fernando Henrique Ribeiro do Couto Correa - Fernando Koenig - Fernando Schuh - Fernando Silva de Carvalho - Fernando Tocchet - Fernando Vequi Martins - Fernando Vivian - Filipe Bacellar de Faria - Filomena Marino Carvalho - Fiorella Belisa Oré Sánchez - Flavia Abranches Corsetti Purcino - Flávia Bastos de Moraes Rego - Flávia Buarque El-Deir - Flavia Cardoso Franca - Flávia Cristina Nogueira Ribeiro - Flavia da Rocha Lapa Reinhr - Flávia Kuroda Yamanishi - Flávia Lima Custódio - Flávia Luz Felício - Flavia Maria de Souza Clímaco - Flavia Nery Marinho - Flávia Peduzzi Yurgel - Flávia Pinto Cardozo - Flávia Silva Fernandes - Flávia Vicentin Silva - Flávia Vidal Cabero - Flavio Amorim Machado - Flavio Baccarat Franco Montoro - Flavio Cabreira Jobim - Flávio Dutra Miranda - Flávio Elias Ribas - Flávio Henrique Cantanhede Ximenes - Flávio Lincoln Nazima - Flavio Lucio Vasconcelos - Flávio Rocha de Medeiros - Flavio Vieira Marques - Flora Araújo Ulisses - Floriano Pardo Calvo - Franciane Braga de Abreu - Francianne Silva Rocha - Franciele Rodrigues Silva Marinato - Francine Coutinho Maia de Castro - Francine Hickmann Nyland - Francini de Mattos Lima Lin - Francisca Indira Beltrão C.C. Matta - Francisco Aires da Cruz - Francisco Alberto Regio de Oliveira - Francisco Álvaro de Andrade Neto - Francisco Farias da Costa Júnior - Francisco Figueiredo de Andrade - Francisco Henrique Barbosa Filho - Francisco Jair Alves Cavalcante - Francisco Jorge Matos Jales - Francisco Mario Zoccola - Francisco Pimentel Cavalcante - Francisco Rogério Carlos Amaral - Francyllene Acassia Dalacosta - Frank Lane Braga Rodrigues - Franklin Fernandes Pimentel - Franklin Massanori Amaya - Frederico Avellar Silveira Lucas - Frederico Ken Myahara Masuko - Frederico Mariz Rebêlo - Frederico Theobaldo Ramos Rocha - Gabriel Aguiar Santos - Gabriel Almeida da Silva Júnior - Gabriel Dequech Neto - Gabriel Fagundes Alkimim Baião - Gabriel Lotero Lima - Gabriel Marques dos Anjos - Gabriel Salum D Alessandro - Gabriel Yaemon Ikejiri - Gabriela Amorim Baia - Gabriela Antunes Pantoja - Gabriela Bezerra Nóbrega - Gabriela Boufelli de Freitas - Gabriela Calado Silva - Gabriela Carvalho Pinheiro - Gabriela Conceição Gomes - Gabriela Cristina Grigol Martinez - Gabriela de Almeida Vasconcelos Costa - Gabriela de Arruda Oliveira - Gabriela de Mattos Barbosa - Gabriela de Oliveira Gomes - Gabriela Dinnebier Tomazzoni - Gabriela Emery Cavalcanti Santos - Gabriela Feitosa Lins de Albuquerque - Gabriela Gomes da Silva Aragão - Gabriela Grando Pinson - Gabriela Guimarães Teixeira - Gabriela Junqueira Reis Gomes - Gabriela Luiza Sevidanes - Gabriela Marçal Rios - Gabriela Mattos Cabral de Souza - Gabriela Noemi Vasquez Evangelista - Gabriela Ramos Alves - Gabriela Rosali dos Santos - Gabriela Silva Solino de Souza Matos - Gabriele Castiglioni Garoze - Gabriele Samora Quero - Gabriella Ferreira Carvalho - Gabriella Garcia Ribeiro Camargo - Gabriella Vilas Boas Silva - Gabrielle Alessandra Socorro do Nascimento - Gabrielly Mateus Barros Ferreira - Geisiela Araceli Campanerutti - Gelma Freitas Peixoto - Genesivan Bonaparte Santos - George Luis Trindade Costa - George Luiz Contarato - Georgeana Debs Guesine - Georges Dorilien - Geraldo Antonio Cassol - Geraldo Magela da Silva - Geraldo Marcelo Silva - Geraldo Monteiro Alves Pereira - Geraldo Rodrigues de Lima - Geraldo Silva Queiroz - Gerli Araújo Gonçalves Coêlho - Germana Zélia Gomes Bastos da Silva - Gerson Antonio dos Santos Mourão - Gerson José Soares Junior - Gessandro Elpidio Fernandes Barbosa - Gianca Maria Silva Porto - Gicela Lorena Mabel Lovera Lucena - Gil Facina - Gilberto Dalmora - Gilberto Enrique Benitez España - Gilberto Kendi Takeda - Gilberto Luiz da Silva Amorim - Gilberto Moreira Mello - Gilberto Nunes Erichsen - Gildiane de Melo Rangel - Gildo Gardinalli Filho - Gilmara Rejane Conceição Marques - Gilson Davi de Lima Stevão - Gilson Gusmão Correia - Gilson Mazzillo - Gilson Pelegrino - Gilvane Naves Marcondes Goulart - Gina Zorina Ribeiro de Souza - Gina Zully Carhuancho Flores - Giovani Feres Gomes - Giovanna Araújo Borges - Giovanna Azevedo Gabriele Carlos - Giovanna Bernardes de Lima Miziara - Giovanna Rela Matricardi - Girliney dos Santos Leandro - Gisela Italia Andreoni - Gisele Adriana Limonge de Oliveira - Gisele Carvalho Rodrigues Valle - Gisele do Couto Maldonado - Gisele Tolaini Gomes Pereira - Giseli Cristina Teixeira - Gisella Cunha Castro Salgueiro - Giuliana Cássia Morrone Taromaru - Giuliana Ribeiro Lesur Scrivante - Giuliano Barboni Leite - Giuliano Mendes Duarte - Giuliano Tavares Tosello - Gláucia Gondin - Gláucia Mesquita Cordeiro - Glauco Cesar Felipe Fernandes Maciel - Gleyce da Paz Ferreira da Costa Neta - Gonçalo Bonora Peinado - Graciara de Cássia F. Fardin - Grasiela Benini dos Santos Cardoso - Graziela Couto de Carvalho - Graziella Galvão Gonçalves - Greetchen Borges de Campos Bólico F - Guerino Barbalaco Neto - Guilherme Boquimpani de Freitas - Guilherme Dantas Roriz - Guilherme de Oliveira Cucolicchio - Guilherme Gamba - Guilherme Ilha de Mattos - Guilherme Junqueira Souza - Guilherme Luna Martinez - Guilherme Novita Garcia - Guilherme Ribeiro Fonseca - Guilherme Simão Dos Santos Figueira - Guilhermino Clóvis Araújo - Gustavo Alberto Ozol de Ávila - Gustavo Antonio de Souza - Gustavo Barbosa da Silva - Gustavo Coral Silveira - Gustavo Dahmen - Gustavo Frode Machado Vieira - Gustavo Iglesias - Gustavo Lanza de Mello - Gustavo Machado Badan - Gustavo Tedde - Gustavo Zambrano Torre - Gustavo Lobato Dias - Guttenberg Rodrigues

Pereira Primo - Haline Keila de Souza Cavalcante Granja - Hanimme Nogueira Tabosa Dutra Sanches - Haroldo Nonato Ferreira de Souza - Heitor da Palma Lampert - Heitor de Souza - Helano de Paula Gonçalves Souza - Helcio Heleno Ferreira Campos - Helder da Fonseca Bitar - Helena Barreto Maia Gomes - Helena Gondin May Vieira - Helena Muller - Heleno de Souza - Heliégina Aparecida de Oliveira Palmieris - Hélio Humberto Angotti Carrara - Hélio Rubens de Oliveira - Hélio Rubens de Oliveira Filho - Hélio Sebastião Amâncio Camargo - Hellen Virgínia Teotônio Palitot de Almeida - Heloísa Helena Rengel Gonçalves - Heloísa Maria De Luca Vespoli - Heloísa Oliveira Magalhães Belchior - Heloisa Pastore Gondim - Heloisa Vieira Cerri - Henrique Alberto Portella Pasqualetto - Henrique Benedito Brenelli - Henrique Erthal - Henrique Lima Couto - Henrique Moraes Salvador Silva - Henrique Silva Bartels - Heraldo Francisco da Costa Pedreira - Herberth Régis de Araújo - Everton Leal Ernesto de Amorim - Hildoberto Carneiro de Oliveira - Hilka Flávia Barra do Espírito Santo Alves Pereira - Hilton Augusto Koch - Hirofumi Iyeyasu - Hugo Andrade Bayeh - Hugo Cedro Souza - Humberto Carlos Borges - Ianaçara Machado da Fonseca - Ibrahim Georges Buttros Neto - Idam de Oliveira Junior - Idelfonso Oliveira Chaves de Carvalho - Idervaldson Nardacchione - Igor Araújo da Silva - Igor de Camargo Soares - Igor Duarte de Oliveira - Ilzinalda dos Santos Ideão Farias - Indelécio Garcia Chaves - Ingrid Bernucci Neto - Ingrid Ganga Buzoli - Ingrid Luna Hoerner e Silva - Ingrid Rubim Dalvi - Írian Evelyn Cordeiro Rabelo - Irina Sessak Puls - Iris Rabinovich - Irla Valença Araújo - Isaac Daniel Borges Ferreira de Sousa - Isaac Fermann Neto - Isabel Cristina Areia Lopes Pereira - Isabel Cristina Ribeiro de Oliveira Lima - Isabela Albuquerque Severo de Miranda - Isabela Chaves Monteiro Soares - Isabela Garcia Spironeli - Isabela Minozzi Escudeiro - Isabela Panzeri Carlotti Buzatto - Isabela Zupo Teixeira - Isabella Calazans Pinheiro - Isabella de Andrade Figueiredo - Isabella Raffs Guerra - Isabelle Nascimento Costa Porfirio - Isadora Barberato Pretto - Isis Fernandes de Macedo - Isis Mendes Barbosa - Isolina Brito Dias - Ivan Henrique Silveira Bueno Piotto - Ivana Gomes de Araújo e Castro Nascimento - Ivanildo Archangelo Júnior - Ivo Barreto de Medeiros - Ivo Carelli Filho - Izabel Aparecida Cunha Andrade - Izabella Brandão Mendes - Jackeline Lopes Viana - Jackeline Ribeiro Oliveira Guidoux - Jackson Roberto de Moura - Jacqueline Baía Rodrigues Louro - Jäder Rodrigues Gonçalves - Jaime Luiz Pieta - Jair Araújo Júnior - Jairo Carvalhaes Câmara - Jairo Luiz Coelho Júnior - Jamile Alves Rocha - Jamile Carolina Bortoletto - Jamile Fernandes Ferreira - Jamille Gazzoni Sarti - Jamilly Rocha de Souza Rego - Jan Pawel Andrade Pachnicki - Janaina Cotta Rodrigues Ferreira - Janaína de Matos Sarrizo de Lisboa - Janaína Ferreira Viegas - Jander Rafael Nogueira da Silva - Jane Braga da Silva - Jane Cristina da Costa - Jane Sanglard de Oliveira - Janete Kaori Kawabata - Janice Magalhães Lamas - Janiceli Blanca C. Hablich Silvestr - Janine Martins Machado - Jaqueline Alves Barbosa - Jaqueline da Silva Ferreira - Jarbas Maciel de Oliveira - Java Ribeiro de Souza - Jeane Sandra Nogueira Tavares - Jefferson Altro Almeida - Jéssica Caroline Freire Carvalho - Jéssica Caroline Furlan - Jessica Jakeline Batista Tavares da Silva - Jéssica Lopes de Oliveira - Jéssica Mendes Costa de Freitas Santos - Jéssica Moreira Cavalcante Carvalho - Jéssica Oliveira Aguiar - Jéssica Ponte Portella - Jéssica Souza Ferro - Jesus de Paula Carvalho - Jesusmar Modesto Ramos - Joana Marisa de Barros - Joana Theberge Fernandez Conde - Joanna Cristina Zanardi - João Aderbal Raposo de Moraes - João Baptista Leonardo Filho - João Batista Ortolan - João Batista Pereira Júnior - João Batista Zanolla Andreola - João Bosco Batista de Lucena - João Bosco de Barros Wanderley - João Bosco Machado da Silveira - João Bosco Ramos Borges - João Carlos Arantes Júnior - João Carlos Guedes Sampaio Góes - João Crisóstomo Lucas Neto - João de Deus Valadares Filho - João Eduardo de Melo e Silva - João Esberard V. Beltrão Neto - João Estevam Abelha Januario - João Henrique Penna Reis - João Luís Carvalho Tricote dos Santos - João Marcelo Wanderley Cadete - João Marcolino de Oliveira Neto - João Marcos Dourado Barbosa - João Matheus de Castro Rangel - João Nazareno da Silva Ethur - João Nunes de Matos Neto - João Paulo Correia Mendes - João Pedro Moro Paro - João Ricardo Auler Paloschi - João Ricardo Nicezio Esteves - João Soares de Almeida - João Vieira de Medeiros - Joaquim Teodoro de Araújo Neto - Jocela Cristina dos Santos - Jocieli Locatelli Cerqueira - Joel Rososchansky - Jofran Frejat - Joizeanne Pedroso Pires Chaves - Jomário José de Macêdo - Jonas Bitencourt Quaresma Junior - Jonas Sarro Moreira - Jonatha Maurilio Leite Sales Oliveira - Jonathan Yugo Maesaka - Jordana Bretas de Aquino - Jordana de Faria Bessa Peloso - Jordana Joab Alencar Barros - Jordana Nogueira Gomes - Jorge Luiz Firmo de Paiva - Jorge Roberto Rebello - Jorge Saad Souen - Jorge Uehara - Jorge Villanova Biazus - Josayres Armindo Buss Cecconi - José Alberto Vieira Rosa - José Antonio Crespo Cavalheiro - José Antonio Ribeiro Filho - José Augusto de Sousa Neto - José Augusto Driendl Filho - José Augusto Nunes Dias - José Carlos Campos Christo Filho - José Carlos Campos Torres - José Carlos Daher - José Carlos de Jesus Conceição - José Carlos de Oliveira Gomes - José Carlos Sadalla - José Cicero da Silva - José Cláudio Casali da Rocha - José Clemente Linhares - José Costa de Andrade - José d' Oliveira Couto Filho - José David Kandelman - José Eduardo Marco Rubio - José Francisco Neto Rezende - José Francisco Rinaldi - José Francisco Vilela dos Reis - José Idamar de Souza - José Ismael Gil - José Ivalei Guerreiro - José Joaquim Gomes Nabuco - José Luis Esteves Francisco - José Luiz Endlich Paiva - José Luiz Pedrini - José Mário Gadelha Resende - José Mauro Secco - José Michel Kalaf - José Milton Correa - José Orestes Borges Guimarães - José Peixoto - José Pereira Guará - José Pereira Venâncio Junior - José Ricardo Conte de Souza - José Ricardo Paciência Rodrigues - José Roberto Fígaro Caldeira - Jose Roberto Filassi - José Roberto Morales Piato - José Roberto Salina - José Roberto Viodoto Pinheiro - José Salvador Silva - José Sigiliano Gomes Filho - José Slaibi Filho - Jose Spartaco Vial - José Tadeu Campos de Avelar - José Ulcijara Aquino - José Valdecides Amaral - José Vicente de Barros Júnior - José Vilar de Andrade Neto - José Waldemar Junqueira Cleto - Josélia Lima Nunes Carvalhaes - Josélio Martins Franco - Josenar Manoel Silva - Joseni Dutra Gomes - Josiane Fernandes F. Rodrigues - Josiane Saab Rahal - Josivania Felipe Santiago - Josmara Ximenes Andrade Furtado - Josué Henrique Norões Viana - Josué Lopes de Souza - Joy Okasaki - Juan Bautista Donoso

Collins - Juan Carlos Borges de Campos Ortiz - Juan Sebastián Sánchez Tobar - Juarez Antonio de Sousa - Júlia Dias do Prado - Júlia Maria Farias Costa - Julia Yoriko Shinzato - Julian Maurilio Santos Oliveira - Juliana Beatriz de Oliveira Ferreira - Juliana Borba Gomes - Juliana Braga Ferreira - Juliana Campelo Aragão Bitencourt - Juliana Carvalho Penha Pereira - Juliana Catão Grisi - Juliana Corrêa Pires - Juliana Costa Carvalho - Juliana Cristina de Oliveira Lima - Juliana da Costa Souza - Juliana de Almeida Figueiredo - Juliana de Oliveira Moreira G.Carne - Juliana de Oliveira Pinto Pacca - Juliana Elias Joukhadar - Juliana Ferreira de Lima - Juliana Francisco - Juliana Fuentes Ávila - Juliana Gadelha do Amaral Miranda - Juliana Koerich Laureano - Juliana Lopes de Aguiar Araújo - Juliana Lopes do Vale - Juliana Luíza de Melo Silva - Juliana Murteira Esteves S. Kamache - Juliana Orrico Guimarães - Juliana Pierobon Gomes da Cunha - Juliana Pinho da Costa Leitão - Juliana Pinho Espinola - Juliana Pontes Farias - Juliana Ribeiro Oyama - Juliana Roberti Prado Konda - Juliana Rozza - Juliana Tavares Salgado - Juliana Vanessa Varjão de Medeiros - Juliana Zabukas de Andrade - Juliane Dal Vesco - Julianna Maria Silva de Amorim - Juliano de Carvalho Nascimento - Juliano Rodrigues da Cunha - Julio Cesar Egger - Júlio César Narciso Gomes - Júlio César Vieira dos Santos - Julio Eduardo Ferro - Júlio José Alvarenga Barros - Júlio Marcos Caldas - Júlio Roberto de Macedo Bernardes Júnior - Jurandyr Moreira de Andrade - Jussane Oliveira Vieira - Jussara Oliveira Silva - Juvenal Secco Júnior - Kaethe Tosta Ribas - Kaiom Cesar Xavier Pacheco - Kamila Bezerra Fernandes Diocesano - Karen Borrelli Ferreira Alves - Karen Yamashiro - Karimi Botelho Amaral - Karina Belickas Carreiro - Karina Cipriani - Karina Furlan Anselmi - Karina Helena Okajima Bacelar - Karina Lima Lins de Souza - Karina Miranda Monteiro - Karina Patrício Infante - Karine Angélica Cintra - Karissa Grazielle do Amaral Lopes - Karla Cristina Franco Guimarães Nunes - Karla Daniela Santone - Karla Fernandes Dourado - Karla Kalil Pimentel - Karla Sorandra Felipe de Oliveira - Karoline Costa Ferreira Peixoto - Karoline de Oliveira Senna Conceição - Karoline Evangelista Souza - Karoline Pascoal Ilidio Peruchi - Kathryn Mullen Aparecida de Assis Cabral - Kátia Piton Serra - Katrine Evelen Carole da Silva Sousa Cançado - Kattiuce Bataglin Gonçalves - Katyane Larissa Alves - Kauana Caetano Sarubby do Nascimento - Keila Rezende André - Keila Ribeiro Rodrigues - Kenia Melissa Borghetti - Kênnia Silva de Oliveira - Kerstin Kapp Rangel - Kesley Couto de Castro - Kélerin Lambert Dourado Marzagão - Keyla Daniele de Lacerda Rodrigues - Kleber de Souza Reis - Kyra Borges Fernandes - Laerte Justino de Oliveira - Laila Vanessa de Jesus - Laira Rodrigues Aguiar - Lais Aya Inaba - Laís Cardoso de Carvalho Guedes - Laís Corrêa Renhe - Laís dos Santos Gueiros - Lais Helena Dumbra Toloni dos Santos - Lais Milena Barros - Lakymê Ângelo Manguiera Porto - Lara Ávila Lourenço Jacoby - Lara Brandão Pereira - Lara Varini Soares - Larissa Barbosa Oliveira - Larissa Brás Santos Leite - Larissa Cabral Marques - Larissa Chrispim de Oliveira - Larissa Cunha Moraes - Larissa dos Santos Lourenço Ferreira - Larissa Figueiredo Nogueira - Larissa Isabela Batista - Larissa Luvison Gomes da Silva - Larissa Martins de Brito Moraes - Larissa Nobre de Lima - Larissa Oliveira de Aquino - Larissa Raquel Mouro Mandarano - Larissa Raquel Silva Costa - Larissa Renata Kleina - Larissa Santana Bitencourt - Larissa Scarabucci Venezian - Laryssa Fagundes Pereira Villas Bôas - Laura Alcântara Damianse - Laura Alejandra Matulevich Santana - Laura Christina Pereira Diógenes Fujiike - Laura Cristina Campos Fernandes - Laura Maciel Rocha Penteado de Aguiar - Laura Rabelo de Freitas - Laura Ramos Silva Ferzeli - Laurentino Ferreira D' Angelo - Laurinda Castellani - Lays Samara da Costa Silva e Silva - Léa Pikelhaizen Velloso - Leandro Andrade e Silva - Leandro Ferreira - Leandro Gonçalves Oliveira - Leandro Lenzi Pacheco - Leandro Martins Drumond Moreira Brito - Leandro Ovídio Facure De Vito - Lectícia de Siqueira Ribeiro Rios - Leda do Socorro Gonçalves Farias Rêgo - Leda Marques Ribeiro - Leila Domingues Oliveira Corrêa - Leila Najjar - Leilane Barreto Ribeiro Botto - Leiliane Lima Martins - Leisa Maria Behr Gaspary - Lenise Almeida Silveira Carvalho - Lenise Omena Gama - Lenoil Ceragiotto Barbosa - Leo Francisco Leone Júnior - Leocir Corrêa da Silva - Leonardo de Sousa Santos - Leonardo Dequech Gavarrete - Leonardo Fleury Orlandini - Leonardo França Motta - Leonardo Gabeira Secco - Leonardo Martins Bastos - Leonardo Nery Ribeiro Guimarães - Leonardo Oliveira Silva - Leonardo Paese Nissen - Leonardo Pires Novais Dias - Leonardo Ribeiro Soares - Leonidas Noronha Silva - Leonidas Souza Machado - Letícia Augusto Garcia - Letícia Guerra Monteiro Pinheiro - Letícia Martins de Araújo Campos Linhares - Letícia Moraes Coelho de Oliveira Sermoud - Letícia Pereira Gonçalves - Letícia Ribeiro Moreira - Lia Raquel de Alcântara Caldas - Liana Ortiz Ruas Winkelmann - Libelina M. Simplicio do Nascimento - Licurgo Nunes Bastos Junior - Lidia Valdina Primon P. de Rezende - Liege Graebin - Lígia Maria Teixeira Pereira Porciúncula - Ligia Ponce Leal Passos - Lília Cristiane Costa Ferraz - Lílian Campos Caldeira Lerner - Lilian Canal - Lilian Cristina Silva da Costa - Lilian de Carvalho Tameirão - Lilian de Sá Paz Ramos - Lilian Fraianella - Lilian Guimarães de Faria - Liliane Cristina Bonioli Cugola - Liliane Raupp Gomes Pizzato - Lina Araújo Barbosa - Lincon Jo Mori - Lisa Freire de Vasconcellos - Lise Reis Melo - Livia Casa Monteiro Velasco - Livia Conz - Livia Menezes Elias - Livia Senna Pinheiro Santos Lima - Livia Silas de Melo - Lívio Portela Cardoso Coelho - Lorena Bruna Almeida da Silva - Lorena Marques Vaz Feliú - Lorena Marquez Rizzi - Lorena Pedrosa de Araújo - Lorene Almeida Pinheiro de Belém - Louise Vargas Polaro Franco - Lourivan Araujo Coelho Júnior - Luana Pelicioni Rangel Braga - Luanda Maria Sakagushi Pinto - Luca Chini Rinaldi - Lucas Andrade e Silva Isaac - Lucas Dilenio Rodrigues - Lucas Geovane Ramos - Lucas Montarroyos Vasconcelos de Albuquerque - Lucas Roskamp Budel - Lúcia Aiko Hamaji Homma - Lucia Dayanny da Costa Amorim - Lúcia Maria Camarotti - Lucia Maria Martins Zuliani Albuquerque - Lucia Pinto Bordin de Carvalho - Lucia Sarmento Oliveira - Luciana Barros de Castro - Luciana Borges Lombardi - Luciana Calado dos Santos - Luciana Carvalho Horta - Luciana Cortelazzi Medeiros - Luciana Costa Ramalho - Luciana da Cruz Pereira - Luciana da Fonseca Santos - Luciana de Carvalho Azevedo - Luciana de Oliveira Costa Colen - Luciana Gandra Camargo Barros Oliveira - Luciana Jandre Boechat Alves - Luciana Lamarão Damous - Luciana Machado Ribeiro - Luciana Maria Borges

Leite - Luciana Melo Bruno Maia - Luciana Naíra de Brito Lima Limongi - Luciana Paladini - Luciana Vieira Guimaraes - Luciane Araújo da Costa - Luciano Afonso Teixeira Brandão - Luciano Antonio Melo Aguiar - Luciano Brasil Rangel - Luciano Della Flora - Luciano Dorea Alves Peixoto - Luciano Florisbello da Silva - Luciano José Santos Ramos - Luciano Menezes Cavalcanti - Luciano Moro - Luciano Vilar Wanderley Nóbrega - Luciene da Silva Carvalho - Luciene Miranda Barduco - Luciene Tozzi - Lucienne Lima Vianna - Lucimara Priscila Campos Veras Giorgi - Lucinei Adriano Costa Baeta Carreira - Lúcio Flavo Dalri - Lúcio Márcio Perri de Resende - Lúcio Mauro Bisinotto Júnior - Lucio Omar Carmignani - Ludmila Thommen Teles - Luís Alberto Oliboni Sussela - Luís Antônio Abreu de Moraes Neto - Luis Carlos de Sousa Pereira - Luis Cláudio Belo Amendola - Luis Felipe Palma Costa Soares - Luis Fernando Aguiar - Luis Fernando Corrêa de Barros - Luís Fernando Pádua Oliveira - Luis Fernando Xavier de Carvalho - Luis Fillipe Torres Filgueira - Luís Gustavo Rodrigues Pereira - Luis Henrique da Silva Leme - Luis Henrique Ferreira de Moraes - Luís Wagner Araújo Vieira - Luis Wagner Barbosa Mesquita - Luisa Fernandes Bassoi - Luísa Krusser Vanin - Luisa Rezende Barros - Luisa Vieira Souto Salgueirinho de Salles Abreu - Luiz Alberto Barcellos Marinho - Luiz Alberto Sobral Vieira Júnior - Luiz Alessandro de Moraes - Luiz Alves Arraes - Luiz Alves da Silva Neto - Luiz André de Souza e Mello - Luiz Antonio Gomes Amorim - Luiz Antonio Guimarães Brondi - Luiz Antonio Lopes Silveira - Luiz Antonio Verdiani - Luiz Augusto R Nogueira - Luiz Ayrton Santos Júnior - Luiz Carlos de França Júnior - Luiz Carlos Gesualdi Júnior - Luiz David Santos Nunes - Luiz de Paula Silveira Júnior - Luiz Fernando Caniati de Pádua - Luiz Fernando Guimarães Santos Filho - Luiz Fernando Jubé Ribeiro - Luiz Fernando Pinho do Amaral - Luiz Gonzaga Porto Pinheiro - Luiz Henrique Gebrim - Luiz Miguel Santos Barreto - Luiz Murillo Lopes de Britto - Luiz Otávio Zucca Cassilhas - Luiza Batinga Mascarenhas - Luiza da Rosa Ramos - Luiza de Melo Cerqueira - Luiza Guimarães de Magdalena - Luiza Hayako Hirata Takizawa - Luiza Herdy Boechat Luz Tiago - Luíza Machado Kobe - Luiza Rodrigues Batista - Luma Garcia Sleiman - Luriê Kramer Piana - Mabel Azoubel Antunes - Macerly Layse de Menezes Dantas - Maciel de Oliveira Matias - Madeleyne Beatriz Boado Quiroga Cardenas - Magda Conceição Gomes - Maiara Maia Moreira - Maillene Rodrigues Lisboa - Maira Caleffi - Maira da Costa Pereira Azeredo Oppel - Maira de Camargos Resende - Máira Teixeira Dória - Maira Zancan - Makey Rodrigo Zortéa - Malusa Salomão de Pinho Souza - Manoel Carlos Melillo Felzener - Manoel Florencio Bezerra Cavalcanti - Manoel Geraldo Cavalcanti Viana - Manoel José de Araújo Filho - Manoela Borges Krause Gonçalves - Manoella Saiter Servino - Mara Costa Dutra - Mara Cristina de Oliveira Sanches - Mara Rubia Fernandes Teixeira - Mara Teresinha Kurtz - Marcela Boraschi Marçal - Marcela Embiruçu Carvalho - Marcela Pinheiro de Araujo Craide - Marcela Rodrigues Machado - Marcela Rosa Dias - Marcella Mendes Botelho - Marcelle Gomes Pinheiro Maia Lessa - Marcelle Magaldi Carreiro Mugnol - Marcelle Moraes dos Santos - Marcellus do Nascimento Moreira Ramos - Marcelo Adeodato Bello - Marcelo Antonini - Marcelo Batista Pimenta - Marcelo Biasi Cavalcanti - Marcelo Bolliger - Marcelo Ferreira - Marcelo Leandro Pereira - Marcelo Luiz Holanda de Mendonça - Marcelo Madeira - Marcelo Martinelli Durante - Marcelo Moraes Barbosa - Marcelo Moreno - Marcelo Moura Fé Lima - Marcelo Philip Leonardo - Marcelo Ribeiro Da Luz Cruz - Marcelo Robson Santos Campos - Marcelo Rodrigues Prade - Márcia Cristina Santos Pedrosa - Márcia Dallyane SantAnna Costa de Freitas - Márcia Magalhães Fernandes - Márcia Maria A. de Carvalho Stephan - Márcia Portela de Melo - Marcio Antonio Elias Leonardi - Márcio Cezar Botelho Nascimento - Marcio Constantino Mimessi - Marcio Felipe Soares Sales - Marcio Henrique Giron Haber - Márcio José de Souza Almeida - Márcio Lopes Faria - Márcio Marcondes Vieira - Marco Antônio Abrahão Reis - Marco Antonio Cortelazzo - Marco Antônio Cupolillo - Marco Antônio dos Santos Jábali - Marco Antônio Dugatto - Marco Antônio Rodrigues Freire Matias - Marco Aurélio Palieraqui R. Alves - Marco Aurélio Trovó - Marco Aurelio Veiga Conrado - Marcone Geraldo Abreu de Sousa - Marconi Menezes de Luna - Marcos Alberto Arruda de Aquino - Marcos Antônio Araújo Almeida - Marcos de Araújo Nunes Ferreira - Marcos de Sousa Medeiros - Marcos Desidério Ricci - Marcos Fernando de Oliveira Moraes - Marcos Louro de Hollanda - Marcos Nolasco Hora das Neves - Marcos Rogério Miqueletti - Marcos Salomão Zagury - Marcos Wajnberg - Marcus Nascimento Borges - Maria Adélia Medeiros e Melo - Maria Alicia de La Luz Huidobro Navarrete - Maria Angela Bongers Alexandretti - Maria Aparecida de Queiroz Freitas Pereira - Maria Assunção Azevedo Guedes - Maria Auxiliadora Bernardi - Maria Auxiliadora Robatto Tavares Carvalho - Maria Beatriz de Paula Leite Kraft - Maria Carolina da Trindade Henriques Assunção - Maria Carolina Formigoni - Maria Carolina Gouveia Gonçalves de Oliveira Patriota - Maria Carolina Soliani Bastos - Maria Caroline Silva - Maria Cátia Mendes Rodrigues Gonçalves - Maria Clara de Paula Carvalho - Maria Cristina Biesdorf Pretto - Maria Cristina Motta e Silva - Maria da Graça Andrade Ázaro - Maria de Fátima Brito Vogt - Maria de Fátima Gonçalves dos Santos - Maria Del Carmen Garcia Molina Wolgjen - Maria do Carmo Dias da Costa - Maria do Socorro Bandeira do Nascimento - Maria do Socorro Maciel - Maria Eliza Marques Gomes Sued - Maria Emília Bezerra da Costa - Maria Fernanda da Motta Sperotto Valadares Gontijo - Maria Fernanda de Oliveira Zerner - Maria Fernanda Souza de Luca - Maria Gabriela Augusto de Medeiros Jácome - Maria Gabriela Ferreira da Silva - Maria Gabriela P. da Costa Alcântara - Maria Gabriella Giusa - Maria Helena Roustand Rabay Kunz - Maria Inês Menescal Fabrício - Maria Isabel Martins P. Cardoso - Maria Isabel Simon Dias - Maria Isabela Bloise Alves Caldas Sawada - Maria José Mendonça Soares de Albuquerque - Maria José Rugeles Castellanos - Maria Júlia Gregório Calas - Maria Leticia Leone Rocha - Maria Lucia Pereira - Maria Luísa Barros Quintão Couto Parreira - Maria Luísa Braga Vieira - Maria Luiza Nagel - Maria Lygia Guimarães Vieira - Maria Marta Martins - Maria Nagime Barros Costa Yunes - Maria Nilce Rodrigues Pereira - Maria Olívia Cavalcante - Maria Priscila Abril Vidal - Maria Silveira Carvalho Alves - Maria Socorro Alencar - Maria Stefania Nóbrega Batista - Maria Tereza Silveira Moreira - Maria Valdinéia

Pereira - Maria Virginia de Oliveira e Oliveira - Maria Virginia Thomazini de Figueiredo - Maria Weber Guimarães Barreto - Mariah Jales Rosado Holanda - Mariana Baraldi Quintiliano Xavier de Castro - Mariana Brandão Soares Sousa - Mariana Burity Xavier - Mariana Carlos de Góis - Mariana Carolina Vieira Pereira - Mariana Copetti Goi - Mariana de Almeida Belo - Mariana Decco Fauz - Mariana Dias Carvalho - Mariana do Espírito Santo Rosário - Mariana Felipe de Brito - Mariana Franco de Oliveira - Mariana Mitraud Ottoni Guedes - Mariana Sala de Faria e Silva - Mariana Silva Lobo - Mariana Soares Cardoso - Mariane Rocha Menezes - Marianne Pinotti - Maridálvia Rocha Souza Guimarães - Marilana Geimba de Lima - Marilda Vargas Freitas Plácido - Marilha Gabriela Martins Pontes - Marília Franco de Oliveira - Marília Manicoba Amorim de Oliveira - Marília Martins Lúcio - Marília Silva de Souza Takimoto - Marina Ávila Torreão Brito - Marina Beckhauser Bastos Soares - Marina Bellatti Kuller - Marina Cartaxo Patriota Leal - Marina Diogenes Teixeira - Marina Filié Haddad Piccinalli - Marina Fleury de Figueiredo - Marina Ignácio Gonzaga - Marina Lima do Vale - Marina Nobrega Augusto - Marina Rangel Moreira Barros Alves - Marina Reis Thiébaud Pereira - Marina Ribeiro Lemos Barros - Marina Sachetti Marco Rubio - Marina Sconzo Polydoro - Marina Sonagli - Marinalva Oliveira Medina da Silva Filha - Mario Casales Schorr - Mário do Nascimento Saraiva - Mário Gaspare Giordano - Mario Mourão Netto - Mário Otávio Simões Simões - Marisa Farias Pinto de Queiroz Neta - Marlene de Souza - Marllon Erthal Neves - Marlon Marcelo Maciel Sousa - Márlova de Ávila G. C. Dutra Câmara - Marluce Rodrigues Oliveira - Marnewton Tadeu Pinheiro - Marques Vinicius de Castro Gomes - Marta de Betânia Rabelo Teixeira - Marta Lombardo Borda - Martha Cristina Elmães de Marsillac - Martha Velloso Murta Gomes - Mary Miyazawa Simomoto - Maryam de Paula Arbach Vasconcellos - Maryana Neves de Souza - Maurício Augusto Magalhães Costa - Maurício Barbosa - Maurício Chveid - Maurício de Aquino Resende - Maurício de Sena Martins - Maurício Nogueira Barros - Mauro Fróes Assunção - Mauro Henrique Muniz Goursand - Mauro Orlando Meurer Oliveira - Mauro Pinto Passos - Max Ferreira de Sousa - Maximiliano Cassilha Kneubil - Mayane Freitas Desidério Silva - Mayara Musarra Beozzo Dias - Mayka Volpato dos Santos - Maynara Mayumi Umeda - Maynara Zoppei dos Santos Soares - Mayra de Oliveira Santos - Mayra Moreira Almeida - Mayra Teixeira Magalhães - Meire Cardoso da Mota Bastos - Melina Rebello - Melissa Avena Porto Mendes - Melissa Gonzalez Veiga - Melissa Quirino Souza e Silva - Mércia Aparecida Lopes Carence Peloso - Michela Fauth Marczyk - Michelina Ferreira Barroso de Moura - Michelle Albano Ferreira - Michelle Christhine Diniz de Abreu - Michelle Ortega Ribeiro - Michelle Valeriano da Silva Feliciano - Miguel Angel Jarandilla Peralta - Miguel Angelo Soares Barbosa - Mila Meneguelli Miranda Zambone - Mila Trementosa Garcia - Milena da Costa Batista - Milena Henriques de Sousa Issa - Milena Martello Cristofalo - Milena Viana de Holanda - Miliana Tostes Lucato - Milton Sakano - Mirella Macedo Parente Araújo - Miriam Monteiro Alvares Vilela - Moises Oliveira Schots - Moisés Yoshifumi Komatsu - Monalisa Ferraz de Ferraz - Mônica Carvalho de Oliveira - Mônica Duarte Pimentel - Monica Maria Ágata Stiepcich - Mônica Pimentel Nascimento - Monica Pires Ribeiro - Mônica Vieira M. Travassos Jourdan - Monica Yoshino Rosinha Moreno - Monique Muller Reis Novacek - Monique Valois Ribeiro - Mozart Teixeira Alves - Murilo de Lima Brazan - Murilo do Valle Sabóia - Mychely Fernandes Rêgo - Nader Nazir Suleiman - Nádia Faria Lopes Tavares da Matta - Naiana Sacramento Couto Andrade - Naianne de Lima Rodrigues - Nair Hermínia Gurjão Margotti - Nair Pereira Paim - Nancy Cristina Ferraz de Lucena Ferreira - Napoleão Teixeira L. Júnior - Narjara Celi Oliveira Monteiro - Nassif Alexandre Galeb Júnior - Natália Couto Monteiro Feitosa - Natália Marchet de Antoni - Natália Mendes Gonçalves Monteiro - Natália Monteiro Cordeiro - Natália Pastore do Carmo Lima - Natália Polidorio Machado - Natália Sadi Motta - Natalie Gonçalves Santos - Natalie Rios Almeida - Natasha Garcia Caldas - Natasha Lure Bueno de Camargo - Nathália Gomes Mialichi - Nathália Karina de Abreu - Nathália Moreira Azi - Nathalia Oliveira Lemos - Nathalia Pivoriunas Cardoso - Nathalia Rodrigues Bettini - Nathália Valois Montarroyos de Moraes - Nayahara Gomes Batalha de Goes - Nayara Carvalho de Sá - Nayara Sibelli Fante Cassemiro - Neil Lins Machado Júnior - Nelma Rocha Barbosa - Nelson Botvin Cymbalista - Nelson Luiz Nunes de Faria - Nelson Shiroshi Taki - Neuzimar Rodolfo Serafim - Newton Antonio Bordin Júnior - Nicole Lumi Tsukamoto - Nicole Menezes Rangel - Nicoli Serquiz de Azevedo - Nilo Coelho dos Santos Júnior - Nilton Cezar Oliveira Bessa - Nilton José Ferreira - Nilton Leite Xavier - Norma Luiza Machado Silveira - Norma Medicis Maranhão - Núbia Pereira Pinto Queiroga - Odair Ferraro - Odon Alves Diniz - Olivio Feitosa Costa Neto - Omar Filogônio Macedo - Orivaldo Gazoto Júnior - Orlando de Castro Neto - Orlando José de Almeida - Orlando Silva Telles - Osmar Pellegrini Junior - Osvaldo de Alcântara Braga Aidar - Osvaldo Gerardo Rios Arévalo - Pablo Barbosa Umpierre - Pablo Neruda de Carvalho Rocha - Palusa Cruz Carneiro - Pâmela Ogassawara Bioni - Pâmella Gomes Barbão - Paola Candido Rodrigues Menani - Paola D Amico Casé - Paola Ferreira de Freitas Germek - Paola Markiewicz - Patrícia Aguiar Bellini - Patricia Bittencourt Marques Lauria - Patricia Gonçalves de Medeiros - Patricia Kajikawa Mathias - Patricia Lacerda Pires - Patrícia Mircea Rodrigues Brasileiro - Patricia Moreira Rebello da Silva - Patrícia Oliveira Carmo - Patrícia Primo de Alvarenga - Patricia Rodrigues Alves de Figueiredo Moraes - Patricia Vieira Furtado - Paula Barros Antunes Lambert - Paula Bezerra de Araújo - Paula Bichara de Siqueira - Paula Cavalieri Barbar - Paula Clarke - Paula Cristina Martins Soares - Paula Cristina Saab - Paula de Azevedo Brant Saldanha - Paula Nunes Merello - Paula Ribeiro Barbosa - Paula Rossa Todorovic - Paula Stephanie Duarte Oliveira - Paula Suzart Freitas Borella - Paula Tambellini - Paula Vendruscolo Tozatti - Paulla Vasconcelos Valente - Paulo Antonio da Silva Cassol - Paulo Cesar da Silva Rocha - Paulo Gil Katsuda - Paulo Giovanni de Carvalho Cavalcanti Fernandes - Paulo Gustavo Tenório do Amaral - Paulo Henrique Alves Caetano Chaves - Paulo Henrique de Sousa Fernandes - Paulo Henrique Diógenes Vasques - Paulo Henrique Walter de Aguiar - Paulo Leonardo Miranda Sposito - Paulo Lucena de Araújo Junior - Paulo Maurício Soares Pereira - Paulo Maurício Soares Pereira

Filho - Paulo Meyer de Paula Philbert - Paulo Roberto Cará - Paulo Roberto de Souza Coelho - Paulo Roberto Moura de Sousa - Paulo Roberto Pirozzi - Paulo Roberto Ramos Tavares Segundo - Paulo Sérgio de Souza Couto - Paulo Sérgio dos Reis Júnior - Paulo Vicente Hoffmann - Paulo Vicente Oliveira Lima - Paulus Fabrício Mascarenhas Ramos - Pedro Aurélio Ormonde do Carmo - Pedro Celeste Nolito e Silva - Pedro Henrique de Jesus Cerqueira - Pedro Lavigne de Castello Branco Moreira - Pedro Lima Costa - Pedro Luna Souto Quidute - Pedro Milstein - Pedro Paulo de Andrade Gomes - Pedro Senise Maroun - Pedro Wilson Leitão Lima - Persis Araújo de Oliveira - Pierre Neves de Castro - Plínio Gasperin Júnior - Polliana de Paula J. Carvalhido - Pollyanna Dornelas Pereira - Polyana Martins Costa - Priscila Beatriz Oliveros dos Santos Silvério - Priscila Coelho Rabelo Machado - Priscila de Medeiros Souza Nobre - Priscila Dias Watana-be - Priscila Estela Rosique Joppert - Priscila Marshall Pereira - Priscila Nunes Silva Morosini - Priscila Pereira Marquiore - Priscila Vilella Silva - Priscilla Elizabeth Vieira Fernandes - Priscilla Maquinêz Veloso - Priscilla Rodrigues Moreira - Priscylla Ramos da Silva Sousa - Priscila Correia de Queiroz e Silva - Rachel Machado de Oliveira Portela - Radiá Pereira dos Santos - Rafael Alves Perdomo - Rafael Amin Menezes Hassan - Rafael da Silva Sá - Rafael Garcia Torres - Rafael Gonçalves Portela - Rafael Henrique Szymanski Machado - Rafael José Argolo de Sousa - Rafael José Fábio Pelorca - Rafael Maria Caligaris Zaldivar - Rafael Pegado de Abreu Freitas - Rafael Reis e Silva - Rafael Ribeiro Martini - Rafael Rodrigo Bortoleti - Rafael Silva de Lima - Rafaela Cecilio Sahium de Almeida - Rafaela Gomes Araujo - Rafaela Pinheiro de Oliveira - Rafaela Rabello Reis - Rafaela Abrantes de Melo Carvalho Coelho - Raffaella Levy de Andrade - Raiany Iasmim de Abreu do Prado - Raimundo Jovita de Arruda Bonfim - Raimundo Pereira da Silva - Raissa Cruz Oliveira - Raissa de Holanda Melo - Raissa Naiara Alves de Barros Vasconcelos - Raissa Stark Stigger Marques - Ramon Alfredo Coiman Carpio - Ramon Diego Lopes da Silva - Ranieri dos Santos Rolim - Raphael Guimarães Bettero - Raphaela Nóbrega Ramos - Raquel Aranha Viegas - Raquel Cristina Ferri - Raquel Cristina Rodrigues - Raquel Dalmaz Fitarelli - Raquel de Fátima Quintino - Raquel de Oliveira Nicoletti - Raquel Fujinohara Von Ah - Raquel Santiago Mendes Araripe - Raul Augusto de Araújo Júnior - Ray Alves dos Santos - Rayane Ferreira - Réa Nunes Galbinski - Rebeca Belleza Ramacharaka Barros - Rebeca Neves Heinzen - Regina Maura Zetone Grespan - Regina Pedrini Braga - Reginaldo Daltro Filho - Régis Leite L'Abbate - Régis Resende Paulinelli - Reinaldo Magalhães Fernandes - Renata Bites Ferreira Amorim - Renata Borges de Aquino - Renata Bruno da Fonseca - Renata Capanema Saliba Franco - Renata Castro Meira - Renata de Tassis Pares - Renata Fiorini Puccini - Renata Lima Medeiros - Renata Montarroyos Leite - Renata Rockenbach - Renata Sampaio Góes - Renata Suzuki Brondi - Renato Abreu Filho - Renato Augusto Menegaz - Renato Cagnacci Neto - Renato Dias de Barros - Renato Rezende Rocha - Renato Salerno Wilkens - Renato Zocchio Torresan - René Aloisio da Costa Vieira - Renice Elias Fontes Valadares - Ricardo Alcantara da Silva - Ricardo Carvalho Juçaba - Ricardo Cavalcante Queiroga - Ricardo da Costa Pinto - Ricardo Faure - Ricardo Keyson Paiva de Moraes - Ricardo Lencioni Mazzei - Ricardo Lopes Ribeiro - Ricardo Luiz Costa Oliveira - Ricardo Rodrigues Paiva de Carvalho - Ricardo Souto Quidute - Ricardo Sozo Vitor - Ricardo Tukiana - Ricardo Zecchetto Saez Ramirez - Ridânia de Oliveira Frederice - Rílciane Maria dos Reis Ribeiro - Rita de Cássia Barbosa - Rita de Cássia de Maio Dardes - Rita de Cássia Tassinari Barini - Roberson Guimarães - Roberta Amparado Mizziara - Roberta Dantas Jales Alves Andrade - Roberta de Oliveira Perez Fernandez - Roberta Maria Santoro - Roberta Pinter Lacerda - Roberto de Oliveira Lima - Roberto Eizi Nascimento Nogui - Roberto Hegg - Roberto Hernandez Giordano - Roberto Hoskel Azoubel - Roberto José da Silva Veras - Roberto José S. Vieira - Roberto Kepler da Cunha Amaral - Roberto Luiz - Roberto Vasconcelos Vicente - Roberto Yassutomi Fujioka - Robinson Elói do Nascimento - Robson Gonçalves - Rodolfo Rotermond Campos Amoury Júnior - Rodrigo Brezolin - Rodrigo Brilhante de Farias - Rodrigo Campos Christo - Rodrigo Cericatto - Rodrigo de Jesus Lenharte - Rodrigo Gregório Brandão - Rodrigo José Barata Passos - Rodrigo Kouzak Mayer - Rodrigo Martins Pescuma - Rodrigo Oliveira Souto - Rodrigo Otávio Teixeira Moreira - Rodrigo Pepe Costa - Rodrigo Quevedo de Lima - Rodrigo Santos Ramos - Rodrigo Soares - Rogério Bizinoto Ferreira - Rogério Fenile - Rogerio Gonçalves Vasconcelos - Rogerio Grossmann - Rogério Martins de Castro - Rogério Paulo Bitencourt Ianhes - Romana Giordani Ribeiro Saliba - Ronaldo Murai Minholi - Ronney Antonio Guimarães - Rosana Maria de Paula Saboia - Rosana Pellin De Nardi - Rosana Simões de Oliveira Farias - Rosana Zabulon Feijó Belluco - Rosane Gomes Rodrigues Chagas - Rosângela Tiengo Marino - Roseli Martins de Abreu - Roseli Yashue Goya Kobashigawa - Rosemar Macedo Sousa Rahal - Rosicarla Dourado de Paula Pinto - Rossana Mariana Carvalho Paiva Marques - Rozilda Maria Paes Sodré da Mota - Ruben Bocikis - Rubens do Val Júnior - Rubens José Pereira - Rubens Marx Gonzaga - Rubens Silveira de Lima - Rubia Maria Tavares Villar - Ruffo de Freitas Júnior - Rui de Mendonça Alho - Rui Fernando Bertolino Júnior - Ryane Oliveira de Alcântara - Sabas Carlos Vieira - Sabrina Lima - Sabrina Monteiro Rondelo - Sabrina Ribas Freitas - Sabrina Rossi Perez Chagas - Sadi Martins Calil - Salomão Zoghbi Neto - Sálvia Maria Canguçu da Rocha - Samantha Pfeiffer Silvestrin - Sâmela Comério - Samela Oliveira Santos - Samira Juliana de Moraes Machado - Samira Marcondes Cabral - Sandra Brito Marques dos Santos - Sandra Maria Barradas Marques - Sandra Marques Silva Gioia - Sandra Mendes Carneiro - Sandrelli Reis de Barros Carneiro - Sandro Luiz Sayão Prior - Sandro Vinicius Machado Melo - Santuzza de Carvalho Kelmer - Sara Paes Gaião Torreão - Sarah Abud Recife - Sarah Campos Freitas de Almeida - Sarah Esther Serruya Alencar - Sarah Feitosa Maurício - Saulo Bandeira Dias - Saulo Ribeiro do Val - Sebastião Marden Barbosa de Araújo - Selene Maria Rendeiro Bezerra - Selma di Pace Bauab - Selma Silva Araújo - Sergio Bruno Barbosa - Sergio Bruno Bonatto Hatschbach - Sergio Eduardo de Paiva Ramos - Sérgio Estevam Picinini - Sergio Ferreira Juçaba - Sergio Figueiredo Calmon Filho - Sérgio Luís Jeunon - Sergio Mendes - Sergio Mitsuo Masili Oku - Sergio Tessaro - Sergio Wilson Alves Pereira - Sergio Zerbini Borges - Servio

Tílio de Oliveira Brandão - Shadia Hemer Ripoll - Sheila Ferreira Sedicias de Queiroz - Sheila Ulisses Paiva - Sheilane Rodrigues da Silva Quintas - Shirley Das Graças Ferreira - Shyrleene Santana Santos Nobre - Silas Bonocher Junior - Silas Otero Reis Salum - Silvana de Nazaré Pontes da Costa - Silvana Lucena Lima - Sílvia Aparecida Perea - Silvia dos Reis Oyadomari - Silvia Laís Macedo de Assis - Silvia Mastrogiuseppe Lellis - Silvia Oliveira Bezerra - Silvío Batista Garcia Simões - Silvío César da Silva - Silvío Eduardo Bromberg - Silvío Eduardo Valente - Silvío Kurbet - Simão Grossmann - Simone Aparecida Lopes de Oliveira - Simone Cristina Galvão Duarte - Simone Duarte de Almeida Castro Mestre - Simone Elias - Simone Maschietto Bitencourt - Sinézio Alves da Silva Filho - Sirlei dos Santos Costa - Skiold Rodrigo Islas Zarazúa - Solange Cavalcante Costa - Solange da Silva Malfacini - Solange Maria Torchia Carvalho Cast - Solly Bercovici - Solon Cavalcanti Guerra - Sonayde Karlany de Carvalho Queirós - Soraya Moukhaiber Zhouiri - Stefânia Caldeira Monteiro - Stéphane Vieira de Paiva - Stephanie Aragão Lusoli Vicensotti - Stephanie Ataíde Frota Abreu - Suelen Sampaio de Jesus - Suk Hee Shin - Suzana Aquino Cavallieri - Suzana Batista Mendes - Suzana Mendes Uvo - Sylvy Maria Apolinario Monte - Tabata Natashe Vicente Machado - Tadeu Penteado Virmond - Tainá Anelhe Moura - Tainã Fabri Ferreira Ladeia - Taina Maria da Silva Perdigão - Tainan de Moraes Bispo - Tainara Rodrigues Miranda - Tais Chebat Watanabe - Tais de Carvalho Nogueira Argolo - Tais Helena Garcia Fernandes de Oliveira - Tais Souza Cerqueira - Talassa Cisotto Rocha - Talita Aparecida Riegas Mendes - Talita Giuzio - Talita Haubert Cerutti - Talita Siemann Santos Pereira - Tallita Moniele Gomes Pinheiro - Talmay Tavares Santos Vasconcelos - Tamara Pinto de Oliveira Araujo Bernardo - Tamara Schwartz Reinoso - Tammy Boing - Tamy Nunes Sequeira - Tania da Rocha Santos - Tania Fabiola Navarro Altamirano - Tania Paszternak Matta Machado Paixão - Tania Regina de Almeida Perci - Tania Souza Machado da Silva - Tarciane Campos Ramalho - Tatiana Carozo Pinto - Tatiana Ferrari Jacinto - Tatiana Mari Tanaka Moritaka - Tatiana Paes de Barros Bottiglieri Figueiredo - Tatiana Valois Coelho Barroso dos Santos - Tatiane Oliveira Borges - Tatiany Lopes Lessa - Tayana Moreira de Faria - Taynara Araújo Carvalho Santos - Táyra Dall'Oglio Hoffmann Gomes Ferreira - Telma Pedrosa Pina - Teresa Cristina Andrade de Oliveira - Teresa Cristina Martins Priante - Tereza Christina Gomes N. e S. Bastos - Têrsio Oliveira Archanjo dos Santos - Teshome Ketema Edessa - Thadeu Rezende Provenza - Thaiana Cerqueira Ferraz - Thaina Marina Furlanetti - Thais Andrade Lacerda - Thais Businaro Fernandes João - Thais Dvulatk Marques Pançan - Thais Karla Vivan - Thais Mansur Motta - Thais Maria Pereira Kubota - Thais Paiva Moraes - Thais Perez Vazquez - Thais Regina Daltoé Inglez - Thais Regina Rodrigues Poggi Makhloof - Thais Vicentine Xavier - Thaísa da Silva Vieira - Thaísa de Souza Lima - Thales Penfold Muniz S. de Souza - Thalita Saraiva Andriola - Thamyra Manenti Bonfante - Thamyse Fernanda de Sá Dassie - Thássia Mariz Melo de Paula - Thatyane Espósito Gallo Cunha - Thauana Dias Dos Santos - Thayana Maria Jorge Camargo - Thays Thanner Ferreira Rocha - Thaysa Estevão Fernandes - Thereza Christina Cypreste Miranda - Thereza Christine Ranção - Thereza Racquel Moura Baptista de Mello Nogueira - Therezinha de Jesus Motta Figueira - Thiago Alexi Freitas - Thiago Astorga Martins - Thiago Batista de Menezes - Thiago Gaspar - Thiago Gonzalez Barbosa e Silva - Thiago Pereira Alencar - Thiago Santos Lima Almendra - Thiago Santos Novais - Thiago Silva Becker - Thiers Deda Gonçalves - Thyago Costa Feitosa - Ticiane Ponciano de Oliveira Lima - Tomas Yung Joon Kim - Tulio Trevisan - Ubiratan Wagner de Sousa - Urandi Franco Riella da Fonseca - Uriel Guilherme Pereira - Valdenrique Macêdo de Sousa - Valdir José da Costa - Valéria César da Costa Brito - Valéria de Fátima da Silva Coutinho - Valéria Fernandes Roppa Cruz - Valéria Martins Pantoja - Valéria Soares Matheus - Valesca Cristina Mesquita Boraschi - Valterci Alves da Silva - Vander José Ramalho Lima - Vanessa do Valle Vieira Amoroso Dias - Vanessa dos Anjos Sandes - Vanessa Leal Ramos - Vanessa Leão Pedrozo Rajo - Vanessa Maia da Silva - Vanessa Maria Honório de Sá - Vanessa Monteiro Sanvido - Vanessa Paes Oliveira Vieira Silva - Vanessa Pollyana Braz Mendonça Campos - Vanessa Ribeiro Lopes - Vanessa Saliba Donatelli - Vanessa Villela Pignataro - Vânia Ravizzini Manoel Sondermann - Vanildo Prado - Vera Lucia Antunes de Petribu Faria - Vera Lucia Nunes Aguillar - Verônica Jorge Ayres - Verônica Pereira Ferraz - Versania Imaculada Cruz Susana - Vicente Rozauro Vidal - Vicente Tarricone Júnior - Victor de Alencar Moura - Victor Rocha Pires de Oliveira - Vidianna Barbosa Sampaio - Vilmar Marques de Oliveira - Vinicius Breda Pereira - Vinicius de Aquino Calasso Correa Gomes - Vinicius Milani Budel - Vinicius Xavier Santana - Virgínia de Assis Silva - Virgínia Moreira Braga - Vitor Manuel Brostel Nunes Leal - Vitor Martins Esteves - Vitória Célia de Bessa e Souza - Vitória Vasconcelos de Lara Resende - Vitória Zambon da Silveira Michelin - Vivian Calmon Hirdes Ferreira - Vivian Fontana - Viviane do Carmo Santos - Viviane Fernandes Schiavon - Viviane Ferreira Esteves de Mattos - Viviane Grau Miyaki - Viviane Grosse Bressan - Viviane Lubanco Thomé Reis - Viviane Rigoni - Wagner Antonio Paz - Wailton José Rodrigues - Waldeir José de Almeida Júnior - Waldyr Gomes da Costa Neto - Waldyr Muniz Oliva Filho - Walter de Souza Xavier - Walter Jorge Sobrinho - Wandir Moreira Ramos - Waniuska Borsatto Kuviatz - Wellington Lombardi - Wellerson de Aguiar Miranda - Wellington Ferraz da Costa - Wellington Martins de Souza - Wesley Pereira Andrade - Wesley Santos Vinhadelli - William Davila Delgallo - Willian Simões Clagnan - Wilmar José Manoel - Wilson Batista - Wilson Garcia Pereira - Wilson Roberto Batista - Yara Carolina Monte de Sena Rosa - Yara Farias de Mattos - Yara Maraisa Souza Siqueira - Yasmin Shukair - Yedda Nunes Reis - Ygor Vieira de Oliveira - Yolaine Del Carmen Vásquez Vásquez - Yong Kyun Joo - Yuri Adrenovitch Oliveira Marques - Yuri Costa de Araujo Moraes - Yves de Oliveira Milhomem - Zuleik Barros Gomes

Alfredo Barros, um exemplo



EZIO NOVAIS DIAS

É claro que não poderíamos encerrar esta edição tão especial de nossa revista sem rendermos homenagens ao nosso querido colega e mestre Alfredo Barros. Considero uma honra que tenha cabido a mim falar sobre este grande nome da mastologia brasileira.

Nascido em São Paulo, cresceu em Marialva, no Paraná, cidade em que atuava seu pai, Eurico Jardim Dornellas de Barros, formado pela Escola Paulista de Medicina, do qual herdou o talento e o apreço pela profissão. Aos 17 anos, ingressou na faculdade de medicina da USP. Fez residência em ginecologia e obstetrícia no Hospital das Clínicas, depois passou a atuar na obstetrícia daquela instituição e, ao mesmo tempo, na Clínica

Franco Montoro, especializada em mastologia. A partir daí construiu uma carreira marcada pelo sucesso em todas as suas iniciativas e em todos os lugares pelos quais passou.

Alfredo presidiu a SBM e a Federação Latinoamericana de Mastologia e atualmente é vice-presidente para a América Latina da Sociedade Mundial de Mastologia (SIS). Fundou o serviço de mastologia do Sírio-Libanês, a Escola Brasileira de Mastologia e a Academia Brasileira de Mastologia. Publicou mais de 150 trabalhos em revistas médicas e se tornou convidado frequente de prestigiadas instituições internacionais.

Aproveito para reproduzir aqui trechos de seu depoimento por ocasião dos 60 anos da SBM.

“A história da Sociedade Brasileira de Mastologia é uma história de muito sucesso que eu pude acompanhar mais de perto a partir de quando terminei minha residência, em 1981. Em 1982 participei de meu primeiro congresso da instituição. E já era um congresso pujante. Foi na Bahia, teve 600, 700 participantes, e contando com speakers do gabarito do professor Umberto Veronesi e do professor Gianni Bonadonna.

De lá para cá, neste período em que acompanhei a SBM, nós só vimos um crescimento constante. Vimos seu reconhecimento pelo Conselho Federal de Medicina e pela Associação Médica Brasileira, vimos a criação da residência médica. Hoje somos um exemplo para a comunidade que trabalha com câncer de mama no mundo porque a nossa sociedade definiu primeiro, antes das outras, o que é um mastologista.

“De uns anos para cá, lidamos no mundo a consagração de que a oncoplástica faz parte da reabilitação do paciente do câncer de mama e, portanto, é prerrogativa do cirurgião mastologista realizá-la também.

“Temos muito a comemorar. Somos um exemplo em termos de sociedade de mastologia para o mundo.”



As partes iniciais desta edição, com a história da mastologia e a história da SBM, tem como base o livro *Uma História da Mama* (2009, Da Barca Casa Editorial), de autoria de José Luiz Pedini e Eliziário Goulart Rocha, com acréscimo da colaboração dos mastologistas.

A SBM NA HISTÓRIA DA MASTOLOGIA

65 anos de evolução na luta pela qualidade

MASTOLOGIANEWS